

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Campus de Rio Claro

**“O ARRANJO PRODUTIVO DE MALHARIAS
RETILÍNEAS EM SOCORRO (SP): ORGANIZAÇÃO DO
ESPAÇO INDUSTRIAL E A INFORMALIDADE”**

VALTER ALEXANDRE DE OLIVEIRA

Orientador: Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes
(Departamento de Geografia - Unesp/RC)

Dissertação de Mestrado
elaborada junto ao Programa
de Pós-graduação em
Geografia – Área de
Organização do Espaço, para
obtenção do título de Mestre
em Geografia.

Rio Claro (SP)
2008

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes
Orientador – UNESP - Rio Claro

Prof. Dr. Pedro Geraldo Tosi
Examinador – UNESP - Franca

Prof. Dr. Márcio Antônio Cataia
Examinador – UNICAMP - Campinas

VALTER ALEXANDRE DE OLIVEIRA

Rio Claro, 13 de Outubro de 2008

Resultado: APROVADO

Este trabalho é dedicado à minha melhor
amiga e incentivadora: minha noiva Renata

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e à minha família;

Ao Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes pela oportunidade, orientação e dedicação no desenvolvimento deste trabalho;

À minha noiva Renata, pelo estímulo à conclusão desta pesquisa e pela compreensão das inúmeras vezes em que estive ausente;

Aos professores e funcionários da pós-graduação da UNESP de Rio Claro;

Aos colegas de trabalho Maria, Luíz e Manô pelas revisões de texto;

Aos proprietários das escolas onde leciono pela compreensão das minhas ausências no trabalho para atender aos compromissos relacionados ao desenvolvimento desta dissertação;

Aos empresários, trabalhadores e funcionários de instituições diversas pelos imprescindíveis depoimentos;

E a todos que, de alguma forma, colaboraram para a concretização desta pesquisa.

Muito obrigado.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE TABELAS.....	x
ÍNDICE DE FIGURAS E FOTOS.....	xiv
RESUMO.....	xvi
ABSTRACT.....	xvii
INTRODUÇÃO.....	1

PARTE I EMBASAMENTO TEÓRICO

1- AS TRANSFORMAÇÕES DO PARADIGMA PRODUTIVO E O PAPEL DO LUGAR NO SISTEMA GLOBAL.....5

1.1 – A REESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA PRODUTIVO INTERNACIONAL.....5

1.2 - A INSERÇÃO DO LOCAL AO GLOBAL.....9

2- REESTRUTURAÇÃO DA PRODUÇÃO E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO: AS ARTICULAÇÕES DOS LUGARES FRENTE AOS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO.....15

2.1 – O MODELO ENDÓGENO DE DESENVOLVIMENTO ESTRUTURADO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS.....15

2.2 - AGLOMERAÇÕES INDUSTRIAIS.....18

2.3 – ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS (APL's) – CONCEITUAÇÃO E EVOLUÇÃO.....25

2.4 – DESINTEGRAÇÃO DA PRODUÇÃO, *LINKAGES* E O TRABALHO EM DOMICÍLIO.....28

2.4.1 – RELAÇÕES DE APRENDIZADO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NOS ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS.....29

2.4.2 – GOVERNANÇA.....	32
2.4.3 – RELAÇÕES DE SUBCONTRATAÇÃO E O TRABALHO EM DOMICÍLIO.....	34
2.5 – A EVOLUÇÃO DO TRABALHO INFORMAL NO BRASIL.....	37
2.5.1 – A EVOLUÇÃO DO TRABALHO EM DOMICÍLIO.....	46

3 – EVOLUÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES E MALHARIAS RETILÍNEAS NO BRASIL.....53

3.1- A EVOLUÇÃO DO SETOR DE CONFECÇÕES NO BRASIL.....	53
3.2 – AS MALHARIAS RETILÍNEAS.....	56
3.3 – O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DOS MUNICÍPIOS DO CIRCUÍTO DAS MALHAS.....	66
3.3.1 – MONTE SIÃO.....	69
3.3.2 – JACUTINGA.....	71
3.3.3 – SOCORRO.....	72
3.3.3.1 – PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE SOCORRO.....	75
3.3.3.2 – PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS DO MUNICÍPIO DE SOCORRO.....	75

PARTE II

ESTUDO DE CASO: O AGLOMERADO PRODUTIVO DE MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

4 – MALHARIAS RETILÍNEAS: ANÁLISE DA ESTRUTURA PRODUTIV DO AGLOMERADO INDUSTRIAL DE SOCORRO.....	78
4.1 - PERFIL DOS EMPRESÁRIOS DO SETOR DE MALHARIAS RETILÍNEAS.....	79

4.2 - PERFIL DAS EMPRESAS DO SETOR DE MALHARIAS RETILÍNEAS.....	85
4.2.1 - ESTRUTURA DAS MALHARIAS RETILÍNEAS.....	87
4.2.2 - MATÉRIAS-PRIMAS.....	89
4.2.3 TECNOLOGIA.....	93
4.2.4 MERCADO.....	99
4.2.5 RELAÇÕES DE PRODUÇÃO.....	112
4.2.5.1 RELAÇÕES DE SUBCONTRATAÇÃO DE OUTRAS MALHARIAS OU OFICINAS DE COSTURA.....	114
4.2.5.2 MÃO-DE-OBRA EMPREGADA NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	121
4.2.5.3 A UTILIZAÇÃO DO TRABALHO EM DOMICÍLIO NO AGLOMERADO PRODUTIVO DE MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	128
4.2.5.4 TRABALHO ESPECIALIZADO EM DOMICÍLIO.....	134
4.3 COMPETITIVIDADE.....	135
4.3.1 PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS ATUALMENTE PELAS MALHARIAS DE SOCORRO NA VISÃO DO EMPRESARIADO LOCAL.....	135
4.3.2 VANTAGENS E DESVANTAGENS LOCACIONAIS.....	139
4.4 O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES NO APOIO AO DESENVOLVIMENTO DO AGLOMERADO PRODUTIVO DE SOCORRO.....	141
4.4.1 PREFEITURA E CÂMARA MUNICIPAL.....	142
4.4.2 INSTITUIÇÕES DE ENSINO PRIVADAS.....	144
4.4.3 ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E EMPRESARIAL – ACE.....	144
4.4.4 SINDICATO PATRONAL.....	145
4.4.5 SINDICATO DOS TRABALHADORES.....	146
4.4.6 LINHAS DE CRÉDITO.....	148
4.5 CONCEITUAÇÃO DO AGLOMERADO PRODUTIVO DE SOCORRO.....	150

5 - ANÁLISE DO TRABALHO EM DOMICÍLIO NO AGLOMERADO DE MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	152
5.1 PERFIL DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO.....	152
5.2 AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO ENTRE AS MALHARIAS RETILÍNEAS E OS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	162
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
BIBLIOGRAFIA.....	183
ANEXOS.....	189

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1 – COMPOSIÇÃO DA ESTRUTURA INDUSTRIAL DO MUNICÍPIO DE SOCORRO EM 2005.....	78
TABELA 2 - RAZÕES QUE ESTIMULARAM OS EMPRESÁRIOS SOCORRENSES A INVESTIREM NO SETOR DE MALHARIAS RETILÍNEAS.....	80
TABELA 3 - ORIGEM DOS EMPRESÁRIOS QUE INVESTIRAM NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	82
TABELA 4 - ATIVIDADES DOS EMPRESÁRIOS SOCORRENSES ANTES DOS INVESTIMENTOS NO RAMO DE MALHARIAS RETILÍNEAS.....	83
TABELA 5 - OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS MANTIDAS PELOS MALHARISTAS DE SOCORRO.....	84
TABELA 6 - ANO DE FUNDAÇÃO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS.....	87
TABELA 7 - LOCAL DE FUNCIONAMENTO DA EMPRESA.....	88
TABELA 8 - TIPOS DE FIOS UTILIZADOS NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	90
TABELA 9 - LOCALIZAÇÃO DOS DEPÓSITOS DE ONDE PROVEM AS MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	91
TABELA 10 - LOCALIZAÇÃO DAS FÁBRICAS FORNECEDORAS DIRETAS DE MATÉRIAS-PRIMAS PARA AS MALHARIAS DE SOCORRO.....	92
TABELA 11 – SETORES INFORMATIZADOS DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	95
TABELA 12 – TIPOS MÁQUINAS DE TECELAGEM UTILIZADAS NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	96
TABELA 13 – RAZÕES DOS INVESTIMENTOS EM NOVAS MÁQUINAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	98
TABELA 14 - CAUSAS DAS MUDANÇAS DOS TIPOS DE PRODUTOS FABRICADOS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	100

TABELA 15 - PRINCIPAIS CLIENTES DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	103
TABELA 16 - LOCALIZAÇÃO DAS LOJAS DE FÁBRICA DAS MALHARIAS DE SOCORRO.....	107
TABELA 17 - PRINCIPAIS MERCADOS ONDE ATUAM AS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	109
TABELA 18 - PÚBLICO ALVO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	110
TABELA 19 - ESTRUTURA DA CLIENTELA DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	111
TABELA 20 - FORMAS DE PRODUÇÃO NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO..	113
TABELA 21 - ETAPAS PRODUTIVAS REALIZADAS EM ESTRUTURAS PRÓPRIAS DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	115
TABELA 22 - ETAPAS PRODUTIVAS SUBCONTRATADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO EM OUTRAS MALHARIAS OU OFICINAS DE COSTURA.....	116
TABELA 23 - PERÍODOS DE SUBCONTRATAÇÃO DE MALHARIAS RETILÍNEAS E/OU OFICINAS DE COSTURA PELAS MALHARIAS DE SOCORRO E LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS.....	118
TABELA 24 - IDENTIFICAÇÃO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO QUE PRESTAM SERVIÇOS DE SUBCONTRATAÇÃO E SUAS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES.....	119
TABELA 25 - LOCALIZAÇÃO(S) DA(S) EMPRESA(S) CONTRATANTE(S) DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	120
TABELA 26 - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS OCUPADOS NOS SETORES PRODUTIVOS E ADMINISTRATIVOS DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	121
TABELA 27 - MÉDIA SALARIAL PARA OS SETORES PRODUTIVO E ADMINISTRATIVO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	123

TABELA 28 - VARIAÇÃO DO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS ENTRE 2005 E 2007 NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	124
TABELA 29 – MOTIVOS QUE ESTIMULARAM AS DEMISSÕES NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS.....	125
TABELA 30 - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS CONTRATADOS TEMPORARIAMENTE E MESES DE ATUAÇÃO NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	127
TABELA 31 - UTILIZAÇÃO DE TRABALHO A DOMICÍLIO PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	129
TABELA 32 - LOCALIZAÇÃO DOS DOMICÍLIOS DAS COSTUREIRAS QUE SÃO SUBCONTRATADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	131
TABELA 33 - ETAPAS DA PRODUÇÃO SUBCONTRATADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	132
TABELA 34 - RAZÕES QUE INVIABILIZAM A FORMALIZAÇÃO DOS TRABALHADORES A DOMICÍLIO SEGUNDO OS MALHARISTAS DA CIDADE DE SOCORRO.....	133
TABELA 35 - PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELO SETOR DE MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO SEGUNDO OS EMPRESÁRIOS LOCAIS.....	136
TABELA 36 -VANTAGENS LOCACIONAIS.....	139
TABELA 37 - DESVANTAGENS LOCACIONAIS.....	141
TABELA 38 – OPINIÃO DOS EMPRESÁRIOS DO RAMO DE MALHARIAS RETILÍNEAS QUANTO A EFICIÊNCIA DA ACE DE SOCORRO.....	144
TABELA 39 - RAZÕES DAS TOMADAS DE EMPRÉSTIMOS E UTILIZAÇÃO DE CRÉDITOS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO.....	149
TABELA 40 - FAIXA ETÁRIA DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO....	153
TABELA 41 - ESTADO CIVIL DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO....	154
TABELA 42 - NÚMERO DE FILHOS DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	155

TABELA 43 - COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	156
TABELA 44 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	157
TABELA 45 - NATURALIDADE DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	158
TABELA 46 - RAZÕES QUE EXPLICAM O TRABALHO EM DOMICÍLIO PELOS TRABALHADORES DE SOCORRO.....	160
TABELA 47 - SITUAÇÃO LEGAL DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	161
TABELA 48 - NÚMERO DE CONTRATANTES DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	164
TABELA 49 - LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS CONTRATANTES DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	165
TABELA 50 - TIPOS DE SERVIÇOS REALIZADOS PELOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	167
TABELA 51 - TEMPO, EM ANOS, HÁ QUE OS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO ATUAM NO SEGMENTO.....	170
TABELA 52 - NÚMERO DE HORAS TRABALHADAS DIARIAMENTE PELOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO.....	173
TABELA 53 - PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS SEGUNDO A OPINIÃO DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO.....	179

ÍNDICE DE FIGURAS E FOTOS

A) ESQUEMAS

ESQUEMA 1 - TIPOLOGIA DE CADEIAS PRODUTIVAS.....	34
ESQUEMA 2 – FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE FABRICAÇÃO DE UMA MERCADORIA EM UMA MALHARIA RETILÍNEA.....	59
ESQUEMA 3 - PRINCIPAIS FASES DE PRODUÇÃO DE UMA BLUSA EM UMA MALHARIA RETILÍNEA DE SOCORRO.....	60
MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO CIRCUÍTO DAS MALHAS.....	67

B) FOTOS

FOTO 1 – COMPUTADOR UTILIZADO PARA A PROGRAMAÇÃO DOS MODELOS A SEREM CONFECCIONADOS.....	60
FOTO 2 – CONICALEIRA.....	60
FOTO 3 - MÁQUINA RETILÍNEA.....	61
FOTO 4 – CORTADOR.....	61
FOTO 5 – OVERLOQUE.....	62
FOTO 6 - MÁQUINA RETA.....	62
FOTO 7 – MÁQUINA RETA.....	63
FOTO 8 – GALONEIRA.....	63
FOTO 9 – TRAVETI.....	64
FOTO 10 – FUNCIONÁRIA REALIZANDO O ACABAMENTO MANUAL.....	64
FOTO 11 – FUNCIONÁRIA PASSANDO UMA BLUSA.....	65
FOTO 12 – BLUSA EMBALADA E PRONTA PARA A COMERCIALIZAÇÃO.....	65

FOTO 13 - VISTA EXTERNA DO “MODA SHOPPING”	105
FOTO 14 - VISTA INTERNA DO “MODA SHOPPING”	105
FOTO 15 - VISTA EXTERNA DA FEIRA DE MALHAS.....	105
FOTO 16 - PANORAMA DOS STANDS DA FEIRA DE MALHAS.....	105
FOTO 17 - BLUSA FEMININA E CACHECOL.....	106
FOTO 18 - BOLSA DE TRICÔ.....	106
FOTO 19 - BLUSA MASCULINA.....	106
FOTO 20 - INTERIOR DE UMA LOJA DE FÁBRICA.....	106

RESUMO

A organização social e econômica mundial passou a estruturar-se sob o paradigma da globalização, a qual vem assumindo uma forma mais dinâmica nas últimas décadas. O aumento da competitividade em nível internacional determinou um processo de reestruturação do sistema produtivo industrial, cujo principal objetivo é a constante evolução na qualidade das mercadorias, acompanhada pela redução dos custos de produção. Num panorama onde as grandes empresas possuem diversas vantagens em relação às menores, alguns aglomerados de micro e pequenas empresas especializadas em determinados setores ganham destaque no cenário mundial, graças a um sistema de cooperação mútua desenvolvido internamente. O município de Socorro, estado de São Paulo, caracteriza-se por pela presença de um aglomerado industrial especializado no ramo de malharias retilíneas, posicionando-se como um dos principais centros de produção do setor no estado. Este trabalho busca compreender o processo evolutivo e a atual estrutura das malharias de Socorro, assim como realizar uma análise da teia de relações existente entre os atores locais inseridos no processo produtivo. Os enfoques principais concernem às condicionantes do surgimento e evolução do aglomerado local; as reações das empresas frente às mudanças políticas e econômicas ocorridas nas últimas décadas em nível nacional e internacional; o perfil dos empresários e funcionários das malharias; e as situações dos trabalhadores em domicílio, um tradicional tipo de mão-de-obra caracterizado, na maioria das vezes, pelos baixos rendimentos e precárias condições de trabalho.

Palavras-chave: Socorro. Aglomerado produtivo. Malharias retilíneas. Informalidade.

ABSTRACT

The social and economical world organization is being structured under the globalization paradigm, which has become more dynamic in the last decades. The raise in competitiveness has determined a manufacturing system reorganization, the main target of which is a constant evolution in goods quality, followed by the production cost reduction. In a scenario where big companies have several advantages over the smaller ones, some specialized micro and small industries concentration have achieved international success, due to a mutual cooperation system developed internally. A group of small factories specialized in knitting clothing production, located in Socorro - Sao Paulo state, makes the town one of the main production centers of this kind of goods. This study focus in understanding the historical evolution of the knitting clothing factories in Socorro, as well as analyzing the relationship among the elements inside the productive process. The main targets are concerned with appearance and development conditions of the local group of industries; the business strategies taken along with the political and economics changes in the last decades, either in international and national levels; the business community and staff profiles; and the situation of the house workers, a traditional sort of occupation characterized mostly by the low wages and precarious working conditions.

Key words: Socorro. Group of micro and small industries. Knitting clothes factories. Informality.

Introdução

A adoção de uma política econômica de caráter neoliberal no Brasil a partir do início da década de 1990, caracterizada pela abertura de mercado, o Plano Real e o controle inflacionário, refletiu na inserção do país, de forma mais consistente, no processo de globalização da economia.

A entrada de empresas e produtos internacionais determinou a reorganização de diversos setores econômicos do país, uma vez que o acirramento da competitividade obrigou os empresários locais a investirem na capacitação produtiva e administrativa de seus empreendimentos.

Em meio a essas transformações, nas quais o essencial é a busca da maior eficiência e da melhor qualidade produtiva, a custos reduzidos, o trabalho informal mantém-se como um dos pilares de funcionamento de diversos segmentos, principalmente nas indústrias de bens de consumo de baixa tecnologia agregada.

As malharias retilíneas, uma das variedades das tradicionais indústrias de vestuários, vêm se posicionando, nas últimas décadas, como uma das principais atividades econômicas do Circuito das Malhas, região composta por 11 municípios dos estados de São Paulo e Minas Gerais, onde esse setor tornou-se um dos maiores geradores de empregos e renda.

Esse trabalho tem como **objetivo** analisar a estrutura industrial e as relações de produção, com ênfase no trabalho informal, no aglomerado produtivo do setor de malharias retilíneas do município de Socorro, estado de São Paulo, correlacionando suas principais características às propostas conceituais encontradas na bibliografia da Geografia Econômica atual.

Verifica-se em Socorro, segundo informações da Prefeitura Local, do Sindicato dos Trabalhadores e dos próprios empresários, uma importante participação de trabalhadores sem registro em carteira no processo produtivo, mas não há ainda qualquer estudo mais aprofundado sobre a questão. Espera-se com a presente pesquisa, mostrar a relevância do mesmo para a manutenção do aglomerado produtivo de malhas de Socorro, trazendo desta forma uma contribuição sobre o tema.

Além do seu valor acadêmico, este trabalho busca também a criação de uma fonte de dados econômicos e sociais da cadeia produtiva local, assim como suas tendências, que possa servir como um auxílio para instituições públicas e/ou privadas na

formulação de planos de desenvolvimento e geração de empregos dentro do setor de malharias retilíneas.

Para a realização de uma análise das relações de produção, assim como seus impactos socioeconômicos em Socorro, é necessária uma compreensão da cadeia produtiva local como um todo, destacando sua origem, estrutura, organização e papel dos atores inseridos nos processos produtivos e, posteriormente, as reações dessa estrutura frente às tendências do mercado em se tornar cada vez mais globalizado e competitivo.

Os **procedimentos metodológicos** adotados nesta pesquisa serão descritos a seguir.

Para a obtenção dos dados das empresas e empresários, foi coletada em agosto de 2005, nos escritórios contábeis da cidade, uma relação com o número de malharias em atividade, o tempo de atuação e o número de funcionários de cada uma delas.

Descobrimos que havia, no município de Socorro, um total de 88 malharias retilíneas. Com base nesse número, foi definido que a amostragem seria composta por um grupo de vinte empresas, ou 22,72% do total, porcentagem que consideramos o suficiente, tratando-se de um aglomerado produtivo especializado no ramo de malhas.

Através de conversas informais com alguns empresários e contadores, fomos informados que a maioria das malharias trabalha com firma legalizada, porém muitas vezes o faturamento declarado não corresponde à realidade.

Na impossibilidade de sabermos os reais movimentos financeiros de cada empresa, optamos por selecionar, na amostragem, duas malharias consideradas de grande porte para os padrões locais, sendo que o critério utilizado foi o número de funcionários registrados. Assim, escolhemos os dois maiores empreendimentos de Socorro neste segmento, os quais contratavam 203 e 51 funcionários respectivamente. O principal objetivo de selecionarmos tais empresas foi o de descobrirmos se há algum tipo de influência hierárquica das mesmas no aglomerado, ou seja, se elas exercem ou não o papel de empresas âncoras em relação aos estabelecimentos de menor porte.

A escolha das outras dezoito empresas da amostragem ocorreu por sorteio simples. Dentre os empresários sorteados, apenas dois tiveram que ser substituídos, sendo um pela dificuldade de marcar um horário para aplicação do questionário, e o outro por trabalhar apenas como oficina de costura. Assim, dois outros empreendimentos foram sorteados e entrevistados.

Concomitantemente à coleta de dados nas malharias, houve a aplicação de outros vinte questionários a trabalhadores que se dedicam à realização de mão-de-obra para a produção de tricô em suas próprias residências, ou seja, os trabalhadores em domicílio. O principal objetivo dessas perguntas foi diagnosticar o perfil desses trabalhadores, seus rendimentos, condições e tipos de trabalhos realizados, seus papéis dentro cadeia produtiva, além de suas respectivas opiniões sobre o setor na cidade de Socorro.

Pelo fato de não existirem quaisquer registros ou estudos sobre esses trabalhadores, e conseqüentemente referências das localizações de suas residências, o levantamento da amostragem se deu por prévio conhecimento do pesquisador, natural e morador do município, de algumas pessoas que costumam em seus domicílios que, posteriormente, indicavam outros conhecidos que também se dedicam a esse tipo de serviço. Informações colhidas junto aos empresários também foram utilizadas para a localização dessas residências.

Os capítulos da pesquisa encontram-se estruturados da seguinte forma:

O capítulo 1, **as transformações do paradigma produtivo e o papel do lugar no sistema global**, destaca a reestruturação do sistema produtivo internacional, como conseqüência da Terceira Revolução Industrial. São tratados fenômenos como a desintegração industrial, o avanço tecnológico, o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação e o crescimento da competitividade, conseqüências de uma nova lógica de mercado baseada no progressivo aumento de investimentos em pesquisa e desenvolvimento.

Em seguida, é discutido o papel que o **lugar** assume num sistema econômico globalizado, tornando parte de redes de produção, consumo e relações que extrapolam a fronteiras nacionais. É fundamental a compreensão de que, apesar das singularidades pertinentes a cada localidade, os caminhos a serem seguidos por cada um deles estão condicionados às tendências de um mercado global, resultado de um crescente aumento do nível de interdependência entre os agentes produtivos.

No capítulo 2, **reestruturação da produção e das relações de trabalho: as articulações dos lugares frente os desafios da globalização**, abordaremos teorias relacionadas às formas de organização de diferentes lugares como reflexo das transformações do sistema econômico mundial nas últimas décadas.

A discussão inicia-se com a teoria do desenvolvimento endógeno, um fenômeno notado em diversas áreas do mundo, onde aglomerados de micro e pequenas empresas,

num sistema de cooperação com a população e as instituições locais, sem o apoio de políticas externas específicas, promoveram o desenvolvimento econômico e social desses locais.

Procuramos identificar as principais relações de produção presentes nesses aglomerados, resultado da adoção de diferentes estratégias competitivas, dentre as quais destacamos a **desintegração produtiva, as linkages, o trabalho em domicílio** e a utilização de trabalhadores que atuam na **informalidade**.

A proximidade geográfica contribui para a construção histórica de um ambiente cooperativo no aglomerado industrial, resultando num sistema de relações de aprendizado e inovação tecnológica. Assim, buscamos compreender também as possíveis formas de **governança**, ou seja, os diferentes graus de influência e liderança que empresas podem ter dentro das aglomerações empresariais.

O capítulo 3, a reestruturação das indústrias de confecções e malharias retilíneas no Brasil, aborda a estruturação das indústrias de confecções no Brasil, desde a influência portuguesa no período colonial até a sua situação atual, enfatizando o segmento de malharias retilíneas.

Em seguida, realizamos um estudo sobre a **história e atual estrutura socioeconômica dos municípios do Circuito das Malhas**. Através de uma abordagem geográfica e histórica regional, há um esforço em compreender as condicionantes que delinearam o surgimento e desenvolvimento das malharias retilíneas nas cidades que compõem o Circuito das Malhas, enfatizando o município de Socorro. Sendo a caracterização das relações de produção e do atual estágio de desenvolvimento deste APL um dos objetivos desse trabalho, buscou-se ainda descrever a estrutura física dessas malharias e interpretar o sistema de relações internas e externas nas quais essas empresas estão envolvidas.

Dentre as características empresariais estudadas, destacam-se as matérias-primas, as máquinas, a mão-de-obra, os mercados consumidores, as atuações de instituições públicas e privadas, os perfis dos empresários e suas visões gerais em relação ao APL local.

CAPÍTULO 1

AS TRANSFORMAÇÕES DO PARADIGMA PRODUTIVO E O PAPEL DO LUGAR NO SISTEMA GLOBAL

A Terceira Revolução Industrial é marcada por um processo de reestruturação produtiva que, estimulada pela evolução tecnológica, apresenta um progressivo aumento de recursos destinados à pesquisa e desenvolvimento.

A desintegração industrial, o avanço tecnológico, a expansão dos mercados graças ao desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação e o acirramento da competitividade são conseqüências características do sistema econômico mundial na atualidade.

Nesse panorama, o lugar passa a fazer parte de complexas redes de produção e consumo, cujas relações de interdependência extrapolam as fronteiras nacionais e as reestruturações internas estão condicionadas às tendências de um mercado global.

1.1 A reestruturação do sistema produtivo internacional

Nas últimas décadas, a organização social e econômica mundial passou a estruturar-se sob o paradigma da globalização da economia que, apesar de suas raízes internacionais remontarem ao período mercantilista, assume uma forma mais dinâmica na atualidade, graças, principalmente, ao desenvolvimento da tecnologia, dos meios de transporte e de comunicação. Segundo Castells (1999, p. 111), o final do século XX caracterizou-se pela formação de uma economia “verdadeiramente global”, com o desenvolvimento tecnológico possibilitando transações comerciais e financeiras entre diferentes pontos do planeta em tempo real.

Conforme Vázquez Barquero (2002, p.14) “[...] há uma década se vem assistindo ao fortalecimento das relações econômicas, políticas e institucionais entre os países, o que pode levar a formação de um sistema global”.

As novas estratégias de internacionalização dos investimentos comerciais e industriais traçadas pelas empresas, a evolução tecnológica, o aumento da produtividade e a busca de novos mercados consumidores, tiveram como conseqüência direta um sensível crescimento dos volumes negociados no comércio mundial, implicando no aumento da concorrência em todos os níveis, desde o local ao internacional.

A evolução dos sistemas produtivos industriais foi possibilitada pelas altas somas de capital aplicadas em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de forma contínua em diversos setores de alta tecnologia, tais como a microeletrônica, processamento e transmissão de dados e informações, engenharia de materiais, biotecnologia, robótica e engenharia genética, além de investimentos paralelos para o desenvolvimento de métodos administrativos que correspondessem às novas necessidades.

Durante a década de 1970, o sistema produtivo Fordista/Taylorista já não se adequava às mudanças promovidas pela evolução tecnológica mundial. O modelo de indústria verticalizada, que tinha como principais características a produção em escala, a standardização das mercadorias, a formação de grandes estoques e a especialização dos operários em uma tarefa definida já não respondia eficientemente às exigências de um mercado que se tornava mais flexível.

Segundo Mendes (1995, p.1),

O período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo – paradigma baseado na linha de montagem e na produção em massa – de conter as contradições inerentes ao capitalismo. A profunda recessão de 1973, exacerbada pelo choque do petróleo pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o modelo fordista.

Num panorama de grandes transformações, a economia japonesa, que atingia um alto nível de desenvolvimento já em meados dos anos 70, sugere um novo padrão de trabalho para o chão de fábrica. Diante da incapacidade do sistema Fordista/Taylorista em atender um novo paradigma de consumo, desenvolveu-se um conceito em produção, de característica flexível: o sistema *Kan Ban*, ou *Just in Time*, ou ainda *Toyotismo*¹, cujo ponto fundamental era um atendimento eficiente para um novo paradigma de consumo, o qual demandava a fabricação de produtos de qualidade e com alta tecnologia agregada.

Ao oferecerem produtos de maior valor agregado e que apresentavam um caráter mais exclusivo aos consumidores, as indústrias japonesas passaram a conquistar diversos mercados em nível internacional, muitas vezes superando concorrentes norte-americanas que, ainda estruturadas no sistema Fordista/Taylorista, foram obrigadas a se renovarem a fim de não permitirem a ampliação da defasagem entre elas e as empresas nipônicas.

¹ O *Toyotismo* tinha como principais características o estoque zero, o incentivo ao trabalho em equipe, o envolvimento dos trabalhadores nas decisões, o controle de qualidade realizado por cada funcionário durante o processo produtivo – o que reduziu os índices de defeito de fabricação para próximo de zero, além de uma hierarquia menos visível entre os operários.

No final da década de 1970 e início da de 1980, sob as lideranças do então presidente dos EUA Ronald Reagan e da primeira ministra inglesa Margaret Thatcher, a política do neoliberalismo ganha força. A economia mundial passa, a partir da imposição de novas regras comerciais, por uma progressiva liberalização dos mercados, com as fronteiras desaparecendo, a figura do estado perdendo importância e as companhias transnacionais e multinacionais reestruturando-se de modo a aproveitar da melhor forma possível as vantagens competitivas encontradas em cada lugar. A partir de então, três fatores econômicos de relevância merecem destaque.

Primeiramente, a integração espacial possibilitada pelos avanços tecnológicos dos já citados meios de transporte e comunicação permitiu às empresas atuarem em nível mais global. As grandes corporações, principalmente as sediadas nos países mais ricos, passaram a ter maior acesso a mercados em áreas mais distantes e isoladas, antes nichos quase que exclusivo dos pequenos e médios negócios locais.

O segundo fator foi o aproveitamento das potencialidades de diversas regiões na realização de diferentes etapas da produção. Diferenciais como oferta de mão-de-obra especializada, a presença de centros de pesquisas, matérias-primas e incentivos fiscais, entre outros, puderam ser avaliados pelas empresas para a escolha do local a ser fabricado ou montado cada componente de um produto, de acordo com a disponibilidade de recursos e o nível de especialização de mão-de-obra exigido em seus respectivos processos.

O terceiro fator foi o acesso aos meios de comunicação, principalmente a TV e a *internet* por uma parcela cada vez maior da população. Tal acontecimento possibilitou uma dispersão mais acentuada dos modelos culturais da sociedade ocidental capitalista e seu impacto econômico e social está diretamente ligado à homogeneização do padrão consumista em escala global.

O Brasil sente mais tardiamente essas transformações, pois, até a abertura do mercado promovida a partir de 1990, no governo de Fernando Collor, a economia do país encontrava-se relativamente isolada, fruto de uma política protecionista praticada até então. A partir daí, a facilitação da entrada de produtos importados na economia nacional impactou diversos setores produtivos, dentre eles as indústrias têxteis e de confecções, estudadas respectivamente por Mendes (1997) e Matushima (2005). Essas empresas tiveram grandes dificuldades em se manterem num mercado que se tornava mais competitivo graças à entrada maciça de concorrentes internacionais, e a

reestruturação interna foi o caminho seguido por muitas daquelas que superaram essa crise.

Segundo Matushima (2005, p.30),

As saídas para a grande crise que se instala foram as mesmas adotadas pelas empresas dos países centrais, como aumento da produtividade, através de novas máquinas e adoção de novos processos produtivos, flexibilização da força de trabalho, abertura ao capital externo, fusões, reestruturação, etc.

Os altos investimentos realizados no setor produtivo possibilitaram não apenas uma concorrência num nível de maior igualdade entre as empresas nacionais e as internacionais em território nacional, mas em alguns casos permitiram também a inserção de produtos brasileiros, tanto os tradicionais quanto os de alta tecnologia, em mercados externos, como é o caso dos calçados infantis de Birigui (Suzigan; Garcia e Furtado, 2001) e da EMBRAER (Bernardes e Pinho, 2003).

A globalização, representada pela desintegração produtiva, homogeneização cultural e econômica, pela tendência de monopolização empresarial e formação de blocos econômicos, entre outros fatores, se faz presente em países ricos e pobres, metrópoles e vilarejos, nas indústrias de grande e pequeno porte, tanto nas tradicionais como nas de alta tecnologia. As unidades produtivas, os fornecedores de matérias-primas, os mercados consumidores, as instituições e os prestadores de serviços diversos localizados em diferentes países, sejam eles desenvolvidos ou não, passam a fazer parte de uma rede de relações maior, que sofre influências de fatores e decisões tomadas por empresários, políticos e instituições não apenas localmente, mas, também, em níveis nacional e internacional.

As reações e o sucesso de cada lugar frente aos desafios da globalização se darão “[...] de acordo com sua dotação de recursos humanos e naturais e sua integração na economia global, independentemente de pertencerem a um Norte ou a um Sul predefinidos.” (Vázquez Barquero, 2001, p.16).

A próxima seção aborda a inserção dos lugares num complexo sistema de relações econômicas global de produção e consumo que se torna cada vez mais complexo, no qual a localização das cidades ou regiões é fator menos importante que o nível tecnológico disponível.

1.2 A inserção do local ao global

A aceleração das transformações econômicas e sociais das últimas décadas, impulsionadas pelo desenvolvimento da tecnologia, nos obriga a refletir sobre o papel que o lugar assume num sistema de relações que atinge uma escala em nível mundial.

Cada lugar é único, resultado de um longo e variado processo histórico que envolve uma combinação de diversos tipos de relações de interdependência, subordinação e dominação entre instituições, organizações econômicas e sociais.

Pode-se considerar o lugar como o produto de uma sucessão de diferentes acontecimentos econômicos, novas formas de investimentos e atividades realizadas ao longo do tempo que, associadas às peculiaridades locais, como cultura e recursos naturais, resultaram na formação de uma identidade própria. A combinação dos hábitos, tradições, costumes e comportamentos, entre outros fatores modelados historicamente pela sociedade, tornam o espaço singular.

Conforme Carlos (1996, p.29),

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade.

O espaço pelo qual o ser humano se familiariza de alguma forma é um lugar. Nesse lugar, cada morador sente-se íntimo dos acontecimentos, da estrutura concreta, dos outros habitantes, dos sistemas de relações econômicas, sociais e culturais que ali ocorrem, enfim, considera-se parte integrante de um sistema vivenciado cotidianamente.

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos (Carlos, 1996, p.20).

Desconsiderando-se alguns povos que ainda possam viver isolados e de forma auto-sustentável, como determinadas tribos indígenas que sobrevivem da caça e da pesca na Amazônia, ou alguns esquimós no norte canadense, cuja caça também é o principal meio de sobrevivência, os lugares inserem-se de forma cada vez mais acentuada em redes de relações econômico/sociais compostas por diversos outros lugares, localizados em pontos próximos ou distantes, e que podem atingir um nível

global. Tais redes possibilitam a ampliação das relações de diversas naturezas entre esses lugares, criando um sistema de troca de experiências que, por sua vez, se torna um importante agente influenciador na formação da identidade de cada um deles.

Atualmente, acompanhando as tendências de globalização do capital, distintos lugares com diferentes potenciais, sejam eles consumistas e/ou produtivos, estão inseridos, com maior ou menor intensidade, num sistema de relações externas, no qual os países mais desenvolvidos influenciam, de forma mais acentuada que o inverso, a economia e a cultura de nações que de alguma forma são subordinadas aos mesmos.

As transnacionais, cuja maioria possui suas sedes nos países mais ricos e são influenciadoras, tornam-se exemplos de como esse processo ocorre. Essas empresas, de acordo com seus interesses, participam, de modo direto ou indireto, de um processo de modelagem de diversos aspectos de cada lugar, através da inserção de seus produtos e serviços ou explorando as vantagens produtivas que alguns locais possam oferecer, exercendo, desta forma, influências no cotidiano local.

No caso específico das nações subdesenvolvidas, Santos (1979, p.15) afirma que tais países “[...] caracterizam-se pelo fato de se organizarem e se reorganizarem em função de interesses distantes e mais freqüentemente em escala mundial”.

A evolução tecnológica e estrutural permite que distâncias geográficas entre lugares influenciadores e lugares influenciados tornem-se fatores com uma importância reduzida, resultando na formação de redes de produção, consumo e relações mais complexas e globais, nas quais os atores inseridos possuem um crescente grau de interdependência.

Para Giddens (1991:69-70 apud Nery, 2003, p.33),

A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa.

O aumento dos fluxos financeiros e mercadológicos entre países e lugares é determinante para a inserção do lugar num processo complexo, onde seu espaço é redefinido constantemente através do aprofundamento das relações entre as especificidades locais e as influências externas.

“Trata-se, portanto, de uma questão que condiciona a dinâmica econômica das cidades e regiões e que, por sua vez, é afetada pelo comportamento dos atores locais” (Vázquez Barquero, 2002, p.15).

O nível de desenvolvimento de um lugar pode estar relacionado a investimentos externos (exógenos), provenientes da iniciativa pública e/ou privada que, ao financiarem o crescimento da economia, contribuem para o desenvolvimento local.

Numa outra situação, a organização interna entre sociedade, instituições e empresariado, associada às condições naturais existentes, determinaram um processo de desenvolvimento sócio-econômico a partir do próprio local, ou seja, endógeno.

Para Coelho (2001, p.8) “[...] conhecer o território significa analisar historicamente o jogo social dos atores, sua interatividade, a cultura empreendedora, em síntese, o lugar e os fluxos materiais e imateriais que produzem socialmente o território”.

O grau de importância que um lugar assume no sistema produtivo/comercial mundial resultará da capacidade de organização e adaptação dos agentes econômicos internos frente um mercado que se transforma e globaliza constantemente.

Foi a partir da década de 1960, com a expansão das multinacionais, e dos anos 1970, com a introdução do computador e a maior mobilidade das transações financeiras, que o capitalismo começa a tomar suas formas atuais. Na década de 1980, graças ao desenvolvimento das redes de transporte e comunicação, gerador de uma relativa redução da relação espaço-tempo, o espaço mundial passou a ser marcado, no processo de multiplicação do capital, pela intensificação das relações sociais e econômicas em escala global, e o fenômeno da globalização pode ter suas conseqüências, em âmbitos local e global, melhor analisados.

Se por um lado os fluxos de informações, que se tornam mais acessíveis, tendem a contribuir para uma uniformização comportamental do mundo moderno, resultado do aprofundamento das influências externas sobre os lugares, por outro, cada um desses lugares é capaz de manter sua essência, suas peculiaridades, que se traduzem num sistema de relações geográficas acumuladas historicamente, percebidas pela sociedade local e que o torna ímpar.

O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo o *lugar* se apresenta como *ponto de articulação* entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento (Carlos, 1996, p.15-16).

As empresas buscam de forma ininterrupta, através de investimentos e estratégias de diversas naturezas, a ampliação e consolidação de novos mercados, atuando em áreas cada vez mais distantes, e a competitividade torna-se o principal fator a estimular os avanços técnico-científicos.

Ao mesmo tempo em que há o acirramento da competição entre empreendimentos de diversas nacionalidades e, por conseqüência, entre os países que as abrigam, surge uma tendência, de forma paradoxal, de união e cooperação entre os mesmos, visando defender seus interesses econômicos. Tal fato pode acontecer tanto através de fusões e acordos empresariais de diversas naturezas, como as *joint ventures*, estratégias que caracterizam tendências de monopolizações setoriais, assim como pelas assinaturas de acordos bi ou multilaterais entre nações, resultando, por exemplo, na criação e expansão de blocos econômicos. Nesse contexto, as fronteiras passam a ter um significado menos expressivo e os planejamentos e decisões de ordem econômica adquirem um caráter mais multinacional.

Para Mendes (1997, p 42),

O fator mais relevante da globalização é a nova esfera produtiva apoiada na Terceira Revolução Industrial. Nessa metamorfose, o capitalismo global leva ao extremo a busca da eficiência e da racionalidade econômicas. Assim sendo, esse modo de produção gera, dialeticamente, a globalização e a fragmentação. Os países e as nações adquirem novas funções e novos significados.

Atualmente, são poucos os lugares onde toda a produção local é consumida internamente, assim como são bastante reduzidos os pontos onde tudo o que é consumido seja produzido em seu interior. Dessa forma, as transformações sócio-econômicas ocorridas no local terão relação direta com as mudanças do sistema econômico global, pois a sociedade em questão faz parte dessa complexa rede que vai muito além dos limites territoriais.

Mendes (1997, p.52), destaca ainda que,

A integração econômica cria um novo recorte territorial, cujo domínio e poder fogem da esfera nacional. Deve, todavia, ser entendida como um processo múltiplo, interconectado com os demais aspectos da realidade. Consiste em uma reconstrução do espaço e de uma nova noção de tempo, que procura atender às demandas da própria sociedade.

Nesse panorama, o processo de industrialização caracteriza-se por ser ao mesmo tempo fragmentado, resultado da desverticalização industrial, e integrado, devido ao alto grau de interdependência do sistema produtivo.

Devido aos interesses financeiros praticados pelas empresas e instituições internacionais, nota-se uma disparidade quanto ao nível de inserção regional na economia global, com as áreas mais ricas e estruturadas desfrutando de um maior privilégio em relação às menos favorecidas, o que faz acentuar não apenas as diferenças em nível internacional, mas também, as internas, tanto nos países subdesenvolvidos, como nos desenvolvidos, nesses em menor escala. Nesse sentido, a globalização torna-se um processo segregacionista, no qual as crescentes diferenças de desenvolvimento refletem na exclusão de pessoas e lugares de um sistema econômico integrado.

De uma forma simplificada, o grau de influência e importância que o lugar assume na economia global poderia ser classificado em três grupos:

No primeiro deles, casos típicos de regiões mais carentes, um baixo nível de organização social, a pouca disponibilidade de tecnologia e recursos financeiros, associada à precariedade da infra-estrutura, impossibilita o lugar de compor-se na economia global dada sua inaptidão em atender às necessidades de um mercado que se torna cada vez mais concorrido. Neste caso, a população estaria mais propensa à realização de trabalhos que não demandam uma mão-de-obra qualificada e possuem baixa remuneração.

No segundo caso, o lugar está inserido no complexo sistema produtivo mundial, graças a sua competência em satisfazer as necessidades de um mercado em constante evolução, exigente de tecnologia e qualidade. O nível organizacional da sociedade, do poder público e do empresariado interno habilita o lugar a atender as tendências mercadológicas, com investimentos em setores diversos, tornando-o competitivo. Assim, numa análise micro-econômica deste caso, o lugar pode ser compreendido como agente organizador de seu próprio desenvolvimento.

Paradoxalmente, assumindo uma visão macro-econômica, o lugar ainda se posiciona como um palco de constantes transformações, cujas tendências decorrem em função das imposições dos agentes influenciadores externos. A aceitabilidade dos produtos e/ou serviços por ele oferecidos serão determinadas pela combinação de variáveis impostas por um capital que se expande globalmente.

Numa terceira situação, o lugar deixa de apresentar-se como área passiva e assume o papel de agente influenciador em nível global. Os setores econômicos atuantes

localmente atingem um alto nível estrutural e organizacional, o qual possibilita altos investimentos em tecnologia de ponta e inovação, tornando as empresas líderes em seus segmentos. Desta forma, numa escala macro, o lugar torna-se uma referência, e as mudanças por ele propostas influenciarão nas transformações paradigmáticas de seus respectivos setores econômicos.

Ao admitirmos que os lugares fazem parte de sistemas complexos de produção, onde as relações internas e externas são condicionantes do grau de desenvolvimento, torna-se fundamental a compreensão dos fatores que podem favorecer ou desfavorecer a evolução sócio-econômica de um determinado lugar no corrente momento histórico caracterizado pela globalização econômica.

O modelo de Desenvolvimento Endógeno, tema abordado no próximo capítulo, busca compreender a evolução social e econômica de determinadas regiões de alguns países que, através do aproveitamento das potencialidades disponíveis internamente, decorrente de uma organização social construída historicamente, assegura uma posição de sucesso frente aos desafios da globalização.

CAPÍTULO 2

REESTRUTURAÇÃO DA PRODUÇÃO E DAS RELAÇÕES DE TRABALHO: AS ARTICULAÇÕES DOS LUGARES FRENTE AOS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO

Nas últimas décadas, diversos aglomerados de micro e pequenas indústrias, localizados em diferentes países, atingiram um alto nível de desenvolvimento econômico e social. Essa evolução é o resultado de uma combinação de acontecimentos naturais, históricos, políticos e culturais, surgido e evoluído a partir de inter-relações entre os atores locais, as quais criaram um sistema de cooperação entre a população, as instituições e os empresários locais e que, mesmo sem o apoio de políticas externas específicas, habilitaram esses lugares a assumirem posições de destaque no cenário econômico mundial.

Há diversos conceitos de classificação para os aglomerados produtivos, variando de acordo com o tipo de relações existentes internamente, mas o fato marcante destes casos é a capacidade que essas empresas possuem em acompanhar as mudanças do mercado através de um eficiente sistema de aprendizagem, inovação e estratégico na sua produção.

2.1 O Modelo Endógeno de Desenvolvimento Estruturado em Pequenas Empresas

Num cenário global caracterizado pela ocorrência de múltiplas transformações, o desenvolvimento social e econômico, de caráter endógeno, de diversas áreas de diferentes países, incluindo algumas regiões brasileiras, vem chamando a atenção de acadêmicos e instituições de diversos países, principalmente a partir da década de 1990.

Para Vázquez Barquero (2001, p.37), “uma das mudanças mais importantes ocorridas na teoria do desenvolvimento econômico nos últimos 20 anos foi a formação de um novo paradigma conhecido como ‘desenvolvimento endógeno’”.

O desenvolvimento endógeno pode ser definido como “um processo de crescimento econômico e de mudança estrutural, liderado pela comunidade local ao utilizar seu potencial de desenvolvimento, que leva à melhoria do nível de vida da população” (Vázquez Barquero, 2001, p.41).

O modelo de desenvolvimento endógeno está estruturado no pressuposto de que cada lugar possui recursos naturais, humanos, econômicos e culturais únicos, e o sistema de inter-relações e valores construído historicamente pela sociedade local, aproveitando suas potencialidades, compõe um potencial ímpar de aprendizagem mútua e desenvolvimento.

Com o objetivo de se entender os eventos que levam à criação de condições para o desenvolvimento local, tais análises privilegiam as influências da Geografia e da História social, cultural, econômica e institucional do lugar como fontes de diversidades e vantagens competitivas.

Vázquez Barquero (2002, p.48), assinala que “o nascimento e a consolidação de sistemas produtivos locais ocorreram em áreas caracterizadas por um sistema sociocultural fortemente vinculado ao território”.

Em uma época em que grande parte da bibliografia econômica focava maiores atenções num tipo de crescimento econômico de caráter exógeno, o qual é estruturado em diretrizes e investimentos provenientes de instituições e/ou empresas externas que seguiam uma tendência de monopolização, essas regiões chamam a atenção pelo êxito alcançado por arranjos de pequenos e médios empreendimentos surgidos e organizados localmente. Segundo Bagnasco (2002, p.33), “após longa fase de crescimento, onde parecia que as pequenas e médias empresas perdiam progressivamente terreno frente ao avanço inexorável do processo de concentração industrial, vimos renascer a pequena indústria”.

Uma das características marcantes desses arranjos é a especialização setorial, ou seja, suas composições são de empresas, pessoas e instituições atuantes no mesmo segmento produtivo, e que fazem dessa concentração uma vantagem competitiva.

A proximidade geográfica entre os atores inseridos no processo de produção torna-se fator chave para o desenvolvimento, uma vez que poderá propiciar a criação de uma rede de relações capaz de alavancar o surgimento de diversos tipos de benefícios para os empresários, tais como reduções de custos de transportes, matérias-primas e mão-de-obra.

A concentração setorial favorece ainda a criação de um ambiente inovativo, fruto de um sistema que favorece trocas de experiências e conhecimento, determinando o aparecimento de diversas vantagens competitivas que colocará as indústrias geograficamente aglomeradas em posições privilegiadas em relação às concorrentes.

Santos; Diniz e Barbosa (2004, p.12), destacam que,

A relevância de diferenciar a questão local da regional deriva da necessidade de focar as relações de proximidade entre as empresas em aspectos não contratuais ou mercantis, como a troca não-comercial de conhecimento, o relacionamento pessoal entre empresas e entre a mão-de-obra especializada.

A organização social interna resultará em relações de união, cooperação e principalmente de aprendizado entre os agentes produtivos, as quais poderão ocorrer de modo formal ou informal, voluntário ou involuntário, mas que certamente tornar-se-ão uma sinergia que direcionará ao melhor aproveitamento desses recursos e conseqüentemente ao desenvolvimento sócio-econômico local.

Conforme Coelho (2001, p.1), o desenvolvimento econômico local pode ser considerado,

[...]a constituição de uma ambiência produtiva inovadora, na qual se desenvolvem e se institucionalizam formas de cooperação e integração das cadeias produtivas e das redes econômicas e sociais, de tal modo que amplie as oportunidades locais, gere trabalho e renda, atraia novos negócios e crie condições para um desenvolvimento humano sustentável.

Torna-se, assim, essencial o entendimento dessas inter-relações, uma vez que as mesmas resultarão, graças ao cooperativismo existente, na contínua evolução do sistema produtivo local, na manutenção da sua competitividade e, por conseguinte, na melhora da qualidade de vida de sua população.

Nesse sentido, Silveira (2001, p.8), sugere a idéia de *globalização do local*, segundo a qual o local pode possuir um alto nível de interação entre seus agentes, reproduzindo a globalização em seu interior. Desta forma, “não se trata de inserir o local na globalização e sim de globalizar o local” (Silveira, 2001, p.8).

O sucesso econômico do sistema produtivo local reverte-se em diversos tipos de benefícios para a população, possibilitando aos cidadãos uma possibilidade de ascensão social. Quanto maior for o nível de participação e interação entre os agentes locais, maior será a parcela da população beneficiada com o desenvolvimento local.

Coelho (2001 p.6) ressalta que,

A organização do território que objetiva o desenvolvimento local deve ter como ponto de partida o pacto territorial que viabilize a associação de interesses promovida entre os diversos atores regionais, que se consideram independentes, com vista a obtenção de determinados objetivos. Isto pressupõe a indicação de uma estrutura organizacional que dê conta da constituição de um espaço de interação dos diversos atores e da construção de uma entidade responsável pelo encaminhamento e implementação das diversas ações propostas.

O pacto territorial consiste na organização dos atores locais – empresas, população e instituições – em torno de um objetivo comum, onde a busca pela evolução econômico-social baseia-se num plano de desenvolvimento local pré-definido.

Apesar de admitir-se que cada território possui suas singularidades, existe um esforço no sentido de identificar e classificar diferentes aglomerações, cujos aspectos gerais possam apresentar similaridades no que se refere à estrutura e ao sistema de inter-relações entre as empresas locais. Assim, procuraremos demonstrar, através de diferentes propostas de classificações, sugeridas por diferentes autores, as principais características de aglomerados industriais, dentro e fora do Brasil.

2.2 Aglomerações Industriais

O desenvolvimento social e econômico de diversas áreas do mundo, baseado em aglomerações de pequenas e médias empresas especializadas numa determinada produção, e que tem as regiões central e nordeste italianas, além do Vale do Silício, na Califórnia, como principais referências, começa a ganhar destaque a partir da década de 1970. O caso da Itália, por exemplo, despertou a atenção de diversos estudiosos ao longo das últimas décadas, dentre eles Becattini (1994); e Raud (1999).

Além da importante participação nas economias nacionais e na contribuição em inovações tecnológicas, as pequenas e médias empresas já respondem, em muitos casos, por uma porcentagem bastante significativa do comércio exterior de países desenvolvidos, onde há um crescente interesse dos governos em investir e capacitar essas empresas para que, além de promover o desenvolvimento econômico e social local, possam também exportar e gerar divisas para o país.

Uma das principais características desses pequenos empreendimentos é a sua inserção num complexo produtivo setorial, do qual diversas outras empresas fazem parte e possuem uma relação de interdependência. Neste caso, a proximidade geográfica permite a geração de vantagens competitivas locais, tais como: o surgimento de um ambiente de cooperação e solidariedade; a criação de instituições voltadas ao apoio do sistema produtivo; o acesso ao crédito de diversas formas; infra-estrutura e serviços públicos; e a disseminação do conhecimento tácito.

As pequenas e médias empresas, devido sua posição de desvantagem no mercado em relação às grandes companhias, são obrigadas a procurar políticas organizacionais alternativas para sobreviverem. Ceglie e Dini (1999 apud Santos;

Crocco; Lemos, 2003, p.122), apontam as dificuldades que elas enfrentariam caso não se localizassem em aglomerados, pois sua pequena capacidade de investimento acabaria por restringir o seu desenvolvimento. Os autores destacam que:

[...] 1) individualmente, elas seriam incapazes de capturar oportunidades de mercado que requerem produção em grandes quantidades, padrões homogêneos e oferta regular; 2) elas também enfrentariam dificuldades em realizar economias de escala na compra de insumos, tais como equipamentos, matérias-primas, financiamento e serviços de consultoria; 3) da mesma maneira, o pequeno tamanho dificultaria a divisão interna do trabalho, que geram melhorias cumulativas nas capacitações produtivas e inovativas; 4) finalmente, dadas a pequena capacidade de alavancagem financeira, elas estariam *locked in* em suas rotinas, incapazes de sustentar um processo contínuo de introdução de inovações e de buscar novas oportunidades de mercado.

Inseridos entre inúmeros exemplos de aglomerados bem sucedidos, resultados de uma combinação de acontecimentos históricos, econômicos e culturais com eficientes políticas de desenvolvimento, algumas regiões, como os já citados nordeste italiano e o Vale do Silício na Califórnia, possuem grande relevância econômica em seus países, cujos índices sócio-econômicos da população atingem patamares acima das médias da Itália e dos EUA respectivamente, (Santos, Diniz e Barbosa, 2004, p.17-18). Diversos autores apresentam diferentes estudos de casos em outras áreas do mundo, como o da região de Rafaela na Argentina, (Vázquez Barquero, 2001); das empresas do setor madeireiro da Finlândia, (Villaschi, 2002); ou ainda das “empresas *maquiladoras*” mexicanas, (Dutrénit, 2002);

Deve-se ressaltar, porém, que o fato de uma indústria estar inserida numa área caracterizada pela concentração espacial por si só não garante tal desempenho.

As diversas formas de organização encontradas nos aglomerados produtivos sugerem diferentes definições e conceitos para o fenômeno, de acordo com a origem, a estrutura e a organização social envolvida na dinâmica produtiva local. Existem diversas propostas de conceituações para os aglomerados, algumas delas tratando especificamente de pequenas e médias empresas. **Complexo industrial, centro industrial, cluster, pólo industrial, APL, tecnopólo e distrito industrial**, são algumas das terminologias comumente encontradas na vasta bibliografia relacionada ao tema, mas deve-se ressaltar que ainda não há uma unanimidade para o uso das mesmas.

As explicações para os distintos modelos de concentrações geográficas industriais são, segundo Machado (2003, p.39), resultantes da combinação de políticas internas e externas. Para a autora,

As economias externas são economias incidentais, pois não dependem de decisões de empresas individuais e podem ter origem no mercado, na tecnologia e na organização social ou da produção. As economias internas dependem das decisões das empresas, ou seja, são intencionais e baseiam-se em e são baseadas em economias de escala, nos ganhos advindos da cooperação e os da competição entre empresas.

Objetivando realizar um levantamento teórico que crie um suporte para a compreensão dos processos históricos e da cadeia de relações que deram origem à estrutura produtiva de Socorro, serão citados alguns conceitos relacionados a complexos industriais, centros industriais, pólos industriais, tecnopólos, *clusters* e, por fim, os distritos industriais do tipo italiano ou marshalliano, cujas principais referências são o nordeste da Itália e o Vale do Silício na Califórnia.

Cabe destacar que os casos italiano e americano foram adotados como principais referências para as pesquisas sobre os APLs, ou arranjos produtivos locais, termo comumente utilizado para os casos brasileiros. “O conceito de arranjo produtivo local – doravante APL – foi criado tendo como paradigma essas duas experiências históricas”(Santos; Diniz; Barbosa, 2004, p. 17).

Galvão e Cocco (2001, p.1) atestam ainda que “[...] na maior parte dos casos, tem-se a chamada terceira Itália como uma das referências primordiais para a tropicalização do modelo de desenvolvimento local”.

O primeiro tipo de aglomeração é o **complexo industrial**, o qual se refere às concentrações de empresas que fazem parte da cadeia produtiva de um dado setor. Como exemplos, podem ser citados o ramo automobilístico, a siderurgia e a petroquímica.

Dentro desse conjunto de indústrias, cada uma delas é responsável por uma etapa do processo produtivo de uma determinada mercadoria. Além das fábricas, faz-se presente no complexo uma rede de empresas prestadoras de serviços e fornecedoras de máquinas e matérias-primas concentradas em áreas próximas.

“O complexo industrial é um conjunto de atividades que ocorrem numa dada localidade e pertencem a um grupo ou subsistema de atividades que estão sujeitas à importantes inter-relações de produção, comercialização e tecnologia” Haddad (2003 apud Santos; Diniz e Barbosa, 2004, p. 17).

Os **centros industriais** estão relacionados a locais onde se faz presente uma grande quantidade de indústrias, independentemente de pertencerem a um dado setor produtivo ou de haver relações entre as mesmas. Santos, Diniz e Barbosa (2003, p. 17),

definem os centros industriais como “grandes e diversificadas aglomerações industriais, onde as grandes empresas costumam ter um papel importante, mas não necessariamente havendo grandes sinergias e relações entre elas”. São exemplos de **centros industriais** o grande ABC na RMSP, a grande Belo Horizonte e a Grande Porto Alegre.

Segundo Matushima (2005, p.136), a base conceitual para os estudos sobre **pólos industriais** foram os trabalhos discutidos pelo economista francês *François Perroux* (1955), que tratava sobre a influência dos pólos de crescimento no desenvolvimento de determinadas regiões industrializadas da França. Para o autor, o crescimento não se dava de forma equivalente em todas as regiões, mas sim em pólos de desenvolvimento, cujo poder de atração industrial é determinado pela infra-estrutura e equipamentos disponíveis.

Tais conceitos passaram a ser usados em discussões sobre aglomerados produtivos de diversos lugares, que nem sempre tinham as mesmas características daqueles estudados em território francês.

Para Schmitz (1989 apud Nery 2003, p.17), os **pólos industriais** podem ser definidos como:

[...] a reunião numa mesma cidade ou região de um determinado número de empresas, cujas atividades estejam voltadas para um mesmo produto final, atividades estas que podem ser similares (um mesmo tipo de produto) ou complementares (distintas fases de um processo produtivo). Ou seja, os pólos industriais caracterizam-se, principalmente, pela “aglomeração setorial” existente quando cidades ou regiões têm sua economia voltada para um mesmo produto.

Benko (1996, p.153) destaca que “o pólo é um aglomerado de empresas inovadoras, dinâmicas, motrizes, onde o investimento nas empresas mais rentáveis (em renda per capita e emprego) tem efeitos importantes em toda economia regional levando ao desenvolvimento local”.

No caso brasileiro, o termo **pólo** de desenvolvimento foi bastante utilizado durante os anos de 1960 e 1970 para referir-se aos projetos intervencionistas do estado na economia nacional, através de planejamentos realizados por instituições como a SUDAM e a SUDENE. Essas políticas consistiam, entre outras ações, em incentivos para a atração de empresas para as regiões menos desenvolvidas, dando-se através de benefícios como subsídios, empréstimos, doações de áreas para as construções e isenção de impostos, entre outros.

No Brasil, o conceito de pólo foi adotado principalmente nas ações de planejamento regional promovidas pelo estado, através das teorias sobre “*pólos de desenvolvimento*”, que eram aglomerações industriais criadas pelo governo federal para promover o desenvolvimento de determinadas regiões, a partir da implantação de algumas indústrias de base (siderúrgicas, refinarias, indústria química, etc.) que, em tese, atrairiam novos empregos e gerando o tão sonhado desenvolvimento regional. (Andrade, 1970 apud Matushima, 2005, p.137).

Esse tipo de aglomerado pode ser a base para o desenvolvimento local, mas não possui altos níveis de cooperação e integração entre os agentes inseridos no processo produtivo. Exemplos de **pólos** são o Complexo Petroquímico de Camaçari – BA, o Pólo Petroquímico de Cubatão - SP e a Zona Franca de Manaus - AM.

Tecnopólo é a denominação que vem sendo utilizada para a identificação de aglomerados industriais especializados em produtos de alta tecnologia, como é o caso da região de São José dos Campos, voltada às pesquisas do setor aeroespacial e das empresas de telecomunicação de Campinas e entorno.

O conceito de *cluster* abrange as concentrações geográficas de empresas que atuam num mesmo setor produtivo, sendo que a existência ou não de uma sinergia interna não é critério para a classificação nesse grupo. Desta forma, outros tipos de aglomerações, como o distrito industrial, o complexo industrial ou o pólo podem ser entendidos como um tipo de *cluster*, porém nem todo *cluster* pode ser correspondido a cada um desses conceitos.

De uma forma geral, os conceitos relacionados aos *clusters* relatam que, apesar de não haver, necessariamente, relações cooperativas entre as empresas, há a presença de instituições que de diferentes formas apóiam a produção local, tais como as universidades, as escolas técnicas e as associações comerciais entre outras, sendo que a interação das mesmas e as empresas locais é um elemento fundamental na promoção do desenvolvimento local.

Segundo o SEBRAE, *cluster* pode ser definido como “uma concentração geográfica de empresas – similares, relacionadas ou complementares – que atuam na mesma cadeia produtiva auferindo vantagens de desempenho por meio da locação e, eventualmente, da especialização. Essas empresas partilham, além da infra-estrutura, o mercado de trabalho especializado e confrontam-se com oportunidades e ameaças comuns”.

Para Galvão (2000, p. 8), *cluster* é “[...] todo tipo de aglomeração de atividades geograficamente concentradas e setorialmente especializadas”.

Rosenfeld (1996 apud Nery 2003, p.25), aponta que especialistas americanos em 1995 definiram *cluster* da seguinte forma:

[...] uma aglomeração de empresas (*cluster*) é uma concentração sobre um território geográfico delimitado de empresas interdependentes, ligadas entre si por meios ativos de transações comerciais, de diálogo e de comunicações que se beneficiam das mesmas oportunidades e enfrentam os mesmos problemas.

O **distrito industrial** do tipo italiano, ou marshalliano, caracteriza-se como uma rede de pequenas e médias empresas geograficamente concentradas e especializadas num dado setor, apresentando um alto nível de integração, cooperação, interdependência e confiança socialmente construída, resultado de um sistema de valores cooperativos formado durante um longo processo histórico.

O principal fator que vai diferenciar o distrito do tipo marshalliano dos outros é o nível de cooperação existente entre os atores produtivos locais.

O distrito industrial é uma entidade socioterritorial caracterizada pela presença activa de uma comunidade de pessoas e de uma população de empresas num determinado espaço geográfico e histórico [...] onde tende a criar-se uma osmose perfeita entre a comunidade local e as empresas. (Becattini, 2003, p.20).

Segundo Pietrobelli (2003, p. 205), esses distritos podem ser classificados como marshalliano por apresentarem,

[...] transações inter-firmas mais fluídas, práticas de cooperação muito mais robustas, instituições locais mais desenvolvidas e efetivas, economias de escala em âmbito do distrito possibilitadas pela substancial especialização dos empreendimentos, profunda integração entre atividades econômicas e o tecido sócio-cultural local.

As peculiaridades da organização produtiva do distrito marshalliano podem ser entendidas como o resultado de uma combinação histórica entre os fatores internos, tais como a cultura da população e os recursos naturais disponíveis, com as estruturas econômicas e culturais externas que de alguma forma influenciam o local. Essas inter-

relações produziram, com o passar do tempo, uma “atmosfera” produtiva e inovativa entre a população local, que se sente parte do sistema.

Conforme Becattini (1994, p.20), a principal característica da população de um **distrito industrial** “é o seu sistema de valores e de pensamento relativamente homogêneo, [...] o qual, de alguma maneira, condiciona os principais aspectos da vida”. Ainda segundo Becattini (1994, p. 29), existe na população um “[...] sentimento de pertencer a uma comunidade industrial local, vista como fundamento de realização individual e familiar”.

É interessante constatar que essas empresas localizam-se nos distritos não por motivos econômicos simples, tais como mão-de-obra barata ou matérias-primas em abundância, mas são frutos de um desenvolvimento condicionado pelas especificidades do território, fazendo com que elas criem raízes ao local.

A organização das empresas do distrito dá-se de modo complementar, ou seja, cada uma delas faz parte um processo produtivo mais amplo. Cocco et alli (2002, p.21), fazendo uma analogia entre o modelo fordista e o **distrito italiano**, ressaltam que “[...] não se trata de uma grande fábrica verticalmente integrada, mas de um território integrado, ou integrador, dos diferentes aspectos da produção”. Desta forma, ao comparar-se com uma grande indústria verticalizada, cada pequena empresa corresponderia a uma das etapas ou seções do processo de produção, seja ele na montagem ou através de serviços prestados.

Deve-se ressaltar, contudo, que apesar dos trabalhos sobre distritos italianos serem a principal base de dados para os estudos brasileiros, eles não devem ser tomados como modelos, mas apenas como uma referência, pois, como já foi destacado, não existem dois lugares no mundo que ofereçam condições naturais e históricas idênticas de desenvolvimento. Assim, as características das redes produtivas encontradas na Terceira Itália,

[...] têm certamente um grande interesse de investigação, mas apenas na medida em que não funcionam como modelos e, menos ainda, como mitos. A comparação mostra como a questão fundamental não é a de importar uma experiência ou valorizar outra, mas a de aprender com os elementos universais (digamos paradigmáticos) que encontramos nos deslocamentos, nas transformações, que estas realidades eventualmente representam de uma maneira mais clara. (Cocco e Galvão, 2002, p. 3).

Por fim, o **distrito industrial marshalliano** não pode ser visto como um modelo perfeito de desenvolvimento, uma vez que “[...] ao lado dos elementos positivos descritos, existem aspectos negativos, sobretudo no início: trabalho informal, emprego

de menores, horários sobrecarregados, instabilidade do emprego, ausência de controle sobre o cumprimento das leis trabalhistas ou ambientais” (Raud, 1999, p. 49).

2.3 Arranjos Produtivos Locais – APLs - Aspectos conceituais

As discussões relacionadas aos **APLs** no Brasil passaram a ganhar ênfase a partir da década de 1990, dado ao fato das pequenas e médias empresas possuírem um papel relevante na economia nacional, em arrecadação e na geração de empregos. A principal instituição brasileira de apoio às pequenas e médias empresas, o Sebrae, identifica 229 **APLs** presentes nos 26 estados e no DF.

O tema vem despertando o interesse de acadêmicos e instituições nacionais, que buscam compreender o papel econômico e social desempenhado por esses arranjos, tais como o pólo têxtil de Americana, (Mendes, 1995); as indústrias calçadistas de Nova Serrana – MG (Santos; Crocco e Lemos, 2002) e de Birigui e Franca – SP (Suzigan, Garcia e Furtado, 2003); o setor aeroespacial do Vale do Paraíba – SP (Bernardes e Pinho, 2003); as empresas de *softwares* em Joinville – SC (Campos et alli, 2003); e os produtores de bordados de Ibitinga – SP (Matushima, 2005); entre muitos outros já estudados.

As conceituações sobre **APLs**, assim como os critérios adotados para os outros tipos de aglomerações industriais, ainda não podem ser consideradas consensual.

Segundo definição da *RedeSist*², citada por Cassiolato e Lastres (2003, p.27) os **APLs** “São aglomerações territoriais, políticas e sociais - com foco em um conjunto específico de atividade econômicas – que apresentam vínculos mesmo que incipientes”.

Já Santos, Diniz e Barbosa (2001, p.21), sugerem que “o APL deve se definido a partir da existência de vantagens competitivas locais de abrangência setorial e, portanto, que existem aglomerações setoriais que não são consideradas APLs”.

O SEBRAE (2003, p.12), por sua vez, define arranjos produtivos locais como:

Aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais tais como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

² Rede de Pesquisas em Sistemas produtivos e Inovativos Locais.

Santos, Diniz e Barbosa (2004a, p.37), propõem uma série de condições, para classificar um aglomerado industrial como **APL** ou não:

- Concentração espacial de produção de bem ou serviço exportável para outras regiões, ainda que da mesma cidade, se essa é uma metrópole; ou produto ou serviço que atende a atividades que exportam para outras regiões.
- A localização é uma fonte de vantagem competitiva muito importante para as firmas ou subunidades de firmas aí localizadas.
- Essas vantagens competitivas de origem locacional tendem a atrair empresas ou subunidades de empresas ou mesmo produtores autônomos, ou a fazer crescer ou mesmo manter competitivas as empresas já instaladas, se o ambiente de concorrência é crescente com empresas de outras regiões.
- Essas vantagens não são apenas indiscriminadas, difusas ou genéricas. Elas possuem efeitos especialmente importantes para setores ou cadeias específicas.
- As vantagens competitivas principais da região não se resumiriam por especiais custos de transporte, fiscais, alfandegários ou de acesso a insumos básicos. Ou seja, são vantagens que se realimentam com o crescimento do **APL**.

A adoção de um critério rígido para a classificação de um **APL** é uma tarefa bastante difícil, pois cada aglomerado industrial possui, como já salientado por diversas vezes, características próprias e únicas. Segundo o SEBRAE (2003, p.6),

Os arranjos produtivos não são iguais, porque a realidade não é uniforme, e a organização da produção é muito diversa. Portanto, cada arranjo conceberá um modelo próprio de desenvolvimento, não obstante seja imprescindível considerar: as redes de atores locais; as potencialidades; vocações e oportunidades; as vantagens comparativas e competitivas; os recursos naturais renováveis e não renováveis; a infra-estrutura existente; o capital humano (conhecimentos, habilidades e competências das pessoas); o capital social (os níveis de confiança, cooperação, organização e participação social); a cultura empreendedora (níveis de alto-estima, auto-confiança, capacidade de iniciativa); a cultura local (os costumes, os valores e crenças locais, as tradições); a poupança local; a capacidade de atrair investimentos; dentre vários outros fatores.

Neste sentido, ao admitirmos um arranjo produtivo como o resultado de um processo histórico, uma maneira interessante para classificá-lo seria de acordo com a fase evolutiva em que se encontra. Machado (2003, p. 47-52), identifica quatro estágios na evolução de um **APL**.

O primeiro é o **nascimento/embrionário**, caracterizado pela adoção de inovações revolucionárias (criadora de novos paradigmas produtivos, superiores aos existentes em outros **APLs**) associados às condições locais, como localização, disponibilidade de mão-de-obra e matérias primas e ao capital social local. Nessa fase ainda não são observadas redes de fornecedores e a competição se dá por custo, sem a preocupação com a qualidade, e a cooperação ocorre em caráter de confiança familiar e com um sistema de cooperação vertical ainda em fase inicial.

Em seguida, vem a fase do **crecimento**, quando os agentes a montante do processo produtivo passam a ser atraídos para o **APL** pelo aumento da demanda. Ocorre uma tendência de especialização profissional, cujas técnicas produtivas se espalham de modo informal vinculado às relações sociais. A partir daí há uma multiplicação do número de empresas pelo processo de *spin-off*³. Nessa etapa, os mercados ainda são regionais, mas já há uma preocupação com a qualidade, e a cooperação, horizontal e vertical, se dá buscando o desenvolvimento da tecnologia, inclusive com o apoio de instituições. O terceiro estágio, a **maturidade**, ocorre quando há uma saturação do mercado local e, conseqüentemente, o aumento da competitividade inter-empresarial nesse nível, estimulando a procura por mercados mais distantes. Essas mudanças geram um aumento dos custos de logística, e a competição passa a ser baseada na flexibilidade e qualidade da mercadoria.

Por conta da competição inter-empresarial a cooperação horizontal de cunho tecnológico tende a declinar, surgindo oportunidades para cooperação horizontal na área de comercialização do produto final. Surgem consórcios para exportação, marcas compartilhadas, exposições e feiras (Machado 2003, p.49).

A redução da economia de escala passa a interferir no interesse de outras empresas em se instalarem no **APL**.

³ O processo de *spin off* ocorre quando um ou mais funcionários de uma empresa, ao adquirirem experiência no setor produtivo em que atuam, decidem se demitir para abrir seus próprios negócios, determinando a multiplicação das empresas atuantes no setor.

A **pós-maturidade ou rejuvenescimento** é a última fase evolutiva de um **APL**, quando as competências acumuladas podem resultar no desenvolvimento de novas atividades com alto valor agregado, tais como *design*, consultorias técnicas e desenvolvimento de materiais, entre outros. Pode ocorrer ainda uma nova especialização local num segmento correlato.

A já comentada tendência de descentralização produtiva é também verificada nos aglomerados industriais, nos quais empresas assumem diferentes funções no processo de fabricação da mercadoria, sendo esse assunto tema do próximo sub-capítulo.

2.4 Desintegração da produção, *Linkages* e o trabalho em domicílio.

A crise do sistema fordista resultou numa incessante busca pelo aperfeiçoamento dos sistemas produtivos, cujo principal objetivo é a fabricação de mercadorias que conciliem tecnologia, baixo custo e qualidade. Vantagens tradicionais como mão-de-obra barata e disponibilidade de matérias-primas, passam a perder espaço para as vantagens comparativas dinâmicas, que basicamente residem na capacidade de acompanhamento da evolução tecnológica.

A desintegração industrial e a flexibilização produtiva aparecem então como alternativas para tais reestruturações, sendo que a multiplicação de pequenas e médias empresas é um efeito direto desse processo.

Baseando-se em Scott e Storper (1987) e Storper e Walker (1989), Mendes (1995, p.4), ressalta que há diversos fatores em que as empresas podem ser estimuladas a adotarem uma estratégia de desintegração vertical, dentre as quais ele destaca:

_A incerteza do mercado resulta quase sempre em desintegração, para evitar a transmissão desse elemento através da estrutura vertical da empresa. Consequentemente há um aumento no número de subcontratações.

_A grande concorrência econômica pode levar a firma a mudar a configuração de seus métodos de produção e a variedade de seus produtos. Tais reestruturações fazem com que as conexões produtivas sejam externalizadas.

_A busca de produções específicas ou empresas especializadas, que ofereçam melhores condições de fornecimento, pode ocasionar desintegração.

_A desintegração é facilitada quando há aglomeração geográfica de indústrias, o que reduz consideravelmente os custos de transações externas.

Uma das implicações decorrente da estratégia de desintegração produtiva é o estabelecimento de *linkages*, ou seja, um amplo conjunto de relações inter-industriais que se manifestam em forma de fluxos de trocas materiais (mercadorias) e imateriais (conhecimento).

Dentre os diversos modos que tais fluxos podem ocorrer, a abordagem das relações de subcontratações, de aprendizagem, a governança local e o trabalho em domicílio, são especialmente importantes para a compreensão do funcionamento e desenvolvimento da estrutura industrial do aglomerado de malharias retilíneas de Socorro.

2.4.1 Relações de aprendizado e inovação tecnológica nos arranjos produtivos locais.

Como já foi detectado, as inovações tecnológicas realizadas de forma ininterrupta, assim como a geração de conhecimentos e a sua propagação no interior de uma estrutura produtiva, são fatores de grande relevância na manutenção da competitividade das indústrias.

As grandes corporações, detentoras de uma alta capacidade de investimentos, destinam grandes somas de capitais às áreas de pesquisas e desenvolvimento (P&D), muitas vezes realizadas em estruturas próprias, e outras em parcerias com universidades e instituições diversas.

Apesar da grande relevância dos investimentos em P&D, tais ações não podem ser admitidas como única forma de aquisição de conhecimento, principalmente se considerarmos que apenas um restrito grupo de empresas detém capital suficiente para realizá-las.

Campos, et alii (2003, p.53), advertem que “as fontes de conhecimento não se restringem unicamente à firma e combinam-se com fontes externas, como o sistema de ciência e tecnologia de outras firmas, fornecedoras ou usuárias de produtos”.

Segundo Souza, et alii (2003, p. 225),

Apesar das assimetrias que favorecem as grandes empresas quanto à possibilidade desenvolver P&D, algumas pequenas empresas, consideradas de alto desempenho, chegam a contribuir com uma parcela de 30% a 40% em inovações e melhorias tecnológicas em produtos e processos. Embora estejam principalmente voltadas para os mercados locais, cerca de 2% das pequenas empresas dedicadas à manufatura são internacionalmente

competitivas e contribuem com 25% a 30% das exportações de manufaturas e com uma pequena participação em investimento direto externo.

O emaranhado de relações existentes entre uma determinada empresa com seu entorno, seja ele interno ou externo ao aglomerado produtivo do qual ela faz parte, promoverá um processo de aprendizagem por interação que, por sua vez, resultará na disseminação de tecnologia.

Cassiolato e Lastres (2003, p.22), vêem o aprendizado como principal fonte de mudanças das empresas, resultando num acúmulo de competências pelas mesmas.

Para Campos, et alii (2003, p.52) o aprendizado,

É um processo fundamental para a construção de novas competências e obtenção de vantagens competitivas, o qual, pela repetição, experimentação e busca de novas fontes de informação e outros mecanismos, capacita tecnologicamente as firmas e estimula as suas atividades produtivas e inovativas.

A organização de um aglomerado setorial tende a estimular as inter-relações empresariais, de modo que as trocas de experiências resultem numa constante especialização dos atores produtivos, ação que se torna necessária para a manutenção da competitividade de cada um deles.

Cassiolato e Szapiro (2003, p.37), atestam que,

[...] a capacidade de gerar inovações tem sido identificada consensualmente como fator chave do sucesso de empresas e nações. Tal capacidade é obtida através da intensa interdependência entre os diversos atores, produtores e usuários de bens, serviços e tecnologias, sendo facilitada pela especialização em ambientes socioeconômicos comuns.

Para a compreensão das formas de disseminação do conhecimento, Howells (2002, p.872 – 873) sugere sua classificação em 2 tipos: o conhecimento explícito e o conhecimento tácito.

O conhecimento explícito é aquele difundido formalmente, cujo conteúdo não demanda uma prévia experiência para sua absorção. As escolas, universidades e instituições organizadoras de cursos podem ser citadas como exemplos de lugares propagadores de tais conhecimentos. Nestes casos, é de suma importância a participação do poder público e/ou da sociedade local, através da organização de instituições que

trabalhem no sentido de colaborar para o desenvolvimento local, tais como associações comerciais, sindicatos patronais, bancos de crédito, etc.

Já o conhecimento tácito baseia-se na aprendizagem realizada de modo informal, ou seja, através da experiência prática adquirida por profissionais, permitindo aos mesmos a aquisição de habilidades para a execução de determinadas tarefas ou funções, assim como o acesso a processos produtivos atualizados. Como exemplos de difusão do conhecimento tácito, podem ser citadas duas situações. Primeiramente, há um natural interesse das empresas em capacitar-se para a fabricação de produtos que estejam na moda e conseqüentemente possuam uma alta demanda, ocorrendo assim uma aprendizagem por imitação; numa outra situação, a introdução de mercadorias inovadoras no mercado, principalmente através das empresas líderes, direciona suas concorrentes a também investirem na produção de mercadorias do mesmo padrão, uma vez que a defasagem tecnológica poderá implicar na perda de competitividade.

Um outro fator de relevância a ser considerado num processo de difusão do conhecimento tácito é a proximidade física entre os atores o compõe. Num entorno marcado pela presença de atores capazes de gerar inovações, essa característica territorial atua como facilitadora do processo de transferência e propagação do conhecimento, através de um sistema de relações construído historicamente pela sociedade local.

Segundo Cassiolato e Lastres, (2003, p. 27),

Sistemas produtivos e inovativos locais são aqueles arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, com potencial de gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local.

Os processos de inovação mais relevantes, principalmente no que concerne às empresas especializadas em setores tradicionais, como a de vestuários, são as inovações incrementais. Segundo Vázquez Barquero (2001, p. 46),

As inovações incrementais são formadas por todas as mudanças e adaptações de tecnologia que pressupõem uma melhoria progressiva de produtos e processos. As pequenas alterações de engenharia introduzidas nos processos produtivos – de forma a incorporar mais eficientemente as matérias-primas disponíveis – e as mudanças de *design* e de especificação dos produtos – de modo que os bens finais atendam às necessidades dos clientes – buscam sempre melhorar a articulação da produção com o mercado.

Os tipos de relações internas de cada aglomerado industrial irão variar de acordo com a estrutura produtiva presente no mesmo, sendo que cada ator terá um grau de influência maior ou menor, dependendo do seu papel dentro desse sistema.

2.4.2 Governança

As empresas inseridas num aglomerado produtivo passam a cumprir funções específicas dentro de uma cadeia produtiva, a qual é composta por uma rede de inter-relações empresariais. Esse sistema pode ser estruturado de diferentes maneiras, sendo que os níveis de influência de cada ator dentro da cadeia de produção são variados. A presença ou não de empresas líderes e o nível de inserção do poder público são fatores que influenciarão a organização de cada sistema.

O nível de interdependência entre os atores que compõem um sistema desintegrado, assim como suas relações com os agentes externos, são dois importantes fatores a determinar o grau de competitividade de um aglomerado produtivo.

A governança caracteriza-se pelo sistema de relações hierárquicas existente entre os atores locais, tais como as instituições, empresas, governo, cidadãos, etc, cujas decisões interferem, em maior ou menor grau, na dinâmica do processo produtivo. Deve-se considerar que essa rede de relações pode sofrer influências de agentes externos ao aglomerado.

Segundo Suzigan, Garcia e Furtado (2003, p.67), a governança é determinada por “sua estrutura de produção, aglomeração territorial, organização industrial, inserção no mercado (interno, internacional), densidade institucional (atores coletivos, privados e públicos) e tecido social”. ,,

Cassiolato e Szapiro (2003, p.42), apontam a classificação proposta por Markussen (1995), a qual é baseada em experiências norte-americanas, como referência para as cadeias produtivas de países em desenvolvimento, dentre eles o Brasil. Segundo os autores, “[...] do ponto de vista da governança, ou as empresas locais se organizam em forma de ‘redes’, ou a governança se daria através de formas ‘hierárquicas’” (Cassiolato e Szapiro; 2003, p. 42).

No caso das redes, o aglomerado produtivo fundamenta-se numa estrutura de MPMEs, ausentando-se qualquer tipo de empresa líder, concentradora das principais decisões locais. Encontram-se nessa classificação dois casos: o de áreas caracterizadas

pela presença de instituições científico-tecnológicas de excelência, como os setores de biotecnologia, tecnologia e comunicação; e no segundo caso, os ramos tradicionais, como os distritos industriais do tipo italiano (principal referência nos estudos sobre APLs), compostos por ramos como calçados, têxteis e de confecções.

Já o tipo de governança hierárquica consiste na presença de uma ou mais empresas de grande porte, ou empresas âncoras, responsáveis pelo fornecimento ou pelo consumo dos serviços e produtos trabalhados pelas indústrias e agentes de estruturas inferiores. As decisões tomadas internamente nessas grandes empresas, que deve atender às exigências de um mercado externo, irão influenciar, a partir das relações verticais e horizontais entre os agentes, o sistema de produção como um todo. Desta forma, a sobrevivência, assim como o sucesso das pequenas empresas dependerá, inexoravelmente, da sua capacidade de acompanhar as exigências criadas a partir dessas decisões.

Suzigan, Garcia e Furtado (2003, p.68) destacam ainda que “a questão da governança da atividade produtiva refere-se, portanto, a relações de poder que ocorrem ao longo das cadeias de produção e distribuição de mercadorias”. Essas relações dentro do setor produtivo serão definidas por mecanismos de preços ou pela hierarquia imposta por agentes com poder de comando, ou ainda pela combinação de ambos.

Devem ser ressaltadas as influências exercidas por outros atores, externos ao aglomerado, interferirem, de forma direta ou indireta, nas decisões locais.

Num mundo crescentemente globalizado, as possíveis articulações entre os agentes locais inexoravelmente se relacionam a (e dependem de) outras articulações com agentes localizados fora do território. Deve-se, portanto, buscar entender sob que sistema de coordenação se estabelecem (ou podem ser estabelecidas) as relações de caráter local entre empresas e instituições. A governança, portanto, é crucial (Cassiolato e Szapiro; 2003, p. 35).

Assim, o mercado final da produção tem uma alta influência no desenvolvimento de um aglomerado produtivo, pois é a partir das exigências do consumidor que a produção de determinadas mercadorias demandará um maior ou menor grau de especialização das empresas inseridas no processo produtivo, direcionando a busca pela aprendizagem e aperfeiçoamento.

Suzigan, Garcia e Furtado (2003, p.69), fundamentados em Storper e Harrison (1991), elaboraram uma tipologia para a melhor compreensão das cadeias produtivas, na

qual são incorporadas as principais características e exemplos para cada conceito proposto (quadro 1).

ESQUEMA 1 - TIPOLOGIA DE CADEIAS DE PRODUÇÃO

CATEGORIA	<i>ALL RING- NO CORE</i>	<i>CORE-RING WITH COORDINATING FIRM</i>	<i>CORE- RING WITH LEAD FIRM</i>	<i>ALL CORE</i>
CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS	Não há líderes sistemáticos; não há assimetrias entre firmas.	Algum grau de hierarquia e assimetrias; firmas líderes influenciam (mas não determinam) o comportamento dos produtores.	Assimetrias e hierarquias; a firma líder determina estratégias dos produtores.	Grande empresa verticalizada.
EXEMPLOS TÍPICOS	Distritos industriais italianos (modelos clássicos)	Redes coordenadas por empresas (ex: Bosh e Benneton).	Cadeias comandadas pelas grandes empresas, (como GE, Westinghouse, Sony e Philips).	Firma integrada “williansoniana”.

Fonte: Suzigan, Garcia e Furtado (2003, p.69).

A compreensão das formas com que ocorrem as relações inter-industriais dentro do aglomerado produtivo de Socorro é fator imprescindível para a análise das engrenagens que compõem esse sistema.

2.4.3 Relações de subcontratação e o trabalho em domicílio

Historicamente, as relações de subcontratação tiveram grande importância nas organizações produtivas da sociedade industrial, as quais, segundo Mendes (1995; p.1) manifestavam-se de diferentes formas: trabalho em domicílio, relação entre empresas, subcontratação de trabalhadores autônomos, redes de subcontratação e mais recentemente, terceirização.

A terceirização constitui-se como uma nova estratégia produtiva, na qual a empresa está focada o desenvolvimento de suas mercadorias e/ou serviços específicos, designando outras empresas especializadas para a realização de tarefas complementares, tais como limpeza, segurança, alimentação, etc.

As relações de subcontratação entre as empresas, por sua vez, um tipo específico de *linkage*, é uma característica presente nos sistemas produtivos desintegrados, cujas firmas integrantes participam de um dinâmico processo de trocas de materiais e informações.

Para Abreu e Sorj (1994, p.64), as

Relações de subcontratação se estabelecem na produção quando uma das partes, (a subcontratante) empresas ou intermediárias solicita a outra parte (a subcontratada), empresas ou trabalhadores independentes, a elaboração ou beneficiamento de produtos ou serviços que irão compor o seu produto final.

Assim, a empresa subcontratada participa diretamente do processo de produção da mercadoria final da empresa subcontratante, sendo que as especificações para a realização do serviço serão fornecidas pela empresa subcontratante. No caso do trabalho em domicílio, uma costureira pode atuar na costura das peças de roupa, inserindo-se, de forma direta, numa das etapas da produção da mercadoria final. Neste caso, a relação é de subcontratação e não de terceirização.

Atualmente, a subcontratação é considerada por diversas empresas uma estratégia eficiente para a redução de custos. Segundo Abreu (1986, p.74), diversos são os tipos de vantagens adquiridas pelas empresas ao utilizarem mão-de-obra subcontratada.

A subcontratação do produto acabado, faz crescer a receita com um aumento relativamente menor dos custos, mas supõe o controle do mercado. É utilizada para resolver problemas decorrentes de mudanças imprevisíveis na demanda, que não podem ser atendidas com a capacidade produtiva disponível, ou de também integrar sistematicamente a capacidade produtiva para fazer frente a riscos hipotéticos de modificações na dimensão e nas características do mercado. Ou seja, assegura diretamente a maior flexibilidade possível de produção em relação à variação da demanda, e é particularmente atraente para unidades produtivas que têm uma estrutura rígida de produção, em termos de capital e trabalho, e que operam em mercados mais dinâmicos.

O trabalho a ser realizado pela empresa subcontratada pode ser uma extensão do praticado pela empresa contratante, produzindo as mesmas mercadorias a fim de suprir uma falta de capacidade produtiva, assim como pode ser de caráter complementar, realizando apenas etapas do processo de fabricação de um determinado produto.

Nesse processo, a empresa subcontratada pode receber ou não as matérias-primas a serem utilizadas, assim como pode ser responsável por apenas parte delas. O fornecimento de máquinas aos subcontratados também pode aparecer como uma

estratégia praticada pelas empresas maiores, sendo inclusive freqüentemente adotada no setor de confecções.

É comum ainda a existência de empresas que focam seus investimentos diretos apenas áreas especializadas, tais como *marketing*, desenvolvimento de materiais e *design*, sendo que a produção propriamente dita é totalmente realizada por indústrias subcontratadas. A fabricante de tênis Nike, assim como a marca do setor de vestuários Benetton, são exemplos de empresas que utilizam essa estratégia.

Mendes (1995, p.7), citando Holmes (1986, p.92-93), destaca quatro razões para a adoção da estratégia de subcontratação: a minimização e controle dos custos, a manutenção da flexibilidade em relação ao capital variável, o controle empresarial sobre o processo de trabalho e a garantia de uma adequada oferta de trabalho.

Reis (2004, p.22-23), discute a reorganização dos quadros de funcionários das empresas frente à reestruturação produtiva, os quais são divididos em trabalhadores nucleares e periféricos. Segundo a autora, os trabalhadores nucleares caracterizam-se pela dedicação integral ao trabalho, alto nível de treinamento, estabilidade no emprego e flexibilidade funcional; já os trabalhadores periféricos estão mais sujeitos à flexibilidade numérica, uma vez que estes podem atuar por tempo parcial, trabalho temporário ou em ambientes descentralizados, caso dos trabalhadores em domicílio.

Abreu (1986, p.74), ao estudar as indústrias de confecções, atesta que as principais vantagens do sistema de subcontratação para o empreendedor estão na ausência de investimentos em novas máquinas e na flexibilidade produtiva de acordo com a demanda do mercado.

Neste sentido, Selingardi-Pinheiro (1993, p.137) atesta que,

Embutido nesta “flexibilidade”, está obviamente o menor custo do trabalho a domicílio, cujo preço costuma ser imposto pelo contratante. [...] ao contratar trabalho a domicílio, a empresa, ao mesmo tempo em que se desobriga das responsabilidades inerentes ao emprego de trabalho fixo e regular na fábrica, também deixa de se responsabilizar por certos custos que são repassados ao trabalhador subcontratado (compra e manutenção de máquinas, energia elétrica, aluguel de casas, etc.). Além disso, o isolamento do trabalho doméstico e a sua dispersão espacial dificultam a organização sindical dos contratados, ao mesmo tempo em que a existência de uma mão-de-obra alternativa confere ao empresário maior poder de barganha nas disputas com os empregados regulares.

De uma forma geral, há muito tempo os empresários ligados às indústrias de confecções vêm utilizando esse tipo de estratégia para um maior rendimento.

Matushima (2005, p.103) ressalta que “o ramo de confecções é um dos ramos industriais que há mais tempo se utiliza das relações de subcontratação em seu processo produtivo”.

A região do Circuito das Malhas, incluindo o município de Socorro, é caracterizada pela presença marcante do trabalho em domicílio, um tipo de relação trabalhista que assegura a manutenção de empregos de um setor econômico baseado na fabricação de tricôs. Devido à indisponibilidade de estudos voltados à análise do aglomerado de micro e pequenas empresas de Socorro, a Prefeitura local estimava a existência de 3 trabalhadores informais para cada um formal, que atuavam, principalmente, em seus próprios domicílios. A pesquisa de campo realizada, porém, mostrou que tais números estavam em total desacordo com a realidade, pois a maior parte das costureiras trabalha com carteira assinada e dentro das fábricas. Este tópico será abordado, de modo mais detalhado, nos capítulos adiante.

Assim como diversas outras regiões que possuem o setor de confecções como base econômica, um dos fatos marcantes no Circuito das Malhas são as condições de informalidade em que a grande maioria dos trabalhadores em domicílio está submetida, sem quaisquer proteções ou garantias legais. Desta forma, torna-se precípua importância a compreensão da estrutura histórica e atual da economia informal brasileira, assim como suas perspectivas para o futuro.

2.5 A evolução do trabalho informal no Brasil

O papel do trabalho informal na organização econômica de vários países, dentre eles o Brasil, assim como o *status* social atribuídos às pessoas atuantes neste setor, foram compreendidos e analisados de diferentes formas no decorrer dos últimos séculos, resultado de uma série de transformações dos meios de produção e nas relações de trabalho.

A informalidade, segundo Ramos (2001, p.1), pode ser definida “como a ausência de proteção da legislação trabalhista (...) trabalho assalariado sem carteira ou trabalho por conta própria”.

Fazendo uma análise a partir da segunda metade do século XX, a informalidade passa a ganhar dimensões mais significativas no Brasil nas décadas de 1960-70, com os movimentos de industrialização e urbanização promovidos, principalmente, pela chegada de empresas transnacionais ao país. As oportunidades de

trabalho que se criavam nas grandes cidades, com destaques a São Paulo e Rio de Janeiro, associadas aos processos de acelerado crescimento demográfico no campo, mecanização agrícola e concentração fundiária, determinou um forte movimento migratório em direção às zonas urbanas, resultando num significativo incremento populacional nas cidades.

Em meados da década de 1970, ao mesmo tempo em que um conjunto de fatores determinava a intensificação do êxodo rural, as indústrias, com o intuito de maximizar seus lucros, reorganizavam constantemente seus sistemas produtivos através de investimentos em máquinas e robôs, possibilitando, ao mesmo tempo, a redução do número de trabalhadores, o aumento da produtividade e a agregação de valores nas mercadorias. Desta forma, nota-se que a velocidade de criação de postos de trabalho nos grandes centros não acompanha o ritmo de chegada de migrantes e a oferta de mão-de-obra torna-se maior que a demanda.

Uma das conseqüências diretas de tais transformações foi uma situação de diversificação da classe trabalhadora, na qual uma minoria, com maior qualificação, pode desfrutar de uma significativa melhora das condições de trabalho; e a maioria que, sem o preparo ideal para inserir-se num mercado que se tornava cada vez mais competitivo, passou a submeter-se à realização de serviços informais, muitas vezes em condições precárias e de baixo rendimento, tendo como principal objetivo garantir uma remuneração mínima para a sua sobrevivência.

Desta forma, tornou-se possível detectar a expansão e a diversificação de ocupações informais tanto no setor secundário, como no de serviços nos centros urbanos, realizados, muitas vezes, na própria residência do trabalhador.

O número de atividades e de horas dedicadas por cada trabalhador informal pode variar de acordo com suas necessidades, disponibilidade e oportunidades, não sendo raras ainda as ocorrências de pessoas que, mesmo possuindo um trabalho com carteira assinada, dediquem-se a uma atividade extra nas horas vagas, a fim de complementar suas rendas.

Cabe destacar ainda uma parcela de profissionais que, mesmo dispendo de uma maior capacitação profissional, não consegue empregar-se no mercado formal, e os serviços irregulares tornam-se muitas vezes a única alternativa.

Santos (1979) teorizou a organização econômica urbana em países subdesenvolvidos, classificando-a em dois circuitos: o superior e o inferior, cuja diferença fundamental está baseada nos níveis de tecnologia e de organização. O

primeiro deles corresponderia aos setores econômicos relacionados ao avanço tecnológico, com aplicação de altas somas de capital, atuantes em níveis nacional e internacional de uma forma organizada, utilitários de mão-de-obra especializada e usufruindo de apoio do poder público. Já o circuito inferior, mais desorganizado, estaria relacionado ao trabalho não especializado, de modo formal ou informal, com pequena atuação em nível internacional, constituído principalmente por pessoas menos qualificadas e excluídas do circuito superior.

Santos (1979, p.35) ressalta que “o emprego, no circuito inferior, raramente é permanente, e sua remuneração situa-se com freqüência no limite ou abaixo do mínimo vital [...] esse circuito é o verdadeiro fornecedor de ocupação para a população pobre⁴ das cidades e os migrantes sem qualificação”.

Santos (1979, p.161) enfatiza ainda que,

Os ingressos nas atividades do circuito inferior geralmente é fácil, na medida em que, para isso, é mais necessário o trabalho que o capital. E como a mão-de-obra é barata, não é difícil começar um negócio. Os empregados, se necessários, são encontrados com facilidade, porque a notícia de oportunidade de trabalho circula rapidamente. Por outro lado, nem sempre é necessário ter freqüentado uma escola e, muitas vezes, pode-se trabalhar sem ter os papéis regulamentadores.

Como exemplos de atividades do circuito inferior, podem ser citados os “catadores”, que são os trabalhadores dedicados ao recolhimento de material reciclável nas ruas; os camelôs, os quais estão submetidos ao comércio de produtos diversos em estruturas muitas vezes inadequadas, espalhadas por diferentes lugares, tais como praças, calçadas, estações de trem e de metrô, etc; os vendedores ambulantes; os faxineiros; os guardadores de carros; os engraxates; além de pessoas que, atuando como empregados ou conduzindo seus próprios negócios, geram seus rendimentos em pequenos empreendimentos.

Dados de diferentes fontes comprovam um crescimento maior da taxa de informalidade e desemprego que o de ofertas de trabalho com registro em carteira no país nas últimas décadas, sobretudo nas áreas urbanas.

Um levantamento citado pelo economista José Pastore (Folha de S. Paulo – 10 Jan. 2005) mostra que entre julho de 2003 e julho de 2006, o mercado formal de

⁴ Para Santos (1979, p. 38) consideram-se pobres “aqueles que não têm acesso, de modo regular, aos bens de consumo corrente considerados como o mínimo indispensável numa certa sociedade”.

empregos teve um crescimento de 2,4%, enquanto o setor informal registrou um aumento de 9,6%.

Ramos (2001, p.2), por sua vez, destaca que aproximadamente 50% dos trabalhadores nas regiões metropolitanas atuam na informalidade.

Já Pochmann (2001 apud Oliveira, 2003, p.45), atesta que entre 1989 e 1998, enquanto o crescimento do índice de pessoal empregado no país foi de 14,6%, o da PEA (População Economicamente Ativa) foi de 22,%, e o do nível de desemprego de 280,3%.

Diversos fatores, de caráter estrutural ou conjuntural, podem ser atribuídos, direta ou indiretamente, à redução dos níveis de emprego no Brasil:

- A reestruturação produtiva no país durante a década de 1990, visando o aumento da competitividade num mercado globalizado, acabou por investir na modernização e automação das empresas que, se por um lado ganharam em termos de produção e competitividade, por outro diminuiu o número de postos de trabalho;
- A insuficiência e ineficiência das políticas públicas para a construção, ampliação e manutenção de estradas, ferrovias, portos e armazéns; a falta de energia e as recentes crises no setor aéreo, entre outros fatores, podem resultar no aumento dos custos e encarecimento da mercadoria, ocasionando uma redução das vendas e da competitividade das empresas. Quanto menores forem as vendas, menor será a produção e, por conseguinte, reduz-se o número de trabalhadores necessários;
- Uma legislação trabalhista antiquada, que encarece muito a manutenção do funcionário pelo empregador. O economista Pastore (Folha de S. Paulo – 10/01/05) salienta que “o Brasil possui a legislação trabalhista mais rígida do mundo e a consequência é que poucas empresas contratam empregados, e quando contratam o fazem informalmente”;

- Altas taxas de juros, que além de impedir ou dificultar novos investimentos, restringem o potencial de consumo da população, também ocasionando reduções nas vendas;
- Um conjunto de burocracias que dificulta as atividades empresariais⁵;
- Uma carga tributária que está entre as mais elevadas do mundo e que não oferece o retorno que deveria à população e às empresas em forma de investimentos⁶.

Pochmann (2001 apud Oliveira 2003, p.45), destaca que,

As perspectivas de solução para o desemprego no Brasil, na atual conjuntura econômica, não são favoráveis, pelos seguintes aspectos: o modelo econômico adotado desde o início da década de 90 até os dias atuais tem permitido que se mantenha a mesma renda *per capita* da década de 80, a redução acentuada do emprego formal, as baixas taxas de investimento e o incremento superior da População Economicamente Ativa anual em relação à baixa expansão e/ou às taxas negativas de produção nacional. Por conseguinte, se a evolução demográfica do país vai se mantendo anualmente superior ao seu crescimento econômico, ocorrerá uma situação de desemprego crônico e sem perspectivas.

Os altos índices estatísticos relacionados ao trabalho informal no Brasil refletem diretamente nas estruturas social e econômica do país.

Do ponto de vista social, a não contribuição com a previdência social por parte dos trabalhadores informais os impede de ter acesso a diversos benefícios garantidos aos contribuintes, tais as aposentadorias por tempo de contribuição, por idade ou por invalidez, especial, auxílio doença, auxílio acidente, auxílio reclusão, pensão por morte, salário maternidade e salário família (www.previdenciasocial.gov.br/pgsecundarias/beneficios.asp).

A legislação trabalhista brasileira também deixa de assegurar ao empregado informal diversos direitos, dentre os quais: trinta dias de férias por ano, sendo o mesmo acrescido de um terço do valor do seu salário; décimo terceiro salário; limite de quarenta e quatro horas semanais de trabalho; acréscimo nos valores recebidos por

⁵ Segundo informações colhidas no escritório contábil Tasca, Rovesta e Bonneti Ltda, o processo de abertura de uma empresa no Brasil leva cerca de 20 dias e o fechamento pode levar de seis meses a um ano.

⁶ As tributações no Brasil atingiram em 2005 37,4% do PIB nacional, havendo expectativa de alcançar 39% em 2007 (SUPERADA A 1ª BARREIRA – 29 NOV 2006).

horas extras de trabalho; ao menos um dia de folga na semana, sendo no mínimo um domingo ao mês; e o recebimento do salário em caso de problemas de saúde, entre outros. Nesta última situação, a empresa responsabiliza-se pelos primeiros quinze dias de salário, e a previdência a partir do décimo sexto dia.

Do ponto de vista econômico, a informalidade contribui para o rombo do sistema de seguridade social⁷, comumente divulgado na imprensa como o rombo da previdência pública. Esse déficit vem ocorrendo principalmente após 1988, devido à inclusão, no sistema previdenciário, de cerca de seis milhões de trabalhadores informais rurais que jamais contribuíram, além dos beneficiários do Loas⁸, que oneraram o sistema em cerca de R\$ 35,8 bilhões, transformando um superávit de R\$ 4,8 bilhões num saldo negativo de R\$ 31 bilhões no ano de 2005. (O presidente e a Previdência – Jornal O Estado de São Paulo, Caderno B2, 20/12/2006).

Para o ano de 2007, era estimado um saldo negativo de R\$47,4 bilhões no sistema de seguridade nacional (Dataprev na imprensa - O Globo - 17 /12/2007).

O resultado é que recursos que poderiam ser aplicados em outros setores, como infra-estrutura econômica/social, ou ainda serem descontados das altas cargas tributárias do país, são destinados à cobertura dos altos gastos sociais, que reduzir-se-iam caso aumentasse o índice de formalização do país.

Existem, por outro lado, levantamentos mais atuais que demonstram uma possível inversão na tendência de informalização da economia, ao menos recentemente. O mês de Abril de 2008 teve um aumento de 1,5% no número de trabalhadores no setor privado com carteira assinada em relação ao mês anterior e, se comparado a Abril de 2007, esse número passa para 9,9%. Já o número de trabalhadores informais caiu 4,7% em relação a Abril de 2007 (www.estadao.com.br/economia/not_eco175995,0.htm).

A manutenção ou mesmo a aceleração do processo de criação de empregos formais no país, está diretamente relacionada à implantação de políticas que visem o aumento dos investimentos em infra-estrutura e P&D, reduções da carga tributária e das

⁷ A Constituição Federal de 1988 criou um orçamento próprio para a Seguridade Social englobando a Previdência Social, a Saúde e a Assistência Social, as quais constituem a proteção social brasileira e que, por sua vez, tem fontes de recursos próprios definidos para o conjunto e não isoladamente para cada função.

⁸ Através do LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social, a legislação brasileira garante um amparo no valor de um salário mínimo a todas as pessoas com idade superior a sessenta e cinco anos, desde que seja comprovado o não recebimento de quaisquer outros rendimentos por parte do trabalhador. O mesmo benefício pode ser destinado a pessoas que apresentem algum problema de saúde que a impeça de trabalhar, desde que a renda média familiar não seja igual ou superior a 25% de um salário mínimo.

taxas de juros, reformulação das leis trabalhistas e uma melhor distribuição de renda no país.

Apesar dos recentes números mostrarem-se positivos, os altos índices de desemprego ainda fazem com que a informalidade ganhe destaque no cenário econômico nacional, respondendo não apenas por uma grande parcela da mão-de-obra ocupada, mas, também, por quase metade da renda gerada no país. Com base em informações contidas no artigo “Trabalho informal resiste à retomada da economia” (Folha de S. Paulo – 10 Jan. 2005), é possível destacar importantes fatos sobre a economia informal brasileira:

- A informalidade estruturada no país atinge atualmente entre 35% e 45% da renda nacional, segundo dados do Banco Mundial e do Governo Federal;
- Dentre 133 países pesquisados pelo banco Mundial, o Brasil aparece em 9º lugar no ranking da informalidade;
- O fenômeno da informalidade se manifesta de diversas formas, como na contratação irregular de trabalhadores, na comercialização de produtos sem nota fiscal, na produção de mercadorias falsas, na violação de direitos autorais, na adulteração de produtos e na sonegação fiscal;
- O contrabando, a pirataria e a sonegação fiscal não param de crescer no Brasil;
- O setor têxtil é um dos que apresentam os maiores índices de informalidade. Segundo dados da Abravest, a indústria têxtil fatura US\$ 13 bilhões por ano, sendo que outros US\$ 5 bilhões são movimentados anualmente na economia paralela.

Já a edição de 07/06/2004 do jornal O Estado de São Paulo, destaca outros impressionantes números da informalidade no Brasil:

- Pesquisa da FGV⁹ de março de 2004, envolvendo 50 mil pequenos negócios que ocupam até cinco pessoas, revela que apenas 15% pagam tributos, 12,3% possuem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica e 21,1%

⁹ Fundação Getúlio Vargas

são constituídos juridicamente, podendo, portanto, ser considerados formalmente registrados;

- No setor agropecuário o nível de informalidade chega a 90%;
- Em 11 setores, relacionados à agropecuária, varejo e construção, além de setores industriais e de serviços intensivos de mão-de-obra, correspondentes a 63% do emprego total, mais da metade da mão-de-obra ocupada está em situação informal;
- No setor audiovisual/software, em 1997, somente 5% do mercado de CDs era pirateado no Brasil, sendo que, em 2002, os CDs piratas já correspondiam a 53% do mercado;
- No setor de combustíveis, a informalidade vem crescendo rapidamente, em particular nos postos sem bandeira, que aumentaram sua participação de 6% (1999) para 27% (2002). No total, a sonegação no setor pode ultrapassar R\$ 3,3 bilhões, quantia superior ao total de *royalties* de petróleo em 2002;
- O setor de vestuário tem um dos maiores índices de informalidade, com mais de 60% das ocupações;
- No caso de cigarros, do total de 151 bilhões de unidades comercializadas por ano, mais de um terço (51 bilhões) ocorre ilegalmente, sendo mais de 35 bilhões por causa do contrabando. A evasão fiscal chega a R\$ 1,4 bilhão, ante uma arrecadação anual de impostos de cerca de R\$ 4,3 bilhões.

Informações do Sebrae, por sua vez, demonstram que há aproximadamente 5 milhões de empresas formais no Brasil, enquanto as informais somam cerca de 10,3 milhões de unidades, sendo a grande maioria de micro ou pequeno porte.

A reorganização produtiva está também conectada ao problema da geração de renda no país. Tal fato se deve à acentuação do desequilíbrio na distribuição de riquezas entre a classe alta e baixa brasileira, reflexo do crescimento do contingente desocupado.

Essas informações permitem concluir que, além da tendência mundial de crescimento do desemprego estrutural, resultado da automação das plantas produtivas, a legislação brasileira e os poucos e mal planejados investimentos em infra-estrutura, acabam por dificultar a manutenção do emprego formal no país.

Os reflexos dessa problemática podem ser sentidos em vários setores produtivos e de serviços, particularmente no de vestuários, ramo de interesse desse estudo, onde o trabalho informal, realizado muitas vezes no domicílio do trabalhador, posiciona-se como um dos alicerces de sua estrutura. A importância do trabalho em domicílio e da informalidade para o complemento da cadeia produtiva do setor de vestuários no Brasil pode ser comprovada em diversos trabalhos, dentre eles os de Abreu (1986), Abreu e Sorj (1993), Oliveira (2004), Matushima (2005), e Fuini (2007).

O primeiro fator comum entre os estudos de caso, é a majoritária presença da mão-de-obra feminina, fato que vem confirmar a observação realizada por Lavinias, et alii (2000, p.3). Segundo os autores,

As mulheres continuam a prevalecer no trabalho a domicílio, uma vez que carecem de mobilidade e de flexibilidade de opções no mercado de trabalho. Tanto em virtude do viés de gênero presente nas definições de postos de trabalho como pelas responsabilidades familiares que recaem sobre elas e seus fortes vínculos comunitários, as mulheres constituem a principal oferta de trabalho a domicílio.

O estudo realizado por Abreu e Sorj (1993), buscou-se retratar a situação vivida por um grupo de trabalhadores em domicílio cariocas naquele ano. A pesquisa revelou que 98% das costureiras entrevistadas pelas autoras não possuíam registro em carteira, resultado de uma estratégia utilizada pelas confecções para se isentarem dos custos empregatícios formais. Os dados também mostram que é comum a exigência de carteiras de autônomas das costureiras por parte das empresas, mas esse fato não corresponde à maioria das entrevistadas, uma vez que apenas 39,2% das trabalhadoras recolhiam as taxas.

Labegaline (2004, p.6) mostra que, no caso das malharias retilíneas de Monte Sião, a subcontratação entre empresas e a utilização de trabalhadores em domicílio no sistema *à façon*, ou *façonismo*, são estratégias comumente utilizadas.

Caracteriza o *façonismo* o processo em que as malharias fornecem as matérias-primas ou as blusas inacabadas para os trabalhadores que possuem uma ou mais máquinas em casa, determinando o tipo de trabalho a ser realizado, podendo ser a confecção total da peça ou apenas etapas do processo produtivo, tais como arremate, confecção ou o bordado. Essas empresas recolhem posteriormente o produto acabado, pagando ao trabalhador o salário proporcional aos seus serviços. Em alguns casos a empresa chega a fornecer as máquinas para os trabalhadores. As principais vantagens

para as empresas que utilizam esse tipo de mão-de-obra são as desobrigações trabalhistas e a não existência de vínculos empregatícios durante a baixa estação.

O sistema produtivo de malhas, apesar de basear-se no trabalho desqualificado e muitas vezes informal, apresenta setores onde a mão-de-obra especializada se faz necessária, caso do manuseio e da manutenção de máquinas computadorizadas, programação de computadores, *design* e *marketing*, entre outros.

Para um maior aprofundamento sobre as relações produtivas do aglomerado produtivo de Socorro, abordaremos sobre as principais características das indústrias de vestuários no Brasil, com ênfase nas malharias retilíneas.

2.5.1 A evolução do trabalho em domicílio

As relações produtivas sempre estiveram estruturadas na exploração de mão-de-obra do operário, o qual oferece sua força de trabalho ao capitalista, na maioria das vezes em troca de uma determinada quantia em dinheiro denominada salário.

Um tipo de relação trabalhista presente em diversos segmentos industriais, dentre eles o setor de confecções, é o trabalho em domicílio, que possui como principal característica a contratação de pessoas que se incumbem em realizar determinadas tarefas relacionadas à produção de uma mercadoria, seja ela completa ou parte dela. Tais afazeres ocorrem, na maioria das vezes, na própria residência do trabalhador, daí a denominação trabalho em domicílio. Segundo definição da OIT (Organização Internacional do Trabalho), citada por Lavinias, et alii (2000, p.4), o trabalho em domicílio caracteriza-se como a “[...] produção de bens ou serviços feita por um indivíduo, feita em domicílio ou em lugar de sua escolha, em troca de salário, sob a especificação de um empregador ou intermediário”. Para Abreu (1986; p.73), o trabalho em domicílio define-se como “o trabalho realizado na habitação do trabalhador, com maquinaria de sua propriedade ou pelo menos em sua posse, por encomenda de empresas ou de seus intermediários, envolvendo geralmente a realização de tarefas parciais do processo produtivo, recebendo em troca pagamento por peça”.

Uma das características marcantes deste tipo de trabalho é a sua realização, em grande parte dos casos, de modo informal, ou seja, sem as proteções ao trabalhador garantidas por lei.

Historicamente, Abreu (1986, p. 37), destaca que “o trabalho industrial a domicílio tem sua raízes nos séculos XVI e XVII, com a emergência da economia

doméstica, quando vida familiar e trabalho estavam intimamente ligados”. Nesse período, era comum toda a família se dedicar, de forma unida, em alguma espécie de trabalho com o auxílio de algum tipo de máquina rudimentar para a fabricação de tecidos de algodão ou lã, rendas, cordas e pregos entre outros produtos, os quais eram destinados ao consumo da própria família ou à comercialização.

A autora relata que importantes eventos ocorreram durante os anos de 1780 e 1840, período correspondente a I Revolução Industrial, quando a introdução das máquinas a vapor no meio produtivo, principalmente nos setores de algodão e de lã, alterou o ritmo e a disciplina do trabalho. Além de resultar numa crescente divisão do trabalho, a evolução das máquinas foi ainda capaz de, num curto espaço de tempo, substituir e, conseqüentemente, desvalorizar determinados ofícios. Segundo Abreu (1985, p.46), o melhor exemplo dessa situação foi o setor têxtil, que durante o século XIX obteve vários ofícios a ele relacionados supridos pela produção fabril, tendo como resultado imediato o aumento do desemprego.

Economicamente, o final século XIX caracterizou-se pela expansão do colonialismo europeu na África e Ásia, cujos resultados traduziram-se na ampliação do comércio internacional e, portanto, no aumento dos volumes de mercadorias negociados na época. De modo generalizado, essas relações ocorriam de acordo com a tradicional divisão internacional do trabalho do período colonial, ou seja, através do fornecimento de matérias-primas pelas colônias e de produtos manufaturados pelas metrópoles.

Na busca do atendimento à crescente demanda por produtos industrializados, inclusive por artigos têxteis, as empresas passaram então a complementar suas produções através da subcontratação de artesãos que, empobrecidos e sem trabalho, submetiam-se a prestações de serviços cada vez mais especializados, comumente realizados dentro de porões e sótãos de seus domicílios.

Uma crescente concorrência entre as fábricas também tomou lugar no panorama econômico do período, sendo o preço final da mercadoria um importante fator competitivo. A procura por estratégias que resultassem em reduções de gastos fez com que empresários buscassem diversas formas de inovações, dentre elas a substituição da mão-de-obra masculina por mulheres e crianças, uma vez que essas tinham um custo salarial menor.

No final do século XIX, a organização científica do trabalho baseava-se na teoria de que a presença dos funcionários nas fábricas significava um maior controle das etapas e das formas como eram realizadas as produções, o que resultaria numa maior

eficiência e maior competitividade das empresas. Tal fato, associado à concentração industrial e ao aumento da renda, estimularam a redução da parcela de pessoas que trabalhavam em suas próprias casas, e o trabalho em domicílio entra em declínio.

A tendência de formalização dos operários acentuou-se durante a década de 1920. Esse acontecimento decorreu em virtude da combinação de uma série de fatores: o aumento da oferta de mão-de-obra com as imigrações ocorridas durante a I Guerra; a introdução de novas máquinas nas indústrias; a redução dos custos com transportes com a locação das residências dos empregados próxima às fábricas; e a melhoria da qualidade dos produtos com a supervisão direta do trabalhador.

As mobilizações operárias, a estruturação de sindicatos, as reivindicações organizadas, entre outras formas de atuação proletária resultaram, de modo geral, até meados do século XX, numa contínua melhora das condições de trabalho, com um crescimento constante da parcela da classe trabalhadora atuando formalmente.

O trabalho informal passa então a ser visto como uma forma de relação inadequada não apenas nos países desenvolvidos, mas também nas nações pobres, tendendo a declinar-se com a evolução das economias e estruturas sociais de cada lugar, garantindo os direitos trabalhistas a uma parcela cada vez maior da sociedade. “Esta visão se apoiava na convicção, firmemente estabelecida, de que havia um elo indissolúvel entre crescimento econômico e ampliação de direitos sociais e trabalhistas nas sociedades democráticas.” (Lavinias et alii, 2000, p.1).

A partir dos anos de 1970, porém, as reestruturações produtivas, com o advento da Terceira Revolução Industrial, determinaram não apenas numa reversão na tendência do crescimento do número relativo de trabalhadores protegidos por lei, mas também numa mudança analítica da questão do trabalho informal, até então diretamente relacionado ao atraso econômico e social de cada lugar.

Segundo Mendes (1995, p.2), “A crescente pressão das empresas por reduzir custos, maximizar lucros e a busca da qualidade, produtividade e competitividade tornou a descentralização da produção uma forma atraente de organização”.

O rompimento de tal paradigma estabelece uma maior flexibilidade nas relações de produção, onde os contratos temporários, o trabalho em domicílio, a terceirização e a subcontratação tornam-se estratégias empresariais, exigindo uma revisão dos conceitos relacionados às relações trabalhistas.

Para Lavinias et alii (2000, p.1);

O avanço tecnológico mesclado a um crescimento com base em alta produtividade do trabalho e, portanto, com pouca geração de emprego está revigorando outras formas de ocupação, em que a instabilidade nos contratos de trabalho, os empregos em tempo parcial, a terceirização e a contratação de trabalhadores a domicílio deixam de ser modalidades arcaicas ou condenadas ao desaparecimento para ocupar o centro das novas estratégias de gestão da força de trabalho.

Oliveira (2004, p.25) observa que a partir da década de 1970, a incorporação da micro-eletrônica na produção proporcionou a reestruturação do sistema capitalista e a desorganização da classe trabalhadora. Para o autor, as principais conseqüências observadas são:

- A extinção de inúmeros postos de trabalhos formais;
- A desestruturação dos movimentos trabalhistas;
- A perda do poder aquisitivo médio, devido ao alto índice de desempregados, política econômica global e reestruturação produtiva;
- Precarização do trabalho, subemprego, (devido à extinção dos empregos formais), contratos de trabalho de curto prazo;
- Destruição da consciência de classe dos trabalhadores e das conquistas sociais.

As transformações decorrentes da evolução tecnológica foram também sentidas nas relações do trabalho em domicílio que, de uma forma generalizada, podem atualmente ser identificadas através duas formas de ocorrência.

A primeira delas é possível exemplificar por meio de setores onde a utilização de alta tecnologia na produção torna-se muitas vezes inviável, tais como o de calçados e de confecções. A tendência de um processo de desintegração industrial, cujas etapas produtivas extrapolam as fronteiras dos países inseridos na globalização pode, nesses casos, tornar compensatória a contratação de operários sem alta qualificação.

É interessante observar que, dentro dessa cadeia, é possível encontrar num extremo, trabalhadores em domicílio que freqüentemente atuam sem quaisquer tipos de proteções por parte de uma legislação trabalhista, e no outro, corporações que administram marcas conhecidas internacionalmente.

Mantendo as fases mais especializadas em seus países de origem, como o *design*, o *marketing* e o desenvolvimento de *softwares*, entre outras, essas empresas buscam, principalmente em países subdesenvolvidos, vantagens comparativas tradicionais, como mão-de-obra barata e baixas cargas tributárias, como é o caso da China e de outros países do sudeste asiático. Um outro fator favorável às empresas são as guerras fiscais internas entre estados, que ocorrem em países como o Brasil, resultando num aumento da lucratividade das empresas e prejudicando as arrecadações das unidades da federação.

Cabe ressaltar que nesse tipo de relação, o empregador mantém sob controle todo o processo de produção, desde os tipos de matérias-primas e equipamentos aos métodos de fabricação utilizados pelo empregado, além da imposição de prazos para a realização das tarefas.

Em nível nacional, também é bastante comum a presença do trabalho em domicílio em diversas regiões. As produções de calçados no Vale do Sino – RS e em Franca – SP; e de tricô no Circuito das Malhas; entre muitos outros, refletem essa realidade.

Mesmo entre países considerados desenvolvidos, pode ocorrer a fragmentação produtiva de setores tradicionais e a exploração dos trabalhadores menos preparados. Um estudo realizado por Tate (1996 apud Lavinias et alii, 2000, p.1), demonstra diferentes formas de trabalhos a domicílio, formais e informais, realizados por trabalhadores de distintos países europeus. Uma pequena indústria italiana, por exemplo, ao enfrentar uma crise industrial em seu país, passa a prestar serviços para uma empresa inglesa através da fabricação de calçados infantis, caracterizando um processo de desconcentração industrial através da subcontratação. O caso de trabalhadoras portuguesas que se empenhavam no fabrico de componentes de calçados a serem utilizados na montagem final da mercadoria na França, também mostra a inserção de operários de países da União Européia dedicando-se a atividades de baixa qualificação e remuneração.

Se por um lado a flexibilização produtiva ainda consiste na exploração de mão-de-obra desqualificada, raramente oferecendo algum tipo de oportunidade de crescimento profissional ao empregado, por outro ela torna-se bastante positiva para os trabalhadores especializados, delineando um novo conceito para trabalho em domicílio. Lavinias, et alii (2000, p.4) destacam em seus estudos o *teletrabalho*, uma espécie de

trabalho em domicílio adaptado às novas condições produtivas do final do século XX e início do século XXI.

Para os autores, o *teletrabalho*, segunda forma de ocorrência do trabalho a domicílio a ser tratada, é uma função de caráter intelectual, cuja incumbência está no desenvolvimento de inovações de diversas formas, absorvendo trabalhadores que, além de altos rendimentos, possuem grandes possibilidades de ascensão profissional, mesmo não tendo um vínculo efetivo com a empresa. Tal fato se deve aos contratos de serviços relativamente curtos, os quais possibilitam uma constante aquisição de experiência em diferentes companhias, criando dessa forma condições para pleitear posições mais bem remuneradas ou novos contratos com diferentes empregadores. Dentre as principais características do *teletrabalho*, podem-se destacar:

- Sua realização a distância de onde seus resultados são esperados;
- O controle de qualidade sendo feito de acordo com os resultados;
- A utilização de tecnologia, com equipamentos de informática e telecomunicações.

Assim, o trabalho em domicílio que até pouco tempo atrás era tido como um segmento precário e marginalizado, pode apresentar, nos setores de alta tecnologia, uma realidade que não condiz com tais esteriótipos, onde indivíduos independentes, qualificados e com alta remuneração, estão diretamente ocupados no desenvolvimento de tecnologias inovadoras.

Ao contrário dos acordos tradicionais de trabalho em domicílio, onde fica evidente a subordinação do empregado ao patrão, devendo seguir rotinas e cumprir horários previamente estabelecidos, os serviços mais qualificados possuem contratos que estabelecem uma relação de independência entre contratante e contratado, na qual ambos buscam um resultado em comum e cada um deles assume os riscos financeiros e suas garantias de proteção.

O divisor de águas entre o tradicional trabalhador a domicílio e sua versão reatualizada, ao gosto das novas exigências da produção, reside precisamente no fato de o antigo ser um assalariado “disfarçado”, ao passo que o novo, por fortalecer a dimensão individual do trabalhador, reitera a

figura do trabalhador independente, autônomo, não-inserido numa relação salarial. Sua condição é muito mais fruto de uma opção consciente, negociada, quando facultativa, do que uma imposição externa sem apelação. (Lavinias, et alii 2000, p.4).

O trabalho em domicílio, assim como a informalidade de uma forma geral, também sofreu transformações nas últimas décadas no Brasil. A análise da atual estrutura e importância, assim como das tendências do trabalho informal no país colaborará para a compreensão das relações de produção do setor de vestuários no Circuito das Malhas.

CAPÍTULO 3

A EVOLUÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE CONFECÇÕES E MALHARIAS RETILÍNEAS NO BRASIL

A indústria de confecções brasileira, incluindo as malharias retilíneas, caracteriza-se como sustentáculo econômico de diversas regiões do país, o Circuito das Malhas, que compreende municípios dos estados de Minas Gerais e São Paulo. Assim como diversos outros setores da economia, esse ramo vem atravessando, nos últimos anos, por um processo de reestruturação produtiva, resultado de uma política de abertura econômica brasileira associada às transformações do mercado internacional.

3.1 A evolução do setor de confecções no Brasil

A história da indústria têxtil no Brasil tem início ainda no período colonial, aproximadamente no século XVII, quando diversas indústrias de confecções, localizadas em sua maioria nas capitâncias nordestinas, supriam a demanda por roupas e artigos em tecido dos colonos e escravos da região (Catolino 2002; p.75).

No início das atividades, mesmo utilizando-se de técnicas bastante rudimentares, os lucros obtidos por essas fábricas cresciam de forma considerável, fator esse que estimulava os empresários a investirem no aumento da capacidade produtiva e nas instalações de novas fábricas.

Os portugueses, controladores da economia e da política da colônia no período, passaram a preocupar-se com a ameaça que isso poderia significar aos comerciantes de tecidos europeus, criando então diversas restrições às empresas brasileiras. A partir daí, com regras estipuladas a partir do pacto colonial, as confecções nacionais passaram a dedicar-se apenas à produção de artigos baratos e grosseiros, uma vez que os mercados mais sofisticados e lucrativos deveriam ser exclusivos aos produtos vindos da Europa.

Em 1808, com a chegada da família real, um tratado firmado entre ingleses e portugueses garantiu à Inglaterra privilégios no comércio exterior realizado com o Brasil, no caso uma tarifa de importação de 15%, considerada bastante baixa, fazendo com que a estagnação da indústria nacional perdurasse até 1844. Após esse período, a

elevação da mesma tarifa para 30% propiciou, mesmo que de forma lenta, o desenvolvimento do parque industrial nacional, cujo pioneirismo é atribuído ao setor têxtil. Essas fábricas, ainda utilizando-se de técnicas e mão-de-obra importadas, expandem-se principalmente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia (Braga, 1999 apud Carreira, 2001, p.22).

A segunda metade do século XIX, mais precisamente o ano de 1851, marcou ainda o início da utilização da primeira máquina de costura do mundo considerada eficiente, a Singer que, inventada por Isaac Singer, chega ao Brasil em 1858 através de um ponto de vendas instalado no Rio de Janeiro, (www.singer.com.br/institucional/historia).

Catolino (2002, p.77), explica que “neste período, a confecção de roupas restringia-se a trabalhos domiciliares. Os trabalhadores operavam máquinas a pedal e confeccionavam artigos cortados em oficinas por comerciantes atacadistas, sob o sistema de subcontratação ou *faccão*”. Assim, já é possível a constatação de *linkages* produtivos neste período.

Já no século XX, o capital gerado pela economia cafeeira foi essencial para investimentos no setor têxtil nacional, mas não menos importante, foram os períodos em que ocorreram as I e II Guerras Mundiais. Tais conflitos estão associados a uma redução da capacidade de produção dos EUA e Europa, principais exportadores daquele período, o que estimulou empresários brasileiros a investirem no setor, chegando inclusive a participarem com 13% do volume total de vendas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial (Catolino, 2002, p.78).

Ao término do conflito, porém, a indústria têxtil nacional entra novamente num período de crise, vindo a mostrar sinais de recuperação apenas no final dos anos 50, quando o Ministério da Indústria e Comércio cria políticas de incentivos a fim de aumentar a competitividade do setor.

Baseando-se em Prado (1998), Carreira (2001, p.11) esclarece que o período compreendido entre os anos de 1975 e 1985 marcou um processo de intensa transformação da indústria têxtil mundial a partir da Europa, Japão e EUA sucessivamente, onde os aumentos de investimentos possibilitaram uma significativa evolução das máquinas e o desenvolvimento de novas matérias-primas, como, por exemplo, a micro-fibra.

O segmento da indústria têxtil do Brasil possuía níveis de investimentos em modernização relativamente baixos até os anos 1980, quando leis protecionistas

garantiam o mercado local aos empresários estabelecidos, que por sua vez obtinham altos lucros ao produzirem mercadorias inferiores para consumidores carentes de inovações e variedade.

Foi a partir de 1994, com a abertura do mercado nacional e a estabilização da moeda, que houve um processo de atualização mais consistente do setor, com as grandes companhias, na busca por uma maior eficiência, diversificando e aperfeiçoando suas estratégias produtivas e administrativas.

A fragmentação industrial e a subcontratação de outras empresas para o complemento da produção podem ser entendidas como alternativas encontradas pelos empresários nacionais para compensar uma defasagem existente entre suas fábricas e às de capital internacional que chegavam ao Brasil na década de 1990. Essas duas estratégias foram particularmente importantes no sentido de que, além de proporcionarem a aquisição de diversas vantagens competitivas no setor, como redução dos gastos com mão-de-obra e o não estabelecimento de vínculos empregatícios, geraram ao mesmo tempo oportunidades para o surgimento de novos pequenos e médios empreendimentos. Cabe aqui destacar as reestruturações realizadas internamente às confecções, dentre elas a aquisição de máquinas importadas graças às reduções de taxas, informatização, adoção de técnicas e a utilização de matérias-primas que correspondessem ao clima tropical foram fatores igualmente importantes.

Para Rech (2001, p.3),

Atualmente, a concorrência crescente, a entrada de empresas internacionais no mercado interno e o rápido acesso à informação motiva, as empresas a uma diferenciação dos seus artigos, não esquecendo que o ciclo de vida do produto de moda, da criação até a comercialização, é curto por mais inovador e interessante que seja este produto.

Araújo (2005, p.34), reforça que,

As indústrias têxteis brasileiras vêm passando por várias transformações na produção, no que se refere à modernização tecnológica do seu parque industrial, na busca de novas matérias-primas, na melhoria da qualidade, na racionalização de energias, no desenvolvimento de produtos pioneiros para o mercado e na excelência de sua mão-de-obra direta e administrativa. Todo este esforço tem um único objetivo: reduzir custos para ganhar.

Segundo dados da ABIT (Associação Brasileira das Indústrias Têxteis), citados por (Araújo; 2005; p.34), entre 1999 e 2005 foram investidos US\$ 6 bilhões na automação

da cadeia têxtil brasileira e, “graças a estes investimentos, temos hoje um grau de automação, de tecnologia e de modernidade comparável a muitas fábricas no exterior, mas pelo tamanho do setor no Brasil, ainda há muito que fazer”.

Citando levantamentos estatísticos da Abravest – Associação Brasileira do Vestuário – Maluf (2000 apud Rech, 2001 p.17), destaca que em 2000, eram “19.400 empresas registradas, 1.1 milhão de empregos diretos [...] e mais de 6.5 milhões de indiretos, 4.1 milhão de peças fabricadas por ano e 18 bilhões de dólares de faturamento por ano”. Entre janeiro e outubro de 2000, as exportações das empresas de confecções e têxteis corresponderam a aproximadamente US\$ 1 bilhão, o que significou um aumento de 24% em relação às vendas realizadas no ano anterior, que somaram US\$ 812 milhões.

Por outro lado, alguns estudos, como os realizados por Mendes (1997) e Matushima (2005) demonstram que, se por um lado a concorrência gerou a necessidade de um aperfeiçoamento produtivo de muitas confecções nacionais, por outro ela foi a causadora de falências de muitas outras, não apenas pela indisponibilidade de recursos para investimentos, mas também devido aos preços muito baixos de similares provenientes, principalmente, da Coréia do Sul e da China.

3.2 As malharias retilíneas

Ao abordar um setor mais específico da indústria de confecções, as malharias retilíneas, Rech (2001, p.1), destaca que “toda indústria de malhas tem por missão a manufatura de tecidos de malha, a partir de diversos tipos de fios. Essa indústria não se restringe somente à de roupas, mas, é neste produto, que é mais conhecida”.

Araújo (2005, p.33), por sua vez, destaca que,

Conhecida na Europa, desde o séc. XV, a malharia, entre as indústrias têxteis, foi aquela cujo aperfeiçoamento técnico foi o mais rápido. O principal instrumento de todos os teares de malharia é a agulha, cuja espessura classifica o trabalho executado, ou seja, a grossura da malha.

De uma forma geral, a evolução do segmento de malharias no Brasil pouco se difere da trajetória do ramo têxtil em geral, inclusive nos últimos anos quando, ao

investirem na reestruturação produtiva e fabricar mercadorias com maior valor agregado, passaram a obter mais atenção do segmento da moda.

Becker (2000 apud Araújo, 2005, p.3) destaca que,

No Brasil, a partir do início da década de 90, a malharia retilínea tornou-se produto indispensável nas coleções de moda, principalmente por causa das tendências de moda que evocavam o efeito *hand-made* (feito à mão, tricotado) e aos investimentos em pesquisas de desenvolvimento de fios adequados ao clima tropical; enquanto no exterior, seu sucesso sempre foi incontestável, devido ao clima frio e ao consumidor habituado ao uso de produtos de malharia retilínea.

A popularização das malhas e o conseqüente aumento das vendas resultaram em maiores ganhos, possibilitando dessa forma não apenas a ampliação de negócios já existentes, mas também a inserção de novos empresários no ramo.

Araújo (2005; p.34), ressalta ainda que a proliferação deste tipo de indústria se verificou, principalmente, em função da não necessidade de grandes investimentos de capital; dos custos mais baixos de produção dessas mercadorias do que os da indústria de tecidos planos; da introdução de novas tecnologias; dos investimentos em pesquisas de desenvolvimento de matérias-primas adequadas ao clima; e da popularização dos tecidos de malha, principalmente em função das tendências de moda.

Ao iniciar uma empreitada no ramo de vestuários, o futuro empresário deve dispor de um capital. Segundo dados do SEBRAE (2000), as pequenas empresas que se estabelecem no segmento de confecções, possuem seus recursos provenientes, principalmente, de rescisões trabalhistas e saldo do FGTS; empréstimos; ou estímulos provenientes de outras unidades que decidiram terceirizar algumas de suas unidades produtivas.

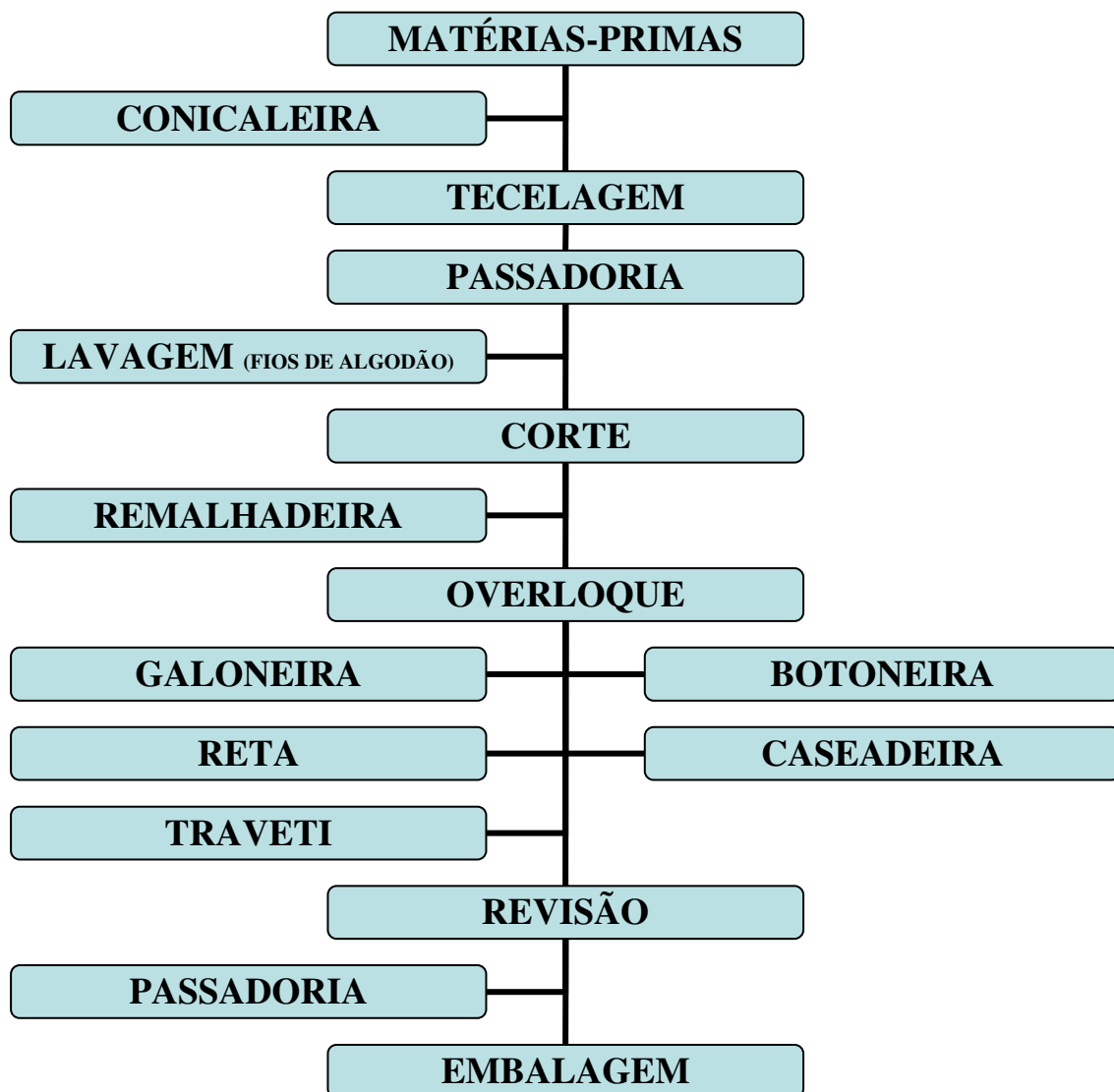
Ao estudar as malharias retilíneas localizadas na cidade de Monte Sião, Araújo (2005) descreveu as principais estruturas gerais que as caracterizam, ressaltando, porém, que cada uma delas mantém suas especificidades.

- **Infra-estrutura:** As tarefas mais simples como manutenção das máquinas através de lubrificações e trocas de agulhas são realizadas pelos próprios funcionários. Outras, mais complexas, como construções e reformas, são feitas por empresas terceirizadas.

- **Recursos humanos:** A escolha dos trabalhadores se dá pelos proprietários ou pela gerência da malharia através de entrevistas, testes, análise de currículos, etc
- **Aquisições:** As atividades relacionadas a compras de matérias-primas, seleção de fornecedores e controle de estoque são realizadas comumente pelos proprietários ou por um funcionário responsável. A otimização da rotatividade dos estoques é de fundamental importância para a organização e o sucesso da empresa.
- **Finanças:** O setor financeiro das malharias, que engloba planejamentos em investimentos, desembolso de capital, reestruturação, gerenciamento de crédito, etc, é normalmente responsabilidade do proprietário, e às vezes, de uma pessoa da sua confiança.
- **Desenvolvimento de produtos:** nas malharias retilíneas, os desenvolvimentos de produtos e processos são, muitas vezes, realizados em parceria com fornecedores e clientes. A utilização de pesquisas em revistas, sites, viagens, cursos, palestras e consultas ou contratações de profissionais da área (estilistas, técnicos em programação, etc) também são estratégias comuns.
- **Marketing:** Nas malharias retilíneas, o marketing, muitas vezes, é realizado através da comunicação de pessoa para pessoa (malharia x cliente), propagandas (em jornais, revistas, televisão, rádio, mala direta, veículos no trânsito e cartazes) e campanhas promovidas pela Associação Comercial e Industrial de Monte Sião, que incluem atividades como: *displays* dentro da loja, amostras grátis, selos de troca, cupons, prêmios e exposições.

O fluxograma a seguir demonstra o processo de fabricação de uma mercadoria em uma malharia retilínea de Socorro.

ESQUEMA 2 - FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE FABRICAÇÃO DE UMA PEÇA DE ROUPA EM UMA MALHARIA RETILÍNEA DE SOCORRO.



Fonte: Organizada pelo autor

ESQUEMA 3 - PRINCIPAIS FASES DE PRODUÇÃO DE UMA BLUSA
EM UMA MALHARIA RETILÍNEA DE SOCORRO:

Fase 1 - O primeiro passo do processo produtivo é a programação do modelo a ser confeccionado.



Foto 1 – Computador utilizado para a programação dos modelos a serem confeccionados

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 2 - Após a programação do modelo a ser confeccionado, o fio a ser utilizado é parafinado para ganhar mais resistência, como mostra a foto 2.



Foto 2: conicaleira

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 3 - Após a inserção do disquete com os dados do modelo, inicia-se a confecção do tecido numa máquina retilínea computadorizada, como na foto 3. Há também máquinas mecânicas e manuais, essa última pouco utilizada atualmente.



Foto 3: Máquina de tecelagem retilínea eletrônica

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 4 - O tecido é levado para uma máquina de passar (Foto 4)



Foto 4 – Máquina de Passar

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 5 - Depois de confeccionado e passado, o tecido vai para o corte, onde o profissional conta com o auxílio do cortador e de moldes, como mostra a foto 5. Dependendo do modelo e da máquina de tecelagem utilizada, o corte não é necessário.



Foto 5: Cortador

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 6 - A etapa seguinte é a passagem pelo overloque, que vai juntar a frentes, as costas e as mangas da blusa, foto 6.



Foto 6: Overloque

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 7 - Com a máquina reta, como o próprio nome revela, realiza-se uma costura em linha reta, que visa a arremate da peça (foto 7).



Foto 7: Máquina reta

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 8 – A costura da gola é realizada com o auxílio da galoneira (foto 8).



Foto 8 – Galoneira

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 9 – Alguns modelos necessitam um reforço na costura realizado pelo traveti (foto 9).



Foto 9 – Traveti

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 10- Após as fases de costuras, a peça recebe um acabamento manual (Foto 10).



Foto 10: Funcionária realizando o acabamento manual.

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 11 - Antes da embalagem, um funcionário se encarrega de passar a blusa utilizando ferro a vapor (Foto 11).



Foto 11: Funcionária passando uma blusa.

Fonte: Elaborada pelo autor

Fase 12 - Por fim, a blusa é embalada e está pronta para ser comercializada.



Foto 12: Blusa embalada pronta para a comercialização.

Fonte: Elaborada pelo autor.

As etapas demonstradas acima não se aplicam exatamente da mesma forma para todas as empresas. A realização ou não de cada etapa do processo produtivo dependerá do nível de agregação de valores em cada uma delas, além do nível tecnológico utilizado pela malharia, uma vez que parte delas não possui máquinas eletrônicas.

A história da evolução do tricô nas principais cidades do Circuito das Malhas, assim como o processo produtivo desse tipo de empresas, será abordada nos sub-capítulos seguintes.

3.3 – O processo de desenvolvimento industrial dos municípios do Circuito das Malhas

Originalmente, o termo “Circuito das Malhas do Sul de Minas” começou a ser utilizado para designar sete cidades do sul de Minas Gerais: Monte Sião, Jacutinga, Ouro Fino, Borda da Mata, Inconfidentes e Bueno Brandão, que juntas compõem uma das principais regiões concentradoras de estabelecimentos especializados na produção Têxtil-Vestuário brasileiras, ao lado do Vale do Itajaí (SC) e da Grande São Paulo.

Num esforço de *marketing*, o nome Circuito das Malhas passou a ser utilizado para a divulgação de outros cinco municípios, localizados no nordeste paulista, numa região limítrofe ao Circuito das Malhas mineiro: Socorro, Lindóia, Águas de Lindóia, Serra Negra e Itapira. A principal característica dessas cidades é a grande importância das malharias retilíneas na composição das economias locais.

De uma forma geral, a história econômica desses municípios iniciou-se ainda no século XIX com as plantações de café, atividade que era o sustento de grande parte da população local, composta principalmente por imigrantes italianos. A cultura cafeeira estende-se até o início da década de 1930, quando a queda da bolsa de Nova York reflete-se na decadência do setor, iniciando, a partir daí, um período de dificuldades financeiras para os habitantes dessa região.

Como alternativa de sobrevivência, começa a ser delineado na cidade de Monte Sião, ainda no início da década de 1940, um novo rumo para a economia urbana local: a confecção artesanal de roupas e artesanatos em crochê, atividade essa que em poucos anos serviria de estímulo para o desenvolvimento do setor de malharias retilíneas na região.

Na década de 1960 ocorrem as aquisições das primeiras máquinas de tricô manuais de forma quase simultânea por pequenos investidores de Monte Sião, Jacutinga

e Socorro, fazendo com que a produção deixasse de ser essencialmente artesanal e passasse a ser realizada em escala industrial.

As décadas seguintes são marcadas pelo constante crescimento do número e do porte das malharias da região, e a fama dos seus produtos atinge escala internacional. Durante a década de 1990 foram notáveis os investimentos realizados por essas empresas, sendo que algumas delas possuem, atualmente, algumas das mais modernas máquinas disponíveis no mercado para a confecção de tricô.

Não foi encontrado um levantamento confiável sobre os números de malharias ativas nesses municípios, mas é consenso entre o secretário de planejamento econômico da Prefeitura Municipal de Socorro e os funcionários das associações comerciais e industriais de Jacutinga e Monte Sião entrevistados, que esse é o segmento industrial mais importante dessas cidades.

Apesar de abrigarem centenas de indústrias retilíneas e de confecções, alguns desses municípios se diferenciam quanto ao foco produtivo. Fuini (2007, p.83), ao estudar os municípios mineiros, notou uma especialização produtiva entre os mesmos. Segundo o autor,

Jacutinga, por exemplo, é conhecida como a “Capital Nacional das Malhas”, baseada no tricô e crochê; Monte Sião, com a outorga de “Capital Nacional do Tricô”, também é especializada no tricô; Inconfidentes, com o bordado; Borda da Mata, com roupas para dormir; estabelecendo-se, assim, um prenúncio de divisão territorial do trabalho que fortalece as inter-relações e complementaridades na cadeia produtiva regional.

Segundo estimativas de Labegalini (2004), a região era responsável, naquele ano, pela maior produção de tricô do país, e sua atuação se dava nos mercados nacional e internacional. Considerando os depósitos de matérias-primas, malharias, lojas e prestadores de serviços, o autor afirma que a cadeia produtiva do *Circuito das Malhas* era composta por aproximadamente 3000 empresas, número esse que correspondia a mais da metade das empresas inscritas nas prefeituras.

Dentre esses municípios, merecem destaque Monte Sião e Jacutinga em Minas Gerais que, abrigoando mais de 1000 estabelecimentos¹⁰ cada, são conhecidas respectivamente como “Capital Nacional do Tricô” e “Capital Nacional das Malhas”,

¹⁰ Incluem-se todos os tipos de empresas relacionadas à produção de vestuários, dentre elas as malharias retilíneas e as confecções de tecidos planos.

além de Socorro que, contando com aproximadamente 216 pequenas empresas dos setores de confecções de artigos do vestuário e têxtil (RAIS – 2005), posiciona-se como **a terceira maior produtora da região e uma das maiores do estado de São Paulo.**

Para compreender-se a história do tricô na região, é necessário analisar o processo de desenvolvimento do setor em cada uma das três principais cidades produtoras: Monte Sião, Jacutinga e Socorro.

3.3.1 Monte Sião

Monte Sião é um município, assim como todos os outros do circuito das malhas, de pequeno porte, com 18738 habitantes (estimativa do IBGE para o ano de 2005) distribuídos em 290 km².

A história do tricô na região origina-se a partir dos trabalhos artesanais realizados pela senhora Iracema Andretta Francisco, moradora da cidade de Monte Sião. Segundo a senhora Francisco, ainda no início da década de 1940, sua família, assim como a maior parte da população da cidade, passava por sérias dificuldades financeiras, já que as atividades econômicas locais não ofereciam oportunidades, principalmente para as mulheres.

Para ajudar no sustento da sua casa, dona Iracema decidiu utilizar suas habilidades em trabalhos de crochê, que até então eram empregadas apenas para confeccionar roupas e acessórios para sua própria família, para produzir peças como as colchas circulares, com até dois metros de diâmetro, que eram vendidas posteriormente. As necessidades financeiras fizeram com que a arte de confeccionar trazida pelos italianos deixasse de ter apenas uma utilidade doméstica para se tornar uma nova fonte de renda para a família da senhora Francisco.

Nos finais de semana, as peças prontas eram então oferecidas, por suas filhas, aos turistas que passeavam pela cidade, normalmente veranistas hospedados na cidade de Águas de Lindóia e que visitavam Monte Sião a procura da porcelana e da água local.

Com o passar dos anos, diversos comerciantes das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e, posteriormente, de outros estados brasileiros, demonstraram interesse pelas mercadorias e passaram a realizar as primeiras encomendas para abastecer seus estabelecimentos. Com o rápido aumento dos pedidos, muitos deles realizados através de cartas, a senhora Francisco passou a contratar mulheres de vários pontos da cidade e

da zona rural para auxiliá-la na produção, oferecendo então uma oportunidade de geração de renda para as mesmas. Nessa época, já eram produzidas blusas e vestidos, entre outros produtos artesanais.

No ano de 1966, a emergente empresária compra a primeira máquina de tricô da região, uma *lanofix* manual, com a qual inicia a produção de roupas para adultos na “Confecções Iracema” e, no início da década de 1970, eram os enxovais para bebês que predominavam na produção. Com o sucesso das vendas, sua irmã também decidiu investir no ramo, comprando, então, a segunda máquina da cidade.

Durante os anos 1960 e 1970, sua malharia já contratava mão-de-obra em domicílio de diversas cidades da região, sendo elas Socorro, Bueno Brandão, Itapira e Águas de Lindóia.

Dona Iracema relatou que diversas antigas funcionárias viram no tricô uma oportunidade econômica e, através de planos de financiamento, passaram a comprar suas próprias máquinas do então revendedor da Elgin Sr. Valter Shimoda. Com o passar do tempo, essas antigas costureiras montaram suas próprias malharias, caracterizando um processo de *spin off*. Em 1973, a cidade de Monte Sião já contava com diversas malharias e suas blusas já eram comercializadas em países como EUA e Alemanha. Neste mesmo ano, a Prefeitura Municipal organizou a primeira *Exposição de Tricot* de Monte Sião.

Os trabalhos são considerados perfeitos e a maioria ainda é feito com agulhas tradicionais de tricô. Leva-se meses para concluir uma manta de casal ou um mantô de adulto, mas os enxovais de recém-nascidos surgem com bastante rapidez.

A cidade de Monte Sião possui mais de 2000 pessoas dedicadas a essa atividade. Os preços dependem do material empregado, do ponto escolhido e do tempo gasto na criação de desenhos e execução das peças. Um paletó para adulto custa, em média, Cr\$ 80,00, um mantô longo Cr\$ 150,00, manta de casal de Cr\$ 50,00 a Cr\$ 60,00 e de solteiro, Cr\$ 40,00. (O globo, 7/9/73).

Segundo artigo do jornal o Globo de 20/3/1978, naquele ano a indústria do tricô, cujas malharias legalizadas totalizavam 120, já empregava cerca de 50% dos 12000 habitantes da cidade, os quais eram responsáveis por uma produção diária de 30000 peças de tricô, malha e crochê, manualmente ou pelas 5000 máquinas existentes no município. Em cada casa da cidade havia pelo menos uma pessoa trabalhando com a produção destas mercadorias e até mesmo profissionais de outros setores, como professores, empregadas domésticas e soldados da delegacia local, dedicavam parte do seu tempo à atividade.

[...] trabalhando especialmente no sistema “à *façon*”, pagando por produção. Usualmente a empresa compra o fio e o fornece às pessoas que possuem máquinas, determinando o modelo do produto e recebendo-o posteriormente para a venda, sendo paga a mão-de-obra.

Num segundo caso, mais comum nas empresas maiores, as malharias fornecem também as máquinas de tricotar pagando, assim, uma mão-de-obra mais barata. Esta mão-de-obra inclui a tricotagem, arremate e, às vezes, serviços de bordadeira. No trabalho “à *façon*” a empresa fica livre das obrigações trabalhistas, mas mesmo assim as pessoas acham a situação vantajosa [...] bem acima da média que receberiam como empregados. (Labegalini, 2004, p.6-7).

Segundo artigo publicado pelo jornal O Globo (8/7/91), Monte Sião possuía 500 malharias entre pequenas e médias, 467 lojas revendedoras e empregava 71% dos 21000 habitantes, além de responder por 70% do ICMS municipal. Segundo o mesmo artigo, “desemprego é uma palavra descartada do vocabulário dos seus moradores”.

Ainda no início dos anos 90, muitos empresários passaram a investir na informatização das suas malharias que, além de ganharem um aumento de produtividade, capacitaram-se a produzir uma variedade maior de produtos.

3.3.2 Jacutinga

O município de Jacutinga, com um território de 347 km², abriga atualmente uma população de 19924 habitantes (IBGE 2005).

Segundo informações extraídas de artigos publicados em jornais municipais e da associação comercial, a história do tricô no município tem início ainda em 1965, quando a senhora Rosa Maria Bartolomei Cardoso adquiriu a primeira máquina da cidade. “A princípio, a idéia era vestir a família. Em pouco tempo comecei a receber insistentes pedidos de amigos e vizinhos. Com o passar do tempo passei a me dedicar cada vez mais pelo tricô. Logo comecei a produzir em uma escala maior e já contava com a ajuda de tricoteiras, bordadeiras e arrematadeiras” (A Gazeta de Jacutinga, 16 Set. 2001, p.13-16). Ela conta que com o passar dos anos e o aumento dos pedidos, ela foi comprando outras máquinas e ao mesmo tempo ensinando outras moças e senhoras a trabalhar. Após a décima máquina manual, dona Rosa resolveu se profissionalizar e, em 22 de Junho de 1972, instalou a primeira malharia da cidade.

Numa outra entrevista, dona Maria de Lurdes Siqueira Palomo, hoje com 65 anos, conta que, após trabalhar para a Dona Rosa e aprender a manusear a máquina,

convidou sua cunhada, Dona Carmem Palomo Duarte, ou Dona Carmita, de 82 anos, a montarem o que seria a segunda malharia de Jacutinga.

Em entrevista dada ao jornal *ACIJA news* (Mai. 2006, p.11), Dona Carmita disse:

Eu trabalhava com feltro e muitas meninas bordavam para mim, foi ai que decidimos montar uma malharia e ensinamos essas meninas a trabalhar com malhas. Naquela época trabalhávamos muito; eu ficava na malharia o dia todo e só voltava de madrugada. Foi muito bom porque muita gente aprendeu a trabalhar em minha casa e hoje muitas daquelas pessoas possuem sua própria malharia.

Após análise de outros depoimentos, pode-se concluir que em Jacutinga, assim como em Socorro e em Monte Sião, o principal mecanismo de expansão da atividade foi o processo de *spin off*.

Segundo informações colhidas na associação comercial da cidade (a prefeitura não dispõe de nenhum levantamento), Jacutinga possui hoje aproximadamente 1200 malharias e emprega, direta e indiretamente, cerca de 16000 pessoas, o que corresponde a 80% da população da cidade.

Essas informações fornecidas pela instituição local parece-nos irreal, uma vez que, baseando-se em dados colhidos no IBGE, a PEA¹¹ no Brasil gira em torno de 50% da população total das cidades. Além disso, admitindo que a cidade deva ter aproximadamente 10000 trabalhadores, parte considerável desse contingente atua em outras áreas econômicas, tais como serviços públicos, educação, segurança, estabelecimentos comerciais focados em outros setores, etc.

3.3.3 Socorro

No início da segunda metade do século passado, a situação econômica não era muito diferente das vividas pela maioria dos municípios vizinhos, com altos índices de desemprego, grande parte da população vivendo da subsistência no campo e salários baixos.

Em 1968, segundo relato do Sr. Jorge Fruchi, que juntamente com seu sócio, Sr. Mina da Col, dirigiam a loja “O Município” e eram representantes da marca “Eletrolux”

¹¹ População Economicamente Ativa

de São Paulo, eles receberam uma proposta para revender um modelo de máquina de costura japonesa chamada *Brother 587*, importada pela *Elgin Máquinas S/A*.

Após três meses, foi vendida a primeira máquina para Sra. Gladys Vitta Araújo, que se dispôs a fazer um curso na empresa *Lanofix*, na cidade de São Paulo, e em seguida a ensinar outras pessoas interessadas em aprender a tricotar em Socorro. Suas duas primeiras alunas foram as senhoras Hermínia Zucatto da Silva e Irene da Silva Villibor, que posteriormente também se tornaram professoras.

Observamos que as técnicas de produção de tricô utilizadas não foram desenvolvidas localmente, mas oferecidas por uma empresa vendedora de máquinas de costura da capital paulista.

Segundo o artigo HISTÓRICO E VISÃO DE UMA PIONEIRA (Jornal O Município – 16 Mai. 2008), a senhora Irene de Albuquerque trabalhava, desde 1967, com a comercialização de peças em renda para decoração conhecidas como “inhandutis¹²”. Para a produção desses artesanatos, a Sra. Irene distribuía as linhas para trabalhadores em domicílio e coletava, posteriormente, as “rodinhas”, ou seja, mini-toalhas prontas, que eram pagas por dúzia produzida.

Posteriormente, com as vendas das primeiras máquinas de tricô no município e a capacitação das novas costureiras, a Sra. Irene inseriu a comercialização de tricôs em seus negócios, adotando a mesma relação de produção utilizada até então com os “inhandutis”.

Na época eram ponchos coloridos e duplos, ou seja, com duas faces; depois casaquinhos duplos de ponta conchinha, mantas para bebês, conjuntinhos de calça e casaquinhos para bebês, sapatinhos de lã, meias, gorros duplos, tudo feito nas máquinas *Lanofix*, ainda manuais (Histórico e Visão de uma Pioneira - Jornal O Município – 16 Mai. 2008).

Ainda no ano de 1968, a Sra. Irene de Albuquerque funda a primeira indústria de confecção se Socorro, cujo nome fantasia era “CONFECÇÕES MALÚ”.

O senhor Fruchi conta que nessa mesma época, primeiramente por ele próprio e depois através de um representante contratado, o senhor Valter Shimoda, essas máquinas também passaram a ser vendidas na cidade de Monte Sião onde, segundo suas palavras, “havia apenas máquinas antigas” (acreditamos que as máquinas a que ele se referia fossem as *lanofix* manuais utilizadas pela senhora Francisco, de Monte Sião, e

¹² Tipo de renda que serve como peça de decoração de mesas e móveis em geral formada pela união de mini-toalhas produzidas em bastidores de madeira com borda dentada, redondo e de diversos diâmetros (Histórico e Visão de uma Pioneira - Jornal O Município – 16 Mai. 2008).

sua irmã). “As primeiras máquinas vendidas em Monte Sião foram para a dona Iracema e, antes disso, ela só possuía máquinas de modelos antigos”, disse o Sr. Fruchi.

Ao mesmo tempo, diversos vendedores e vendedoras passaram a revender essas máquinas também na cidade de Socorro, onde a procura, na época, foi muito grande. Segundo depoimento de Dona Hélia Ribeiro, uma das primeiras vendedoras de máquinas da cidade, as máquinas de tricô surgiram como uma oportunidade de geração de renda na época, principalmente para as mulheres que, segundo ela, ficavam ociosas durante a maior parte do dia.

Essas máquinas eram financiadas em 10 pagamentos, sendo que a senhora Ribeiro, que também trabalhava com a produção de tricôs, garantia serviços até o final do pagamento das prestações. A aprendizagem da confecção se dava em aulas gratuitas (para os alunos) ministradas por ela mesma (os pagamentos dessas aulas para a senhora Ribeiro eram efetuados pela própria Elgin), num curso com duração de 15 dias, dividido em aulas de 1h e que eram realizadas de segunda a sexta-feira.

No início da atividade, a principal produção, assim como em Monte Sião, eram enxovais para bebês, mas com o passar do tempo, foram se diversificando. Assim como a senhora Francisco, de Monte Sião, a senhora Ribeiro trazia fios das lojas de São Paulo e distribuía para as tricoteiras socorrenses, as quais recebiam por produção. Cada uma delas chegava a fazer em média 30 peças por dia, de produtos como batas, judocas, blusas de linha e de lã, entre outras, o que garantia, além do dinheiro da prestação da máquina, uma renda extra para o orçamento familiar.

Entre 1969 e 1975, segundo o Sr. Fruchi, cerca de 17300 máquinas haviam sido vendidas na região, e alguns de seus revendedores começaram a investir em suas próprias malharias, tal como o Sr. Nadir do Carmo Leme, que inicia suas atividades em 1975 e hoje é proprietário da maior empresa socorrense do setor, a confecções Fofinho, que emprega mais de 200 funcionários.

Em 2005, Socorro contava, segundo levantamento feito nos escritórios de contabilidade da cidade em Agosto daquele ano, com 88 malharias retilíneas formais, responsáveis pela geração de 733 postos de trabalho formais.

É interessante ressaltar que, além das malharias retilíneas, a cidade possui diversas outras empresas especializadas em tecidos planos, demonstrando a importância de outros segmentos do setor de vestuários para a economia local.

Uma vez concluídas as pesquisas relacionadas à história da evolução do APL do Circuito das Malhas, será feita, a seguir, uma caracterização histórica e geográfica do município de Socorro, a fim de se conhecer melhor a área de estudo.

3.3.3.1 Principais acontecimentos históricos do município de Socorro

Os primeiros relatos históricos de Socorro referem-se ao período correspondente entre o início do séc. XVI e o ano de 1738 quando os Índios Carajás, que habitavam a bacia do Rio do Peixe, foram expulsos pelos bandeirantes, afastando-se para áreas mais distantes.

No início do século XVII, quando a região já fazia parte do chamado sertão de Bragança e contava com uma população de 922 pessoas, ocorreu a edificação de uma capela em homenagem a Nossa Senhora do Socorro, santa que influenciou na escolha do nome da cidade, até então chamada de Vila Nova de Bragança.

Em 22 de Julho de 1829 o Bairro foi elevado a Curato, em 28 de Fevereiro a categoria de Freguesia e, em 24 de março de 1870, o local passou de freguesia a vila. Em 14 de janeiro de 1873 realizou-se a instalação solene da Vila de Socorro, tendo tomado posse os primeiros vereadores eleitos. No mesmo ano, a vila foi desmembrada da comarca de Bragança Paulista, passando a pertencer à comarca da cidade de Amparo.

Em 1880 voltou a pertencer à Bragança Paulista, mas em 1883 voltou para os domínios de Amparo. Em 1883, a Vila é finalmente elevada à categoria de cidade e em 1889 foi criada a comarca de Socorro.

Outro fator marcante foi a participação do município na Revolução Constitucionalista de 1932, quando a cidade serviu de base para tropas paulistas.

Passada a Revolução, mais propriamente no ano de 1945, Socorro passa a ser considerada Prefeitura Sanitária e, em 1946, Estância Sanitária. Finalmente em 1978 a cidade de Socorro recebe o título de Estância Turística.

3.3.3.2 Principais características geográficas do município de Socorro

Segundo informações colhidas pela última contagem populacional realizada pelo IBGE em 2007, a Estância Hidromineral de Socorro possui uma população de 33.080 habitantes, distribuídos em uma área de 448,074 km², que resulta numa densidade

demográfica de 73,82 habitantes por km². A população é de predominância católica, sendo a maioria descendente de imigrantes italianos.

Socorro localiza-se na porção nordeste do estado de São Paulo, região de divisa com o estado de Minas Gerais, e faz fronteira com os municípios paulistas de Lindóia, Serra Negra, Águas de Lindóia, Monte Alegre do Sul, Pinhalzinho e Pedra Bela, além de Monte Sião, Bueno Brandão, Munhoz e Toledo, no estado de Minas Gerais. A cidade dista cerca de 120 km por rodovia ao norte de São Paulo, 45 km ao norte de Bragança Paulista e 100 km a nordeste de Campinas.

O relevo de Socorro é acidentado, caracterizado pela formação de mares de morros, sendo que a zona urbana está numa altitude média de 789 metros acima do nível do mar. As temperaturas variam, no verão, de 25 a 34°C e no inverno de 01 a 25°C, caracterizando o clima tropical de altitude.

O município é atravessado pelo rio do Peixe, integrante da bacia do rio Mogi Guaçu. A topografia local determina a existência de diversas corredeiras e cachoeiras no percurso do rio principal, fator esse que possibilita sua exploração para a prática de diversos tipos de esportes radicais, tais como o *raffiting*, o *acqua ride* e o *slalon*¹³, entre outros. Essas atividades estão contribuindo para o sensível aumento do fluxo de turistas nos últimos anos.

A economia do município estrutura-se em três atividades principais: a agropecuária, as malharias retilíneas e o turismo, sendo que a cidade faz parte do Circuito das Águas Paulista¹⁴.

Não há números oficiais sobre o número de turistas que visitam Socorro na atualidade, tampouco sobre a receita arrecadada pelo município nesse setor, mas é visível a sua evolução nos últimos anos, fato que pode ser comprovado com a abertura de diversos hotéis, pousadas e parques de lazer, entre outros atrativos.

Diversos fatores indicam ainda uma clara tendência de continuidade do crescimento do turismo local. Uma delas é o fato de Socorro ter sido escolhido como cidade piloto para um projeto de turismo acessível do Ministério do Turismo. Esse plano visa adaptar estruturas públicas e privadas para o recebimento de turistas com diversos tipos de limitações físicas. Diversas obras já foram concluídas neste sentido,

¹³ O *raffiting*, o *acqua ride* e o *slalon* são esportes aquáticos, baseados na descida de corredeiras e cachoeiras de rios sobre botes infláveis para até 8 pessoas (*raffiting*), sobre uma câmara de ar individual (*acqua ride*), ou o caiaque (*slalon*).

¹⁴ O Circuito das Águas paulista é um consórcio formado pelas Estâncias de Socorro, Lindóia, Águas de Lindóia, Serra Negra, Amparo, Monte Alegre do Sul, Pedreira e Jaguariúna que visa a organização dos municípios a fim de divulgar e explorar conjuntamente o potencial turístico da região

como o rebaixamento de todas as calçadas na região central, a instalação de semáforos próprios para deficientes visuais (há gravações sonoras na estrutura), rampas de acesso em estabelecimentos públicos e privados, piso tátil nas calçadas, etc.

O município também faz parte do programa *viaja mais Brasil*, voltado aos aposentados interessados em comprar pacotes nos períodos de baixa temporada por um preço reduzido. A participação no consórcio do Circuito das Águas Paulista, a inserção da região como opção de pacote de turismo da CVC¹⁵, a proximidade de São Paulo – maior centro emissor de turistas do Brasil – são outros fatores que indicam um alto potencial de crescimento do setor em Socorro.

Apesar do aquecimento do turismo local, as malharias retilíneas ainda superam o setor nos números relacionados à geração de empregos e rendas. Acreditamos ser essencial a criação de um plano de desenvolvimento para o ramo de malharias, no sentido de aproveitar o aumento do fluxo de pessoas no município e a divulgação de Socorro em nível nacional.

¹⁵ A CVC é uma das maiores agência de turismo do Brasil na atualidade.

CAPÍTULO 04

MALHARIAS RETILÍNEAS: ANÁLISE DA ESTRUTURA PRODUTIVA DO AGLOMERADO INDUSTRIAL DE SOCORRO

A Estância Hidromineral de Socorro possui uma economia estruturada, principalmente, em quatro setores: a agropecuária, as olarias, as indústrias de vestuários e as atividades ligadas ao turismo.

A grande extensão do território rural do município favorece a atividade agropecuária, fonte de renda de aproximadamente um terço das famílias socorrenses.

As atividades relacionadas ao turismo, por sua vez, vem ganhando destaque nos últimos dez anos e, atualmente, emprega aproximadamente 8% da PEA de Socorro.

Com relação ao setor secundário, devido à ostentação de Estância Hidromineral, a legislação municipal não permite a instalação de quaisquer indústrias poluentes no território socorrense, desestimulando a industrialização local.

**TABELA 1- COMPOSIÇÃO DA ESTRUTURA INDUSTRIAL DO
MUNICÍPIO DE SOCORRO EM 2005**

Gêneros Industriais	Número de micro e pequenas empresas	Porcentagem
Confecções de artigos do vestuário	129	31,9
Têxtil	87	21,5
Produtos de minerais não metálicos	56	13,9
Produtos alimentícios	34	8,4
Construção civil	24	5,9
Metalurgia	19	4,7
Extração de minerais não-metálicos	18	4,5

Fonte: RAIS/MTE – 2005

Organização: Valter Alexandre de Oliveira

De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS - (Tabela 1), o setor industrial de Socorro, composto por 404 empresas, é baseado em três segmentos principais.

O grupo “produtos minerais não metálicos”, composto por 56 indústrias, abrange 54 olarias, responsáveis, segundo a Associação Empresarial de Socorro, por uma das maiores produções de tijolos do estado de São Paulo.

Dentro do ramo “produtos alimentícios”, o maior destaque é a fábrica de refrigerantes e cervejas *Krill*, com cento e setenta funcionários.

Os segmentos industriais de maior importância no município, porém, são aqueles relacionados às confecções de roupas e vestuários. Segundo os dados da RAIS havia, em 2005, 129 microempresas do setor de “confecções e artigos do vestuário” e 87 empresas do setor “têxtil”.

Considerando que ambos os segmentos incluem empresas dedicadas à produção de roupas e vestuários, concluímos que juntos, eles correspondiam a 53,4% do total das indústrias instaladas em Socorro. As malharias retilíneas e as confecções de tecidos planos são os principais tipos de empresas inseridos nesses grupos.

4.1 Perfil dos empresários do setor de malharias retilíneas

Durante as décadas de 1970 e 1980, o desenvolvimento do setor de malharias retilíneas determinou um processo de reestruturação da economia industrial do município de Socorro, além de proporcionar o surgimento uma nova classe empresarial local: os malharistas.

É interessante mencionar o tom saudosista empregado por alguns dos empresários mais antigos, durante a pesquisa de campo, ao comentarem sobre as duas primeiras décadas da economia do tricô, pois, segundo eles, “naquela época ganhava-se dinheiro”.

Descobrimos, através da análise das respostas dos empresários entrevistados, que as razões que os induziram a investir no ramo de tricôs, podem ser classificadas em 5 grupos, os quais estão representados na tabela 2:

**TABELA 2 - RAZÕES QUE ESTIMULARAM OS EMPRESÁRIOS
SOCORRENSES A INVESTIREM NO SETOR DE MALHARIAS RETILÍNEAS**

Malharia	Tradição familiar	Viu o tricô como o melhor investimento na cidade	Influências de outras pessoas	<i>Spin off</i>	Outras razões
1.		X			
2.		X			
3.	X				
4.		X			
5.			X		
6.			X		
7.	X				
8.		X			
9.			X		
10.			X		
11.	X	X			
12.		X			
13.				X	
14.	X				
15.	X				
16.	X				
17.	X				
18.				X	
19.		X			
20.					X
Total	35%	35%	20%	10%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

O primeiro grupo, que reúne 35% das empresas pesquisadas, é composto por empresários que mantiveram a tradição iniciada pela família no ramo de malharias retilíneas. Identificamos duas formas de influência familiar: no primeiro caso, os pais ou avós dos empresários haviam iniciado as atividades previamente e, com o passar do tempo, os filhos e/ou netos assumiram o controle da empresa, dando continuidade à tradição; em outras situações, os malharistas, depois de deixarem os lares de seus pais, normalmente após o casamento, decidiram criar suas próprias empresas.

Formado por outros 35% dos empresários pesquisados, o segundo grupo abrange os malharistas que consideraram o tricô como a atividade econômica mais promissora de Socorro na época em que iniciaram os negócios. Os empresários pertencentes ao terceiro grupo, ou 20% dos entrevistados, por sua vez, revelaram terem sido influenciados por outras pessoas que já atuavam no setor de malharias, como amigos e

conhecidos, ao tomarem a decisão de investirem no segmento; já o quarto grupo é composto por pessoas que haviam trabalhado anteriormente em uma malharia e, após aprenderem o processo de produção e reunirem condições financeiras para montarem seus próprios negócios, o fizeram, caracterizando um processo de *spin off*. A quinta categoria é composta por apenas um empresário, que foi o primeiro distribuidor de matérias-primas para malharias da cidade e, posteriormente, decidiu montar sua própria malharia.

Tomando por base essas declarações, entendemos que antes de tomarem a decisão de investir no segmento de malharias retilíneas, 100% dos empresários entrevistados tiveram, de alguma forma, contato prévio com o gênero industrial, fosse através da influência direta de pessoas ou através da observação das relações econômicas que estavam em evidência localmente.

Para uma análise dos fatores que contribuíram para desenvolvimento do aglomerado produtivo em Socorro, é fundamental considerar as origens dos empresários e dos capitais investidos na criação das malharias.

TABELA 3 - ORIGEM DOS EMPRESÁRIOS QUE INVESTIRAM NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Empresários nascidos em Socorro	Empresários que viviam em Socorro quando criaram suas empresas (capital local)	Empresários oriundos de SP capital (capital externo) quando criaram suas empresas	Empresários oriundos de outros municípios do interior de SP (capital externo) quando criaram suas empresas
1.			X	
2.		X		
3.		X		
4.	X			
5.	X			
6.		X		
7.	X			
8.	X			
9.	X			
10.	X			
11.	X			
12.	X			
13.	X			
14.			X	
15.	X			
16.	X			
17.				X
18.	X			
19.		X		
20.	X			
Total	65%	20%	10%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Verifica-se, na Tabela 3, que 17 empresários do ramo de malharias, ou 85% dos entrevistados, viviam no município quando decidiram abrir suas empresas, sendo que 65% deles, ou treze malharistas, são naturais de Socorro. Desta forma, apenas 15%, ou três malharistas, vieram de outras cidades tendo como objetivo investir no setor de produção de vestuários, demonstrando a grande importância dos capitais locais para o desenvolvimento do aglomerado produtivo.

É relevante salientar que a maior parte dos empresários, como mostra os dados no quadro a seguir, possuía outra atividade profissional antes de inserir-se no ramo de malharias, comprovando que a atratividade econômica no setor era evidente para os mesmos.

TABELA 4 - ATIVIDADES DOS EMPRESÁRIOS SOCORREENSES ANTES DOS INVESTIMENTOS NO RAMO DE MALHARIAS RETILÍNEAS

Malharia	Não possuía	Proprietário de um outro tipo de negócio	Funcionário público	Bancário	Funcionário de malharia	Outras atividades
1.		X				
2.		X				
3.	X					
4.						X
5.		X				
6.		X				
7.	X					
8.	X					
9.		X				
10.		X				
11.				X		
12.	X					
13.					X	
14.						X
15.	X					
16.			X			
17.				X		
18.					X	
19.		X				
20.		X				
Total	25%	40%	5%	10%	10%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

O surgimento do aglomerado de malharias retilíneas de Socorro ocorreu sem qualquer participação ou planejamento de instituições públicas e/ou privadas, tampouco de grandes empresas externas que investiram no município, caracterizando-se como um fenômeno natural surgido a partir da combinação das necessidades e oportunidades vivenciadas pela população local num determinado momento.

É notório o modo informal com que ocorreu a disseminação dos conhecimentos relacionados à produção e comercialização do setor de malharias retilíneas. A tradição familiar, o processo de *spin off*, a influência de outras pessoas que decidiam investir no setor, são características de um ambiente produtivo que se desenvolvia localmente e propiciava a evolução e dispersão de um conhecimento tácito. Com isso, o fato da maior parte dos empresários ser natural ou estar vivendo no município quando investiram no setor, é o principal motivo que possibilitou, de uma forma espontânea, a assimilação de

técnicas de produção. Assim, o processo de aprendizagem está diretamente relacionado a um sistema de inter-relações local que culminou no desenvolvimento do principal setor industrial de Socorro.

Tais características, aliadas ao fato de que a maioria absoluta dos investidores utilizou capitais locais para o início de suas atividades, nos direcionam a concluir que o crescimento do setor partiu, predominantemente, da combinação de uma série de fatores econômicos e sociais internos, criando uma *atmosfera produtiva* e caracterizando-se como um *desenvolvimento do tipo endógeno*, que nos remete à teoria discutida por Vázquez Barquero (2001).

Atualmente, a maior parte dos empresários do segmento, o que corresponde a 70% do total, declarou viver exclusivamente das malharias, dedicando-se integralmente à administração de suas empresas, enquanto 30% atuam em outros segmentos econômicos (Tabela 5).

TABELA 5 - OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS MANTIDAS PELOS MALHARISTAS DE SOCORRO

Malharia	Não possui outras atividades	Criação de animais	Fábrica de uniformes	Estabelecimento(s) comercial(is) em outro(s) segmento(s)	Empresa de montagem de <i>stands</i>	Proprietário de um cinema
1.			X			X
2.	X					
3.	X					
4.	X					
5.	X					
6.				X		
7.	X					
8.				X		
9.	X					
10.	X					
11.	X					
12.					X	
13.	X					
14.	X					
15.		X				
16.	X					
17.	X					
18.	X					
19.	X					
20.				X		
Total	70%	5%	5%	15%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Constata-se que quatro empresários (20%), declararam que há poucos anos empenhavam-se exclusivamente à fabricação de roupas de tricô, mas por diversas razões tiveram que diversificar seus produtos, trabalhando, principalmente no período do verão, com outros tipos de tecidos. Para eles, foi sensível a queda dos rendimentos com as malharias retilíneas nos últimos anos.

4.2 Perfil das empresas do setor de malharias retilíneas

Como já observado, os setores de confecções e artigos do vestuário, juntamente com as empresas, têxteis correspondem à maior parte dos estabelecimentos industriais existentes em Socorro em agosto do ano de 2005. Optamos por fazer um levantamento nos escritórios de contabilidade do município de Socorro para descobrir o real número de malharias retilíneas atuantes, uma vez que constatamos a ocorrência de mudanças de atividades em diversas empresas.

Durante as entrevistas, alguns contadores esclareceram ainda que os números oficiais podem não corresponder à realidade, uma vez que há diversas empresas que, por diversas razões, não foram oficialmente extintas, mas na prática encerraram suas atividades. Desta forma, solicitamos que nos informassem sobre as empresas que, além de formalizadas, fossem atuantes e trabalhassem com máquinas retilíneas. Descobrimos haver no município de Socorro, em novembro de 2005, 88 malharias retilíneas em funcionamento, que juntas empregavam, entre os setores produtivo e administrativo, um total de 733 funcionários formais.

Dentre as empresas em atividade no ano de 2005, apenas uma delas, ou 1,14%, havia sido fundada na década de 1970. Outras 17 malharias, 19,32%, foram estabelecidas nos anos de 1980. A porcentagem de empresas abertas durante a década de 1990 era de 39,77%, o que correspondia a 35 empresas, número idêntico ao de malharias estabelecidas nos anos de 2000.

No intuito de obter informações que pudessem ajudar a compreender as atuais tendências do segmento em Socorro, no início do mês de julho de 2008, retornamos aos escritórios para observar a porcentagem das empresas que ainda estavam em funcionamento. Descobrimos que, num período de dois anos e onze meses aproximadamente, intervalo correspondente aos dois levantamentos, 20 empresas, que juntas em 2005 empregavam 47 pessoas, haviam encerrado suas atividades. Isso

significa que 22,72% do total de malharias existentes em 2005, fecharam, enquanto apenas 6 foram criadas no mesmo período, reduzindo para 72 o número de malharias em atividade.

Com relação aos portes das empresas, segundo o Ministério do Trabalho, considera-se micro ou pequena empresa aquela formalmente constituída, que possua CNPJ e um número de funcionários inferior a 100. Como apenas uma malharia retilínea possuía mais de uma centena de empregados, concluímos que o aglomerado produtivo de malharias retilíneas Socorro é constituído, essencialmente, por micro e pequenas empresas, as quais totalizam aproximadamente 98,86% dos empreendimentos atuantes no segmento.

Com base nesses dados, torna-se importante ressaltar dois fatores:

Primeiramente, a empresa entrevistada número 20, a maior da cidade, declarou não possuir qualquer tipo de relação com outras malharias menores, seja de subcontratação, terceirização ou comercialização de produtos.

Em segundo lugar, com relação às outras 19 malharias entrevistadas, dentre as quais estão algumas consideradas de grande porte para os padrões locais, também não identificamos quaisquer tipos de relações de liderança e/ou subordinação entre as mesmas, comprovando que nenhuma empresa possui uma influência significativa dentro do aglomerado.

Concluímos, com base nessas informações, que o tipo de governança existente no aglomerado de malharias retilíneas do município de Socorro é, segundo a classificação de Markussen (1995), *all ring – no core*, ou seja, não há líderes sistemáticos entre as empresas.

O levantamento realizado através da pesquisa de campo revelou que a malharia mais antiga da amostragem estudada é também a mais antiga do município, tendo sido fundada no ano de 1976. A Tabela 6 destaca as datas de fundação de cada uma das empresas diagnosticadas neste trabalho.

TABELA 6 - ANO DE FUNDAÇÃO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS

MALHARIA	ANO DE FUNDAÇÃO
1.	1982
2.	1993
3.	2001
4.	1996
5.	2002
6.	1991
7.	2005
8.	1984
9.	1983
10.	2000
11.	1990
12.	1992
13.	1996
14.	1980
15.	1986
16.	1993
17.	1999
18.	1993
19.	1985
20.	1976

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Dentro da amostragem estabelecida, 20% das empresas entrevistadas, ou quatro malharias, foram fundadas na década de 2000. Outras nove empresas, ou 45% da amostragem, tiveram origem nos anos de 1990, enquanto 30%, seis malharias, foram fundadas na década de 1980. Apenas uma empresa, já comentada anteriormente, tem sua data de fundação na década de 1970.

4.2.1 Estrutura das malharias retilíneas

As localizações dos espaços físicos onde funcionam as malharias nos revelam importantes fatos relacionados à estrutura e origem das empresas.

TABELA 7 - LOCAL DE FUNCIONAMENTO DA EMPRESA

Malharia	No domicílio do empresário ou de um familiar	Fora do domicílio do empresário	No domicílio do empresário, mas em salão separado da residência.
1.		X	
2.	X		
3.	X		
4.	X		
5.	X		
6.		X	
7.		X	
8.	X		
9.		X	
10.		X	
11.		X	
12.			X
13.			X
14.	X		
15.		X	
16.		X	
17.		X	
18.		X	
19.	X		
20.		X	
Total	35%	55%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Segundo os dados da Tabela 7, quase metade das fábricas abordadas no trabalho de campo, ou 45% do total, encontram-se instaladas no mesmo prédio onde residem os empresários, sendo duas delas (malharias 12 e 13), num prédio separado, mas numa área contígua às das residências dos mesmos.

As outras 11 indústrias (55%), funcionam em prédios próprios ou alugados, em locais separados das casas dos empresários. A contenção de gastos com aluguéis, construções ou com compras de salões comerciais, associada ao costume¹⁶ que muitos

¹⁶ Os costumes de trabalhar em casa referem-se às situações de empresários que começaram suas atividades trabalhando como costureiras ou como proprietários de pequenas oficinas em seus lares, dentro dos quais utilizavam espaços disponíveis, como, garagens, edículas e cômodos extras, para a realização dos afazeres. À medida que esses pequenos empreendedores expandiam seus negócios, adquirindo novas máquinas, contratando empregados e formalizando-se, havia a necessidade de expansão do espaço físico. Tornou-se, desta forma, comum a construção ou expansão de pequenos galpões dentro dos próprios domicílios, ou nos mesmos terrenos das residências, mas em prédio independente, como no caso da malharia de número doze.

empresários possuem de trabalhar em casa, são fatores que contribuem para justificar a estrutura domiciliar de grande parte dos empreendimentos.

Outro fator de relevância constatado foi que nenhuma malharia pesquisada possui uma filial produtiva, fazendo delas empresas únicas.

4.2.2 Matérias-primas

As atividades da cadeia produtiva de malhas do município de Socorro concentram-se na tecelagem e acabamento de roupas e acessórios em malharias retilíneas. Para a realização da produção, faz-se necessária a utilização de diversos tipos de materiais, que variam de acordo com o tipo de produto a ser fabricado. As principais matérias-primas utilizadas são:

- Fios de diversas composições para a tecelagem;
- Linhas para acabamento, incluindo costuras e bordados;
- Botões;
- Zíperes;
- Etiquetas;
- Outros tipos de malhas para a montagem de alguns modelos.

Além dos materiais utilizados diretamente na fabricação das roupas e acessórios, outros produtos são necessários indiretamente, seja na manutenção das máquinas ou no processo de desenvolvimento de modelos. Assim, é também imprescindível investimentos em materiais como agulhas, parafinas, *softwares*, moldes, tesouras, etc.

A matéria-prima essencial das malharias são os fios para tecelagem, utilizados para a fabricação dos vestuários, sendo que os outros materiais são complementos de acabamento. As matérias-primas complementares são adquiridas, principalmente, em lojas de Socorro, de outros municípios do Circuito das Malhas e de São Paulo.

Na Tabela 8, observa-se que o principal tipo de fio utilizado é o acrílico, material que faz parte da produção de 85% das fábricas. Os fios de algodão foram citados por 45% dos empresários, a lã por 20%, a linha por 15% e o *cotton* por 10% dos malharistas.

TABELA 8 - TIPOS DE FIOS UTILIZADOS NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Acrílico	Algodão	Lã	Linha	Cotton
1.			X		
2.	X	X			
3.	X				
4.		X			
5.	X				
6.		X			
7.	X				
8.	X	X			
9.	X		X	X	X
10.	X				
11.	X	X	X		X
12.	X				
13.	X				
14.	X				
15.	X	X			
16.	X			X	
17.	X		X		
18.	X	X		X	
19.	X	X			
20.	X	X			
Total	85%	45%	20%	15%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Apesar da produção de tricô ser a principal atividade industrial local, não há no município fábricas de quaisquer tipos de fios para tecelagem, sendo que tais materiais são adquiridos, principalmente, em distribuidores (revendedores) localizados no município de Socorro e no Circuito das Malhas; ou diretamente das fábricas, essas instaladas em diferentes regiões do Brasil e da América do Sul. O impacto econômico direto dessa estrutura é o encarecimento da produção para os empresários locais, devido aos custos de fretes ou à intermediação dos revendedores.

Os depósitos de fios são fundamentais para o fornecimento de matérias-primas, uma vez que apenas a malharia número 20 declarou comprar toda a matéria-prima necessária para a tecelagem diretamente de fábricas. A razão desta exceção é o porte da empresa, que a capacita a adquirir grandes quantidades, além do fato do proprietário do empreendimento em questão possuir, paralelamente, um dos principais depósitos de fios do município.

TABELA 9 - LOCALIZAÇÃO DOS DEPÓSITOS DE ONDE PROVEM AS MATÉRIAS-PRIMAS UTILIZADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Não compra de depósitos	Socorro	Circuito das Malhas	São Paulo	Santa Catarina
1.		X			
2.		X			
3.		X	X		
4.					X
5.			X		
6.		X	X	X	
7.		X			
8.		X	X		
9.		X			
10.		X	X		
11.		X	X		
12.			X		
13.		X	X		
14.		X			
15.		X	X		
16.		X			
17.			X		
18.		X	X		
19.			X		
20.	X				
Total	5%	70%	60%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Segundo comentários de alguns dos empresários, a compra de matérias-primas diretamente da fábrica é mais rentável, uma vez que os preços são mais baixos. Para esse tipo de negócio, porém, geralmente é necessária uma compra mínima, em alguns casos “um caminhão fechado”, transação economicamente inviável para a grande maioria das empresas de Socorro, dadas suas limitações produtivas.

Uma possível alternativa para esse tipo de negociação seria um acordo de cooperação entre o empresariado, que poderiam se unir para atingir o montante necessário para encomendar a matéria-prima diretamente da fábrica. Não há, em Socorro, qualquer tipo de organização cooperativa formal para compras de matérias-primas, tampouco acordos informais, ao menos entre as empresas entrevistadas. Evidencia-se, assim, que o nível de cooperação entre as malharias no que se refere à compra de matérias-primas entre as malharias de Socorro é muito baixo.

Por outro lado, constatamos a existência de relações de confiança entre malharistas e os fornecedores de matérias-primas. Segundo o empresário número 9, durante o período de primavera-verão, “os depósitos de fios chegam a dar carência de um ano, com preço fixo, para produzir na baixa estação e pagar na alta. Isso mantém os funcionários trabalhando, dá opção de cores e não há problemas com falta de mão-de-obra na alta estação”.

TABELA 10 - LOCALIZAÇÃO DAS FÁBRICAS FORNECEDORAS DIRETAS DE MATÉRIAS-PRIMAS PARA AS MALHARIAS DE SOCORRO

Malharia	Não compra diretamente das fábricas	Interior de São Paulo – Amparo, Americana, Jundiá e/ou Santa Isabel	Rio Grande do Sul	Minas Gerais	Santa Catarina	Bahia	Chile e Argentina
1.	X						
2.				X			
3.	X						
4.	X						
5.	X						
6.	X						
7.	X						
8.	X						
9.	X						
10.	X						
11.		X					
12.	X				X		
13.	X						
14.	X						
15.	X						
16.	X						
17.		X	X				
18.		X		X		X	
19.		X		X			
20.		X	X				X
Total	70%	25%	10%	15%	5%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Podemos observar na Tabela 10 que apenas 35% dos empresários compram fios diretamente das fábricas, dos quais 30% necessitam complementar suas necessidades junto aos depósitos locais. Deve-se salientar que as malharias 17, 18, 19 e 20 são as

maiores empresas entrevistadas nessa amostragem, o que justifica a maior capacidade das mesmas em comprar fios diretamente dos fabricantes.

As principais fábricas fornecedoras localizam-se nas cidades paulistas de Santa Izabel, Jundiá e Amparo, além dos municípios mineiros de Camanducaia e Divinópolis. Os estados da Bahia, Rio Grande do Sul e de Santa Catarina são também fornecedores de fios de tecelagem para as malharias de Socorro e, no caso de uma malharia (número 20), há importações provenientes de países sul-americanos, no caso Chile e Argentina.

Todos os entrevistados afirmaram ser responsáveis pela aquisição de todas as matérias-primas utilizadas nas produções de tricô, não havendo situações em que os clientes forneçam quaisquer materiais, inclusive nos casos das empresas que prestam serviços a clientes únicos.

4.2.3 Tecnologia

O mercado atual demanda produtos de alta qualidade a preços competitivos e, para a satisfação dessas exigências, é essencial que haja constantes inovações tecnológicas nas empresas.

É possível dividir a história do tricô em Socorro em três fases distintas, de acordo com a tecnologia empregada:

A primeira delas ocorre durante a década de 1970, período em que as máquinas de tecelagem manuais, como a *Brother 587*, ou a *Coppo*, eram as mais usadas pelas malharias de Socorro. No final da mesma década, iniciou-se a segunda fase, graças à popularização das máquinas de tecelagem industriais mecanizadas, como a *P.S.* e a própria *Coppo*, as quais permitiam ao empresário produzir uma maior quantidade de tecidos sem a necessidade de haver um tecelão para cada uma delas. Cada profissional era capaz de observar e gerenciar, sozinho, diversos equipamentos.

Elevados investimentos para a reestruturação da maior parte dos setores produtivos brasileiros fizeram-se necessários principalmente a partir da abertura do mercado nacional, no início da década de 1990. Assim, a terceira fase inicia-se em 1994, com um novo ciclo de modernização das malharias, possibilitado pela obtenção de máquinas eletrônicas computadorizadas provenientes da Alemanha, Coréia do sul e Itália. A partir desse momento, ocorre uma sensível melhora produtiva, tanto pelo aspecto quantitativo, quanto pela variedade das mercadorias.

A implantação de máquinas computadorizadas possibilitou a tecelagem de blusas com desenhos, cores e pontos inviáveis de serem realizados com as máquinas antigas. Graças ao sistema contido nesses equipamentos, no qual os modelos são previamente estabelecidos na programação das máquinas, não havia mais a necessidade de parar a produção e regular as agulhas toda a vez que houvesse a necessidade de qualquer mudança nos pontos do tecido.

Apesar de estruturarem-se num segmento tradicional, a maior parte dos malharistas de Socorro demonstra estar consciente da necessidade de investimentos em novas tecnologias, ao menos no que se refere à compra de máquinas de tecelagem computadorizadas e na utilização de sistemas informacionais para o gerenciamento de suas empresas.

Dentre as vinte malharias retilíneas pesquisadas em Socorro, 85% delas declararam utilizar computadores, das quais 80%, ou dezesseis unidades, afirmaram emprega-las no setor produtivo através da utilização de máquinas de tecelagem eletrônicas computadorizadas. A proporção de malharistas que emprega computadores no setor administrativo é de 75% (Tabela 11).

**TABELA 11 – SETORES INFORMATIZADOS DAS MALHARIAS
RETILÍNEAS DE SOCORRO**

Malharia	Não utiliza	Produtivo	Administrativo	<i>Design</i>	Produção de etiquetas
1.			X		
2.			X		
3.	X				
4.		X			
5.		X	X		
6.	X				
7.		X	X		
8.		X	X		
9.		X	X		
10.		X	X		
11.		X	X		
12.		X	X		
13.		X			
14.		X			
15.		X	X	X	X
16.		X	X		
17.		X	X	X	
18.		X	X		
19.		X	X	X	
20.		X	X	X	
Total	10%	80%	75%	20%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

O principal tipo de máquina presente na malharia é a de tecelagem, utilizada para a transformação do fio em diversos tipos de roupas e acessórios. Os processos subsequentes são referentes ao acabamento do produto, cujos equipamentos utilizados são, na maior parte das vezes, mecânicos, necessitando um funcionário para cada um deles. A maior preocupação dos malharistas é a utilização de tecnologia na etapa de tecelagem dos vestuários e acessórios.

Observamos que há uma defasagem significativa quanto aos tipos de equipamentos de tecelagem utilizados por diferentes malharias, sendo possível encontrar, na maioria delas, máquinas computadorizadas sofisticadas e, em outras empresas, máquinas com mais de 20 anos de uso. Há ainda malharias que utilizam tanto máquinas modernas quanto antigas.

Apesar de existirem equipamentos eletrônicos utilizados para o acabamento das mercadorias, como máquinas retas e overloques, os investimentos em tecnologia ocorrem predominantemente em máquinas de tecelagem.

TABELA 12 – TIPOS MÁQUINAS DE TECELAGEM UTILIZADAS NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Número de máquinas eletrônicas computadorizadas	Número de máquinas mecanizadas	Número de máquinas manuais
1.		4	
2.		9	
3.		4	
4.	2		
5.	1		
6.		4	
7.	1	4	
8.	3	3	
9.	2	3	
10.	3	1	
11.	2	1	
12.	3	4	3
13.	1		
14.	4	1	
15.	4		
16.	2	7	
17.	6		
18.	10		
19.	12		
20.	14	21	

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Analisando os dados dispostos na Tabela 12, concluímos que há investimentos realizados pelo empresariado local no desenvolvimento tecnológico de seus sistemas produtivos, uma vez que:

- 90% das empresas utilizam computadores, seja no setor produtivo, no administrativo ou em ambos;

- 80% das malharias possuem máquinas de tecelagem computadorizadas importadas, uma vez que esses meios de produção não são fabricados no Brasil. As máquinas computadorizadas possibilitam a criação de um maior número de modelos e estilos de roupas, fator essencial para a competitividade atualmente;
- Uma das malharias adquiriu em abril de 2008, segundo informações de seu proprietário, a segunda máquina no Brasil capaz de produzir blusas sem que haja a necessidade de costura;
- Além de máquinas de tecelagem, as malharias de maior porte utilizam computadores ou máquinas computadorizadas para outras funções, como *design*, bordado, produção de etiquetas, etc.

Observando a Tabela 13, nota-se que a maior preocupação de 70% dos empresários, ao investirem em novas tecnologias, é o aumento da produção. A intenção de melhorar a qualidade dos produtos foi mencionada por 65% dos malharistas, enquanto 40% disseram haver a necessidade de acompanhar as tendências de mercado. Por fim, 35% declararam que a redução de custos de produção foi um fator estimulante a aquisição de novas máquinas.

**TABELA 13 – RAZÕES DOS INVESTIMENTOS EM NOVAS MÁQUINAS
PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO**

Malharia	Aumento da produtividade	Melhora da qualidade	Exigência de mercado	Redução de custos	Não houve investimentos em novas máquinas
1.					X
2.	X				
3.	X	X			
4.	X	X	X	X	
5.		X			
6.					X
7.	X	X			
8.	X	X	X	X	
9.	X	X			
10.					
11.	X	X	X	X	
12.		X	X		
13.	X				
14.	X	X			
15.	X	X			
16.	X				
17.	X		X	X	
18.	X	X	X	X	
19.		X	X	X	
20.	X	X	X	X	
Total	70%	65%	40%	35%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Apesar dos investimentos serem significativos na tecnologia utilizada no setor produtivo, é relevante destacar a declaração de Enide Rodrigues Baraldi, diretora do SENAC de Itapira, município que centraliza as atividades da instituição na região. Para ela, não há uma preocupação, por parte dos proprietários socorrenses, em se utilizar todo o potencial dessas máquinas e o aproveitamento da tecnologia disponível nesses equipamentos é de cerca de 20%. Enide destaca ainda que está faltando aos malharistas uma visão de produção de roupas com maior valor agregado, como ocorre na região sul do país.

Quando alguns malharistas foram questionados sobre este assunto, de modo informal após a aplicação do questionário, a maioria concordou com esse ponto de vista. Alguns deles ressaltaram ainda que não sabem onde procurar tais especializações e que nenhuma instituição pública jamais ofereceu qualquer assessoria neste sentido. Os

malharistas mencionaram ainda que, mesmo que se capacitassem a produzir mercadorias de maior valor agregado, não saberiam como inseri-las no mercado.

Cabe destacar que as máquinas disponíveis em grande parte das empresas locais as capacitariam a produzir e comercializar mercadorias mais sofisticadas, com alta qualidade. Uma das malharias do município, por exemplo, cujo maquinário é similar ao da maioria das outras empresas, é prestadora de serviços para diversas grifes famosas que, ao inserirem suas etiquetas, valorizam substancialmente os produtos.

Podemos concluir que, apesar de haver investimentos em tecnologia no setor produtivo das malharias de Socorro, a maior parte dos empreendimentos não emprega todo o potencial dos equipamentos. O sub-aproveitamento das máquinas ocorre devido a dois fatores principais: a falta de informações sobre como utilizar os recursos disponíveis e a inabilidade em inserir produtos com alto valor agregado, etiquetado com marcas próprias, no mercado.

Também é notório que os investimentos em máquinas mais avançadas concentrem-se essencialmente no processo de tecelagem, mantendo-se as fases seguintes estruturadas com máquinas tradicionais e organizadas de acordo com o modelo fordista, onde diferentes funcionários são especializados em diferentes etapas de uma produção realizada em série.

4.2.4 Mercado

As malharias retilíneas de Socorro dedicam-se à produção de diversos tipos de roupas e acessórios, tais como blusas, casacos, coletes, calças, toucas, luvas, roupas para cachorro, cacharréis, mantas, macacões para bebês e muitas outras, havendo inclusive empresas que já se dedicaram à produção de mais de cem tipos de mercadorias. Apesar de alguns modelos de roupas serem relativamente tradicionais, vindo a serem produzidas há vários anos, as malharias, de uma forma geral, variam suas mercadorias de acordo com as exigências do mercado.

Quando questionados se haviam mudado os tipos de mercadorias produzidas desde a fundação das malharias, 85% dos empresários responderam positivamente, enquanto 15% afirmaram trabalhar com os mesmos tipos de produtos. A Tabela 14 demonstra as principais causas dessas mudanças citadas pelos malharistas.

**TABELA 14 - CAUSAS DAS MUDANÇAS DOS TIPOS DE PRODUTOS
FABRICADOS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO**

Malharia	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1.		X										
2.				X								
3.								X				
4.							X	X				
5.									X			
6.	X											
7.	X											
8.		X	X	X		X						
9.		X										
10.												X
11.		X	X	X								
12.		X										
13.		X										
14.	X											
15.										X		
16.											X	
17.		X		X								
18.		X	X	X								
19.										X		
20.		X	X	X	X							
Total	15%	45%	20%	30%	5%	5%	5%	10%	5%	10%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

- A- Não houveram mudanças
- B- Moda
- C- Utilização de novas tecnologia
- D- Concorrência
- E- Mudanças climáticas
- F- Atuação em novos mercados
- G- Fabricação de produtos com maior valor agregado
- H- Oferecer novas opções
- I- Sazonalidade
- J- Exigências de mercado
- K- Imposição de clientes
- L- Não soube responder

A principal razão que estimulou os empresários a desenvolverem novos modelos ou variarem as matérias-primas foi, segundo 45% das declarações, as tendências da moda que predominam em cada estação. Os modelos usados por atores e atrizes de novela, cantores ou ainda novos modelos lançados por grifes famosas, entre outros fatores, direcionam a maior parte dos malharistas a inovarem suas produções.

A necessidade de acompanhar as evoluções dos concorrentes, que oferecem constantemente novos produtos aos clientes é o motivo citado por 30% dos entrevistados.

A terceira principal causa dos novos lançamentos, ressaltada por 20% dos empresários, são as aquisições de máquinas eletrônicas computadorizadas, que possibilitam aos malharistas criarem modelos que seriam muito difíceis de serem produzidos com os equipamentos mais antigos.

A estratégia de oferecer novas opções aos seus clientes e a necessidade de inovação no mercado atual foram motivos destacados por 10% dos malharistas. A tentativa de atuação em novos mercados, as mudanças climáticas, a fabricação de produtos com maior valor agregado, a sazonalidade e a imposição de clientes são fatores mencionados por 5% dos empresários cada.

Apenas um gerente, da malharia 10, não soube explicar as causas dessas mudanças, uma vez que ainda não trabalhava na empresa quando elas ocorreram.

Cabe aqui destacar um fato importante: Mesmo com os altos investimentos em máquinas eletrônicas computadorizadas, realizados por 80% das malharias nos últimos anos, apenas um empresário demonstrou a preocupação em desenvolver produtos com maior valor agregado e participar de um mercado mais sofisticado. A preocupação com a quantidade produzida pelos empresários nos pareceu mais evidente.

Outro fator de relevância quanto à não preocupação com a qualidade do produto ou à sua imagem em mercados importantes, é que nenhuma empresa da amostragem possui qualquer certificado de qualidade. Segundo relatos dos proprietários das maiores empresas entrevistadas, nenhuma das malharias retilíneas de Socorro, incluindo as não presentes na amostragem, possui tais qualificações.

Com relação aos destinos das mercadorias produzidas em Socorro, identificamos 6 principais grupos (Tabela 15):

- **Consumidores finais:** pessoas que compram roupas para uso próprio. Normalmente, este tipo de comércio é realizado nas lojas de fábrica das malharias;
- **Sacoleiras:** pessoas que compram uma quantidade relativamente grande de roupas para revendê-las no sistema porta-a-porta. As vendas desse tipo são realizadas nas lojas de fábrica ou nas próprias malharias;

- **Lojas:** as mercadorias são vendidas diretamente aos lojistas. Neste caso, os comerciantes podem ir para Socorro e comprarem as mercadorias nas lojas de fábrica ou diretamente nas malharias; ou os próprios malharistas, através de representantes ou eles próprios, oferecem seus produtos diretamente nas lojas dos clientes;
- **Distribuidores:** pessoas que, formalmente ou informalmente, compram mercadorias diretamente nas malharias ou lojas de fábrica, ou ainda através de pedidos a serem entregues, e revendem os produtos para lojistas;
- **Grandes magazines:** como a C&A, que encomendam grandes quantidades de roupas, cujos modelos e tamanhos possuem especificações prévias;
- **Instituições públicas:** através da participação de licitações públicas, alguns malharistas de Socorro conseguem, eventualmente, fornecer roupas para instituições diversas do governo.

TABELA 15 - PRINCIPAIS CLIENTES DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Consumidores finais*	Sacoleiras	Lojas	Distribuidores	Grandes magazines	Instituições públicas (inclusive forças armadas)
1.	X		X	X		
2.				X		
3.			X			
4.	X		X			
5.	X		X			
6.	X		X	X		X
7.			X			
8.			X	X		
9.	X	X	X			
10.					X	
11.	X	X	X			
12.	X					
13.			X	X		
14.	X		X			
15.					X	
16.					X	
17.	X		X			
18.	X	X	X			
19.	X		X			
20.	X		X	X	X	X
Total	60%	15%	75%	30%	20%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Do total de empresas pesquisadas, 75% delas adotam como estratégia as vendas no atacado aos proprietários de lojas, sendo que as transações podem ser gerenciadas de diferentes maneiras. O mais comum é a utilização de cheques pré-datados ou o repasse de cheques de terceiros. No caso das compras feitas nas lojas de fábrica, é muito comum também a cobrança por cartões de crédito e eventualmente de débito.

Como medida de prevenção, é comum a adoção de determinadas exigências para as vendas feitas a novos clientes, tais como um tempo mínimo de conta corrente ou a limitação de valores.

Nos casos de clientes mais antigos, não é raro a utilização de “vales”, ou seja, um papel simples assinado pelo cliente no momento da entrega, cujo valor escrito será pago na data combinada.

O segundo método de comercialização de produtos mais utilizado pelos malharistas de Socorro, destacada por 60% da amostragem, são as vendas feitas diretamente aos consumidores finais, ação realizada nas lojas de fábrica.

As vendas para distribuidores são realizadas por 30% dos empresários, enquanto 20% prestam serviços para grandes magazines. Já as sacoleiras são clientes consideradas importantes por 15% dos malharistas, enquanto 10% dos entrevistados participam, eventualmente, de licitações públicas.

Para as entregas de encomendas para fora da cidade de Socorro, os principais meios utilizados pelos empresários são os do tipo “porta-a-porta”, realizados por funcionários ou vendedores da empresa, ou através de despaches pelos Correios e/ou transportadoras.

Uma importante forma de distribuição dos produtos industrializados nas malharias retilíneas de Socorro são as vendas no atacado e varejo realizadas nas lojas de fábrica mantidas por diversos malharistas.

Do total de empresários entrevistados, 12 deles declararam possuir uma ou mais lojas onde comercializam seus produtos, totalizando 27 lojas de fábrica. Deste total, 12 localizam-se no próprio município de Socorro (Tabela 16), demonstrando que a cidade é, além de produtora, distribuidora de malhas, tanto no atacado quanto no varejo. A maior parte destes estabelecimentos situa-se na *Feira de Malhas* ou no *Moda Shopping das Fábricas*¹⁷.

¹⁷ A Feira de Malhas, com cinquenta *stands* e o Moda Shopping das Fábricas, com sessenta lojas, são complexos comerciais que possuem nas vendas do tricô seus principais atrativos, apesar de não serem tipos de produtos exclusivos de comercialização. A localização desses centros de compra é estratégica, na rodovia Antonio da Silva Cunha Bueno, a SP-8, que interliga Socorro a Bragança Paulista, em perímetro urbano socorrense. Essa rodovia é o principal acesso dos turistas que se deslocam da grande São Paulo para o Circuito das Águas Paulista e para o Circuito das Malhas via rodovia Fernão Dias.

Fotos 13 e 14: Moda *Shopping*



Foto 13: Vista externa do Moda *Shopping*

Fonte: Elaborada pelo autor



Foto 14: Vista interna do Moda *Shopping*

Fonte: Elaborada pelo autor

Fotos 15 e 16: Feira Permanente de Malhas ou simplesmente Feira de Malhas



Foto 15: Vista externa da Feira de Malhas

Fonte: Elaborada pelo autor



Foto 16: Panorama dos *stands* da Feira de Malhas

Fonte: Elaborada pelo autor

Fotos 17, 18, 19 E 20: Modelos de roupas e acessórios de tricô comercializados em Socorro e interior de uma loja de fábrica.



Foto 17: Blusa feminina e cachecol.
Fonte: Elaborada pelo autor.



Foto 18: Bolsa de tricô
Fonte: Elaborada pelo autor.



Foto 19: Blusa masculina.
Fonte: Elaborada pelo autor.



Foto 20: Interior de uma loja de fábrica.

TABELA 16 - LOCALIZAÇÃO E NÚMERO DE LOJAS DE FÁBRICA DAS MALHARIAS DE SOCORRO

Malharia	Não possui	Socorro	Circuito das Malhas	Outras cidades do interior de SP	São Paulo (capital)	Outros estados
1.		01				
2.	X					
3.	X					
4.		01				
5.		01				
6.		02				
7.	X					
8.	X					
9.		02		01		01
10.		01				
11.		01		02		
12.					02	
13.	X					
14.					01	
15.	X					
16.	X					
17.		01	01			01
18.		01	01			
19.		01	05			
20.	X					

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

* Esses tipos de vendas são realizadas mais comumente em lojas ou *stands* de fábrica. Algumas empresas participam de feiras itinerantes realizadas em diferentes cidades do país.

Outras 7 lojas localizam-se em outros municípios do Circuito das Malhas, caracterizando uma forte relação entre as cidades da região no que concerne à distribuição das mercadorias produzidas em Socorro. Há ainda 3 lojas em outras cidades do interior de São Paulo, 3 na capital paulista e 2 em outros estados. Assim, apesar das vendas diretas ao consumidor não se restringirem à cidade de Socorro ou ao Circuito das Malhas, é nessa região onde se concentra a maior parte das lojas de fábrica. Concluímos que há um considerável grau de relação entre Socorro e a outras cidades do Circuito das Malhas no que se refere às vendas e distribuição dos produtos fabricados em Socorro, principalmente aos clientes varejistas ou lojistas que vêm à região para realizarem suas compras.

É interessante a constatação de que, assim como em outras etapas do processo de fabricação e distribuição dos produtos, há também relevantes relações de vendas ao consumidor através de lojas de fábrica com a capital paulista, uma vez que há 3 lojas de fábricas socorrenses nesse município.

Além do comércio varejista, as lojas de tricô atuam também como pontos de vendas no atacado, atendendo lojistas e sacoleiras provenientes de diferentes cidades do Brasil. É considerado atacado, pela maioria das lojas, qualquer venda de seis peças ou mais de tricô, não sendo necessariamente do mesmo modelo.

Com relação aos destinos das mercadorias, percebemos que os vestuários produzidos em Socorro são comercializados em níveis local, nacional e, de forma mais esporádica, internacional.

Os dados apresentados pela Tabela 17 apontam que a região metropolitana de São Paulo é o principal mercado para os malharistas de Socorro, já que 75% dos entrevistados afirmaram comercializar com clientes dessa região. A proximidade geográfica e o amplo mercado consumidor justificam esses números. Concluímos, desta forma, que há um alto nível de trocas comerciais entre Socorro e a Região Metropolitana de São Paulo.

O interior paulista e os estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul são mercados explorados por 20% das empresas, enquanto os outros municípios do Circuito das Malhas e o estado do Paraná são áreas de atuação de 15% dos entrevistados. Há ainda vendas realizadas nos estados do Rio de Janeiro (10%) e Santa Catarina (5%).

Da mesma forma que ocorre em Monte Sião e Jacutinga (Fuini, 2007), as vendas realizadas para diversos outros estados da federação brasileira, direcionam-nos a compreender que os produtos de Socorro, assim como os fabricados nos municípios mineiros que compõem o Circuito das Malhas, não são comumente encontrados em outros lugares do país, caracterizando uma especialização produtiva diferenciada e possibilitando essas trocas comerciais.

**TABELA 17 - PRINCIPAIS MERCADOS ONDE ATUAM AS MALHARIAS
RETILÍNEAS DE SOCORRO**

Malharia	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1.	X											
2.	X			X			X					
3.		X	X									
4.	X		X									
5.	X	X										
6.	X											
7.	X				X							
8.	X											
9.	X			X								
10.									X			
11.	X			X								
12.								X				
13.	X		X			X						
14.	X				X	X	X			X	X	
15.	X		X									
16.									X			
17.	X				X	X	X			X		
18.	X				X	X						
19.	X			X								
20.								X				X
Total	75%	10%	20%	20%	20%	20%	15%	10%	10%	10%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

- A- Região Metropolitana de São Paulo – incluindo a capital**
- B- Socorro – considerando as vendas realizadas para as lojas locais de tricô, uma vez que as vendas realizadas pelas lojas de fábrica estão representadas na tabela anterior.**
- C- Outras cidades do Circuito das Malhas**
- D- Interior de São Paulo**
- E- Rio Grande do Sul**
- F- Minas Gerais**
- G- Paraná**
- H- Todo território nacional**
- I- Redes de grandes magazines**
- J- Rio de Janeiro**
- K- Santa Catarina**
- L- EUA**

Apenas 5% da nossa amostragem exporta seus produtos, número próximo ao de Jacutinga, que é de 5,3 % (Fuini, 2007). Em Socorro, da mesma forma que os municípios mineiros, a complexidade dos procedimentos burocráticos, as exigências dos compradores e as baixas produções individuais das malharias são os fatores que dificultam o desenvolvimento do comércio internacional.

Dois empresários socorrensenses comentaram que no início dos anos 2000 houve uma tentativa de criação de uma cooperativa, que teria como um de seus objetivos principais a organização dos malharistas para, de forma conjunta, exportar seus produtos. Desentendimentos diversos entre os mesmos impossibilitaram o sucesso dessa iniciativa.

As malharias retilíneas de Socorro fabricam produtos para diversos tipos de público, variando de bebês a pessoas da terceira idade. No caso da malharia 20, o contador entrevistado afirma que, além de roupas para bebês, esporadicamente, a empresa atende encomendas de roupas para cachorros, principalmente para os EUA.

A tabela 18 mostra os principais segmentos alvos de cada uma das malharias pesquisadas.

TABELA 18 - PÚBLICO ALVO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Moda infantil	Moda infanto-juvenil	Moda masculina adulto	Moda feminina adulto	Terceira idade
1.			X	X	
2.	X			X	
3.	X		X	X	
4.			X	X	
5.				X	
6.			X	X	X
7.	X				
8.				X	
9.			X	X	X
10.	X				
11.				X	
12.			X	X	X
13.			X		
14.	X				
15.				X	
16.		X			
17.				X	
18.			X	X	X
19.				X	
20.	X			X	
Total	30%	5%	40%	75%	20%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

A atuação no segmento de moda feminina para adultos é o mais comum entre as malharias de Socorro, com 75% dos empresários fabricando vestuários para esse público. As roupas masculinas, também para adultos, é o segundo segmento preferido pelos fabricantes, com 40% das empresas oferecendo este tipo de produto.

No caso de roupas infantis, 30% dos empresários declararam atuar no setor e apenas 5% respondeu fabricar vestuários especialmente para o público infanto-juvenil.

O desenvolvimento de modelos de roupas para a terceira idade é preocupação de 20% dos malharistas locais.

TABELA 19 - ESTRUTURA DA CLIENTELA DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Um cliente único fixo	Um cliente principal e outros menores	Uma clientela fixa	Uma clientela variada	Clientelas fixa e variada
1.					X
2.					X
3.			X		
4.			X		
5.					X
6.					X
7.					X
8.					X
9.					X
10.	X				
11.					X
12.					X
13.					X
14.					X
15.			X		
16.	X				
17.					X
18.					X
19.					X
20.					X
Total	10%	0%	15%	0%	75%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

O primeiro fato observado nas informações contidas na Tabela 19 é que todos os empresários possuem clientes fixos, para os quais são fornecidos produtos periodicamente. Esse tipo de relação é uma espécie de garantia de rotatividade da produção.

A maior parte dos entrevistados, 75% do total, trabalha com clientelas fixa e variada, ou seja, além de fornecer mercadorias aos clientes tradicionais, são também capazes de atender eventuais pedidos que ocorram em suas malharias ou lojas de fábricas. Esse fato demonstra que essas malharias estão aptas, se necessário, a aumentar suas respectivas produções.

Apenas 15% dos malharistas responderam produzir apenas para atender uma clientela fixa, enquanto 10% das empresas entrevistadas dedicam-se exclusivamente ao atendimento de uma famosa rede de magazines. Neste último caso, as explicações dadas por ambos os empresários para a adoção dessa estratégia está nos altos volumes de produção garantidos por contratos. Para eles, apesar das baixas margens de lucros, a quantidade produzida é compensatória.

4.2.5 Relações de produção

A produção de roupas de tricô faz parte de um ramo industrial tradicional que ainda mantém, em muitos casos, um sistema gerencial baseado na produção em série, ou seja, mesmo não havendo encomenda para as mercadorias, elas são fabricadas visando futuros compradores, característica do sistema fordista.

Dentre as vinte malharias pesquisadas (Tabela 20), 10% responderam que produzem exclusivamente em série e, nesses casos, as mercadorias são levadas e oferecidas pelo proprietário ou por vendedores a clientes previamente cadastrados ou não. Conforme o interesse pelos produtos, a venda é realizada a pronta entrega ou através de pedidos.

Outras quatro malharias, ou 20% do total, declararam produzir apenas sob encomenda. Dentre esses casos, as malharias 10 e 16 trabalham exclusivamente para uma grande rede de lojas varejista, a C&A, tecendo apenas o que é solicitado pelo único cliente. Atualmente, a malharia 1 não tem a produção de tricô como seu principal foco, e por esta razão só fabrica esse tipo de mercadoria quando seus clientes, ao encomendarem uniformes, principal segmento da empresa, exigem peças de roupas fabricadas por máquinas retilíneas. Dentre as malharias que responderam produzir e comercializar para vários clientes, apenas uma tece somente as mercadorias já encomendadas, enquanto as 14 restantes produzem por encomenda e também em série.

TABELA 20 – FORMAS DE PRODUÇÃO NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Série	Encomenda	Em série e por encomenda
1.		X	
2.	X		
3.			X
4.			X
5.			X
6.			X
7.			X
8.			X
9.			X
10.		X	
11.			X
12.	X		
13.			X
14.		X	
15.			X
16.		X	
17.			X
18.			X
19.			X
20.			X
Total	10%	20%	70%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Durante a baixa estação, período que se inicia, aproximadamente, nos meses de Julho/Agosto e se estende até Janeiro, com uma pequena alta em Novembro e Dezembro, meses que antecedem as festas de final de ano, os fabricantes dedicam-se à produção de malhas mais leves e, em alguns casos, à tecelagem de mercadorias que serão estocadas e vendidas posteriormente, nos meses da alta estação. O sistema de estocagem ocorre principalmente com alguns tipos de roupas consideradas básicas, ou seja, os modelos que tradicionalmente possuem compradores, independentemente da moda, tais como blusas simples (abertas ou fechadas¹⁸), masculinas e femininas, sobretudo aquelas destinadas aos consumidores de uma faixa etária mais elevada;

¹⁸ Blusas abertas são aquelas que dispõem de um zíper ou uma fileira de botões na parte frontal, os quais permitem que seja vestida ou tirada do corpo sem que seja necessário passá-la por cima da cabeça. As blusas fechadas não possuem tais acessórios.

alguns modelos de casacos, calças de lã, luvas e cachecóis são, também, exemplos de itens que sofrem pouca ou nenhuma alteração de modelos por vários anos.

Além das roupas clássicas, os malharistas baseiam-se também nas tendências da moda para planejarem as produções de outros modelos que terão demanda num determinado ano. As principais fontes de tais tendências destacadas pelos empresários foram: revistas, roupas utilizadas por artistas em programas de televisão, internet, os modelos pedidos por seus próprios clientes ou ainda através de cópias de modelos expostos em vitrines de outras lojas especializadas em roupas de tricô.

4.2.5.1 Relações de subcontratação de outras malharias ou oficinas de costura

Visando a obtenção de vantagens competitivas, parte das malharias retílineas de Socorro utiliza estratégias produtivas flexíveis, através do estabelecimento de *linkages* com outras empresas e/ou trabalhadores em domicílio, constituindo desta forma sistemas de relações baseados na terceirização e/ou subcontratação da produção.

Mendes (1995, p.4), afirmou que a flexibilização produtiva faz parte das estratégias empresariais na atualidade, tendência que se confirma no aglomerado produtivo de malharias de Socorro, onde a subcontratação de mão-de-obra é considerada, por relevante parte dos empresários, como vantajosa para os negócios.

Atualmente, 80% dos empresários socorrenses possuem máquinas capazes de realizar o processo integral da produção de peças de tricô dentro de suas próprias malharias, sendo poucos os casos em que a empresa não esteja apta a cumprir todos os procedimentos de fabricação em suas próprias dependências. Ocorre que, devido à sazonalidade das vendas e aos altos custos de manutenção dos funcionários, a maior parte deles subcontratam outras empresas e/ou costureiras em domicílio para a conclusão de determinadas etapas produtivas.

TABELA 21 - ETAPAS PRODUTIVAS REALIZADAS EM ESTRUTURAS PRÓPRIAS DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Integral (*)	Tecelagem	Embalagem	Costura em remalhadeira	Outros tipos de costura	Passadoria	Corte
1.		X	X				
2.		X					
3.	X						
4.	X						
5.	X						
6.	X						
7.		X	X				X
8.	X						
9.	X						
10.	X						
11.	X						
12.	X						
13.		X	X		X		X
14.	X						
15.	X						
16.	X						
17.	X						
18.	X						
19.	X						
20.	X						
Total	80%	20%	15%	0%	5%	0%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

* Desde a tecelagem à embalagem

Segundo os dados da Tabela 21, 80% das malharias de Socorro são capazes de realizar todas as etapas da produção internamente, enquanto 20% necessitam externalizar integralmente determinados tipos de serviços, como de passadoria e remalhadeira, demonstrando que algumas empresas apresentam estruturas mais completas que outras.

Quanto à embalagem, apenas a empresa 2 declarou não realiza-la internamente, uma vez que o único processo efetivado em estrutura própria é o de tecelagem. Os trabalhos de costura em máquina reta e/ou overloque, são integralmente subcontratados por 15% das malharias, enquanto a subcontratação de cortadeiras é fundamental para 10% das empresas.

As situações mais comuns presentes no aglomerado produtivo de Socorro, são as de malharias que produzem toda a parte de tecelagem com máquinas próprias e

subcontratam costureiras em domicílio e/ou outras empresas, para a realização, total ou parcial, dos serviços de costura e acabamento.

Mesmo nos períodos de maior aquecimento das vendas, apenas 5% das malharias possui a necessidade de subcontratar serviços de tecelagem, enquanto 10% subcontratam serviços de produção de peças completas para atender parte das encomendas.

TABELA 22 - ETAPAS PRODUTIVAS SUBCONTRATADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO EM OUTRAS MALHARIAS OU OFICINAS DE COSTURA

Malharia	Não subcontrata outras empresas ou oficinas de costura	Costura	Tecelagem	Peça inteira (desde a tecelagem à embalagem)	Bordado
1.	X				
2.	X				
3.	X				
4.	X				
5.	X				
6.				X	
7.	X				
8.		X			X
9.		X			
10.	X				
11.	X				
12.				X	
13.	X				
14.	X				
15.		X			
16.		X	X		
17.	X				
18.		X			
19.	X				
20.	X				
Total	65%	25%	5%	10%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Nota-se, na Tabela 22, que 65% das malharias não terceirizam ou subcontratam outras empresas para a produção de tricô (não estão sendo consideradas as costureiras em domicílio). Dois malharistas (10%), responderam terceirizar a produção de peças inteiras quando necessário, e 25% deles declararam subcontratar serviços de costura em

oficinas especializadas ou outras malharias para o acabamento das mercadorias. Os serviços de bordado e tecelagem são subcontratados por 5% dos entrevistados.

Quanto à localização das empresas e oficinas subcontratadas, apenas uma malharia, a de número 12, subcontrata prestadores de serviços em outros municípios, comprovando que existem, em Socorro, oficinas especializadas ou outras malharias que prestam este tipo de serviço em número suficiente para atender seis das sete malharias entrevistadas que admitiram utilizar tal estratégia.

Cabe ressaltar que a única malharia que respondeu contratar uma oficina localizada em outra cidade do Circuito das Malhas, também possui relações uma empresa local, o que demonstra que as relações referentes às subcontratações entre as empresas de Socorro e as demais do Circuito das Malhas pode ser considerado baixo.

Dentro da amostragem estabelecida, não identificamos nenhum empresário do ramo de malharias retilíneas de Socorro que possua uma marca própria de tricô e subcontrate totalmente a produção das mercadorias. Todas as empresas produzem, de forma total ou parcial, as mercadorias comercializadas.

As subcontratações de outras indústrias ocorrem como uma estratégia de complementação produtiva, podendo ser de forma eventual (quando há aumento nas vendas) ou constante (durante todo o ano).

TABELA 23 - PERÍODOS DE SUBCONTRATAÇÃO DE MALHARIAS RETILÍNEAS E/OU OFICINAS DE COSTURA PELAS MALHARIAS DE SOCORRO E A LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS

Malharia	Não subcontrata outras empresas ou oficinas de costura	Subcontrata durante a alta estação (primeiro semestre)	Subcontrata durante o ano todo	Subcontrata irregularmente, de acordo com as vendas
1.	X			
2.	X			
3.	X			
4.	X			
5.	X			
6.		X		
7.	X			
8.			X	
9.				X
10.	X			
11.	X			
12.		X		
13.	X			
14.	X			
15.		X		
16.				X
17.	X			
18.			X	
19.	X			
20.	X			
Total	65%	15%	10%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

De acordo com os dados acima (Tabela 23), 15% das malharias necessitam subcontratar outras empresas apenas no período da alta estação, quando há um aumento substancial no volume de vendas, enquanto 10% mantêm esse tipo de relação durante todo o ano. Outros 10% precisam subcontratar em diferentes épocas, de acordo com o aumento das encomendas.

Para um maior aprofundamento na questão das relações inter-industriais entre as malharias retilíneas de Socorro, foi perguntado se as mesmas tinham como segmento de atuação a prestação de serviços terceirizados ou subcontratados a outras empresas.

TABELA 24 - IDENTIFICAÇÃO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO QUE PRESTAM SERVIÇOS DE SUBCONTRATAÇÃO E SUAS RESPECTIVAS ESPECIALIDADES

Malharia	Não prestam serviços em forma de subcontratação	Prestam serviços de produção integral de peças	Prestam serviços de tecelagem
1.	X		
2.	X		
3.	X		
4.		X	
5.			X
6.	X		
7.		X	
8.	X		
9.		X	
10.		X	
11.	X		
12.	X		
13.	X		
14.	X		
15.	X		
16.		X	
17.	X		
18.		X	
19.	X		
20.	X		
Total	65%	30%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Segundo os resultados obtidos (Tabela 24), 35% dos empresários atuam como prestadores de serviços a outras empresas, sendo que um deles os realiza de forma esporádica.

Dentre essas malharias, uma delas (5%), realiza apenas a parte de tecelagem, enquanto as outras seis empresas (30%), produzem e entregam as peças prontas para serem comercializadas.

**TABELA 25 - LOCALIZAÇÃO(S) DA(S) EMPRESA(S) CONTRATANTE(S)
DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO**

Malharia	Não presta serviços para outra(s) empresa(s)	Socorro	Circuito das Malhas	São Paulo capital	Rio Grande do Sul
1.	X				
2.	X				
3.	X				
4.		X	X		
5.				X	
6.	X				
7.					X
8.	X				
9.		X			
10.				X	
11.	X				
12.	X				
13.	X				
14.	X				
15.	X				
16.				X	
17.	X				
18.		X	X		
19.	X				
20.	X				
Total	65%	15%	10%	15%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Num levantamento sobre as localizações das empresas contratantes (Tabela 25), duas malharias, ou 10% do total, trabalham para mais de uma empresa, em ambos os casos situadas em Socorro e em outros municípios do Circuito das Malhas. Um empresário declarou produzir para um intermediário que fornece mercadorias para o Rio Grande do Sul, enquanto uma outra fabrica mercadorias para uma empresa de São Paulo.

As estruturas produtivas das empresas 10 e 16 são totalmente utilizadas para atender, sob prévia determinação de modelos e quantidades, um cliente único, no caso a rede varejista C&A. Não detectamos nenhum caso de malharia que se dedique exclusivamente a um único contratante instalado em Socorro ou no Circuito das Malhas.

4.2.5.2 Mão-de-obra empregada nas malharias retilíneas de Socorro

As malharias retilíneas destacam-se em Socorro não apenas pelo número de empresas em atividade, mas também pela grande quantidade de pessoas por elas empregadas. Além da mão-de-obra absorvida internamente, de forma regularizada, uma parcela significativa de pessoas sobrevive com a prestação de serviços informais em suas residências ou como trabalhadores temporários nessas indústrias.

Primeiramente analisaremos o perfil do setor formalizado dessas empresas.

TABELA 26 - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS OCUPADOS NOS SETORES PRODUTIVOS E ADMINISTRATIVOS DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Número de homens ocupados na administração	Número de mulheres ocupadas na administração	Número de homens ocupados na produção	Número de mulheres ocupadas na produção	Número total de funcionários
1.			1		1
2.			1		1
3.				1	1
4.			1	2	3
5.			2	3	5
6.				3	3
7.			2	3	5
8.	1		1	4	6
9.			1	7	8
10.	1		2	7	10
11.		1	2	8	11
12.	1		5	7	13
13.				2	2
14.			3	12	15
15.			3	12	15
16.			5	13	18
17.		2	3	16	21
18.		1	7	13	21
19.		1	13	38	52
20.	5	10	20	168	203
Total	8	15	72	319	414

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Ao avaliar o nível de empregabilidade nas 20 malharias retilíneas pesquisadas em Socorro (Tabela 26), constatamos que, juntas, elas possuem 414 funcionários, dos

quais 391 estão ocupados no setor produtivo e 23 na área administrativa. Isso significa que para cada emprego existente no setor administrativo, há 17 na produção, ou seja, 94,45% dos funcionários das malharias retilíneas atuam no setor produtivo.

É notório o número de empresas que não contratam profissionais para a administração, uma vez que apenas 45% das malharias possuem funcionários para esse fim, das quais 30% contratam apenas uma pessoa.

A pouca necessidade de contratação de empregados na administração das empresas demonstra que os membros das famílias ainda são os principais responsáveis pelo gerenciamento dos negócios, principalmente naqueles considerados de pequeno porte.

Numa análise por gênero, constatamos que dentro do setor administrativo, de um total de 23 empregados registrados nas 9 empresas, 15 são mulheres e apenas 8 são do sexo masculino, totalizando um homem para cada 1,55 mulheres.

Já para as funções produtivas, são empregados 72 homens e 319 mulheres, o que corresponde a um funcionário do sexo masculino para cada 4,43 do sexo feminino.

Na somatória de ambos os setores, verifica-se que 80,68% das vagas nas malharias retilíneas de Socorro são ocupadas por funcionárias do sexo feminino, número que corresponde a uma relação de 4,17 mulheres para cada homem, corroborando os estudos de casos já realizados que detectaram a predominância feminina no setor.

No que se refere às tarefas realizadas, 80% dos malharistas disseram não existir tarefas específicas para homens ou mulheres, mas que, por tradição, dificilmente encontra-se um homem manuseando as máquinas de costura ou uma mulher responsável pelos equipamentos de tecelagem. Essa afirmação foi confirmada nesse estudo, que não detectou nenhum caso que contrariasse essa tendência.

Quanto aos salários recebidos pelos empregados das malharias há uma grande proximidade entre os valores praticados por diferentes empresas.

TABELA 27 - MÉDIA SALARIAL PARA OS SETORES PRODUTIVO E ADMINISTRATIVO DAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Média salarial declarada para a produção (em reais)	Média salarial declarada para a administração (em reais)
1.	1000,00	X
2.	1000,00	X
3.	400,00	X
4.	555,28	X
5.	600,00	X
6.	793,00	X
7.	506,00	X
8.	700,00	1300,00
9.	580,00	X
10.	555,28	1500,00
11.	750,00	750,00
12.	679,00	1000,00
13.	555,28	X
14.	620,00	X
15.	600,00	1200,00
16.	525,00	X
17.	950,00	950,00
18.	750,00	1000,00
19.	720,00	Não informou
20.	750,00	1400,00

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

O salário médio remunerado pelas empresas para o setor produtivo é de R\$ 679,44, sendo que o maior declarado foi de R\$ 1.000,00 e o menor de R\$ 400,00. A maior parte dos empreendimentos paga o piso da classe de R\$ 555,28, mas este valor pode sofrer um acréscimo ao final do mês devido ao pagamento de horas extras, razão pela qual grande parte dos salários declarados giram em torno de R\$ 600,00 e R\$ 750,00.

É também interessante ressaltar que, enquanto os salários das costureiras aproximam-se do valor do piso, os dos tecelões estão na média de R\$ 1.000,00.

Para o setor administrativo, o salário médio é de R\$ 1.058,00, sendo que o máximo declarado foi de R\$ 1.500,00, e o mínimo de R\$ 556,00. Desta forma, numa relação comparativa, o salário médio pago ao setor administrativo é aproximadamente 55,71% maior que para o setor produtivo.

A oscilação do número de funcionários nos últimos três anos, representados na Tabela 28, é também um aspecto a ser destacado. Enquanto 45% das empresas

declararam ter reduzido o número de postos de trabalho nesse período, apenas 15% delas aumentaram o número de empregados.

TABELA 28 - VARIAÇÃO DO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS ENTRE 2005 E 2007 NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Não houve alterações nos últimos anos	Número de postos de trabalho extintos	Número de postos de trabalho criados
1.		15	
2.		7	
3.	X		
4.			6
5.	X		
6.	X		
7.			2
8.		10	
9.	X		
10.		5	
11.	X		
12.		5	
13.	X		
14.		5	
15.	X		
16.		16	
17.		6	
18.		15	
19.	Não informou		
20.			40
Total		84	48

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Calculando a diferença do número de empregos gerados com o de empregos extintos, percebemos que a quantidade de demissões foi maior que a de contratações. Enquanto 84 pessoas perderam seus postos de trabalho, 48 foi o número total de contratados.

Considerando a diferença de 36 funcionários entre demitidos e contratados, o número total de funcionários nos últimos três anos reduziu de 391 para 355, o que representa uma queda de 10,14%.

Numa comparação por empreendimento, nota-se que 45% das empresas reduziram o número de funcionários, enquanto em 15% delas predominou a contratação.

O proprietário da malharia 19 disse que é expressiva a variação do número de empregados durante o mesmo ano, devido à sazonalidade, justificando-se por não saber tais números.

Dentre os 20% dos empresários que declararam ter contratado mais funcionários nos últimos três anos, as principais razões foram os aumentos das vendas e o crescimento das empresas.

TABELA 29 – MOTIVOS QUE ESTIMULARAM AS DEMISSÕES NAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Malharia	Mantiveram o número de funcionários ou contrataram	Sazonalidade	Subcontratações estimuladas pelos altos encargos trabalhistas	Quedas nas vendas	Mecanização das malharias
1.		X	X		
2.			X		
3.	X				
4.	X				
5.	X				
6.	X				
7.	X				
8.		X	X		
9.	X				
10.				X	
11.	X				
12.		X			
13.	X				
14.				X	
15.	X				
16.			X		
17.		X			
18.			X		X
19.	X				
20.	X				
Total	55%	20%	25%	10%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Os números contidos na Tabela 29 deixam claro que as duas principais razões das demissões citadas pelos nove malharistas foram:

a- A sazonalidade, mencionada por 20% dos empresários. Segundo Abreu (1986), as variações das vendas durante o ano é um importante agente influenciador no ramos de vestuários;

b- Os altos encargos trabalhistas que, assim como destacou Pastore (Folha de S. Paulo – 10/05/2005), tornam inviável a manutenção de trabalhadores registrados na empresa e mais compensatório a subcontratação de trabalhadores em domicílio ou de outras empresas.

A redução das vendas foi a razão citada por dois empresários, enquanto a mecanização da produção foi mencionada por apenas um malharista.

As malharias retilíneas, tradicionalmente, são especializadas na produção de roupas para o outono-inverno, período considerado como a alta estação pelas empresas do setor. Durante a baixa estação, que ocorre aproximadamente entre os meses de agosto e dezembro, com uma ligeira alta nos dois últimos meses do ano graças às festividades, as vendas caem drasticamente, e muitas vezes as empresas são obrigadas a adotar diferentes estratégias, como a confecção de produtos fabricados com outros tipos de tecidos, a dispensa de funcionários ou mesmo a confecção de roupas mais leves com as máquinas retilíneas, mas essas geralmente com uma demanda menor do que as roupas de frio.

Desta forma, notamos a forte influência da sazonalidade no aglomerado produtivo de Socorro. Um dos recursos utilizados para enfrentar esse problema é a contratação de funcionários temporários, dentro e/ou fora da empresa. No caso das contratações de pessoas para trabalharem na própria malharia, 30% dos entrevistados admitiram adotar essa estratégia, como mostra a tabela a seguir:

**TABELA 30 - NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS CONTRATADOS
TEMPORARIAMENTE E MESES DE ATUAÇÃO NAS MALHARIAS
RETILÍNEAS DE SOCORRO**

Malharia	NC*	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
1.	X												
2.	X												
3.	X												
4.	X												
5.				3	3	3	3						
6.				2	2	2	2	2					
7.	X												
8.	X												
9.	X												
10.	X												
11.	X												
12.		6	6	6	6	6							
13.				2	2	2	2	2					
14.	X												
15.	X												
16.	X												
17.					4	4	4						
18.													
19.	X												
20.					25	25	25						
Total		6	6	13	42	42	36	4					

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

NC*- Não há contratações de funcionários temporários na empresa.

Observamos nos dados acima (Tabela 30), que a estratégia de contratação de funcionários temporários dentro das empresas é utilizada por 30% das malharias, ocorrendo entre os meses de janeiro e julho de cada ano. Durante os meses de abril e maio, quando as 6 empresas oferecem vagas temporárias, há um aumento aproximado de 42 funcionários, ou 10,68% em relação ao total de trabalhadores registrados nas 20 malharias retilíneas pesquisadas.

A estratégia de contratação temporária visa o aumento da produção, principalmente no período da alta estação, sem manter o vínculo empregatício dos funcionários durante a baixa estação, quando há redução das vendas e consequentemente da produção.

4.2.5.3 A utilização do trabalho em domicílio no aglomerado produtivo de malharias retilíneas de Socorro

A subcontratação do trabalho em domicílio é uma estratégia tradicionalmente utilizada pelo setor de vestuários que, na busca pela flexibilização da produção, tendem a acentuar essa tendência. O objetivo maior é a redução dos custos de produção e o aumento da competitividade e dos lucros.

O trabalho em domicílio é um tipo de relação produtiva presente em Socorro desde o final da década de 1960, quando foram trazidas as primeiras máquinas de tricô para a cidade. Nessa época, alguns representantes de vendas desses equipamentos garantiam serviços às costureiras que decidissem comprar seus produtos, sendo que parte do salário a ser recebido era retido como forma de pagamento de cada uma das dez prestações da máquina. Os vendedores forneciam, em alguns casos, roupas a serem trabalhadas de suas próprias malharias ou, em outras situações, terceirizavam (ou subcontratavam) encomendas de roupas para seus clientes localizados, geralmente, na cidade de São Paulo.

Durante as décadas de 1970 e 1980, ocorre o aumento do interesse de subcontratação de mão-de-obra em domicílio, principalmente pelas malharias que se multiplicavam na cidade, que viam este tipo de estratégia como uma geradora de vantagens competitivas. Os empresários locais, ao adotarem essa tática, buscavam a redução dos custos de produção e, conseqüentemente, o aumento da competitividade.

Desta forma, foi consolidado um sistema de relações em que os malharistas, ou seus funcionários, entregavam as matérias-primas para a realização dos trabalhos nas casas das costureiras que se responsabilizavam por uma ou mais etapas do processo de fabricação das roupas e, após um período combinado, voltavam para buscar a produção pronta. As formas de pagamento eram também combinadas em cada caso, sendo comumente por produção.

Atualmente, o trabalho em domicilio é uma estratégia de produção utilizada, segundo dados obtidos com o questionário industrial, por 80% das malharias retilíneas da cidade de Socorro.

Como os investimentos em máquinas sofisticadas concentram-se nas máquinas de tecelagem, a maior parte dos empresários subcontrata, principalmente, serviços de acabamento das peças de tricô. Desta forma, os trabalhadores em domicilio socorrenses

caracterizam-se pela especialização produtiva, realizando apenas algumas etapas da produção.

O fornecimento de serviços aos trabalhadores em domicílio sofre uma forte influência da sazonalidade. Durante todo o ano, 13 malharias (65%), mantêm o fornecimento de mão-de-obra, mas geralmente há reduções durante a baixa estação. Já para 15% dos empresários, só é possível contratar esses serviços na alta estação (Tabela 31).

TABELA 31 - UTILIZAÇÃO DE TRABALHO A DOMICÍLIO PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Não subcontrata	Número de subcontratados na alta estação	Número de subcontratados o ano todo
1.			1
2.			4
3.			2
4.			4
5.			4
6.			3
7.			7
8.		8	4
9.			2
10.			2
11.			2
12.		2	
13.			2
14.	X		
15.	X		
16.		8	
17.	X		
18.			20
19.	X		
20.			20
Total		18	77

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Observamos que o número de costureiras contratadas de forma direta por cada malharista é, na maioria das vezes, relativamente baixo, com apenas 10% das empresas contratando vinte trabalhadoras e 90% menos de dez. Acontece que, em muitos casos, segundo os relatos dos próprios empresários, muitas costureiras repassam todo ou parte

da produção para outras costureiras, introduzindo mais pessoas na cadeia produtiva e criando uma nova relação de subcontratação para a realização do mesmo trabalho. Os empresários não souberam responder com exatidão sobre o número de trabalhadoras que repassam serviços, tampouco o número de subcontratadas por cada uma delas.

Durante a baixa estação, entre os meses de agosto e dezembro, a maior parte dos malharistas mantém o fornecimento de serviços para suas respectivas costureiras, mas em alguns casos a quantidade pode ser menor que no inverno.

Nesse período, constatamos que as 20 malharias pesquisadas contratam um total de 468 pessoas para a produção, sendo 77 costureiras em domicílio e 391 funcionários internos. Assim, as costureiras em domicílio representam, nesse período, 16,45% do total de pessoas dedicadas a produção.

Já na alta estação, há um total de 524 pessoas produzindo, sendo 391 delas, ou 74,61%, funcionárias formais; outras 91, ou 17,36%, costureiras em domicílio; e 42, ou 8,01%, funcionárias temporárias contratadas dentro das empresas.

Ao verificarmos que o número total de pessoas dedicadas à produção nas malharias retilíneas na alta estação é de 524, e na baixa estação de 468, concluímos que há um acréscimo de 11,96 % no número de empregos no setor produtivo nos meses que antecedem o inverno.

As relações de subcontratação de trabalho em domicílio pelas malharias retilíneas socorrenses restringem-se, quase totalmente, à contratação de costureiras que vivem no próprio município (Tabela 32).

Apenas uma empresa, a número 6, respondeu contratar trabalho em domicílio fora da cidade de Socorro para a realização de serviços de bordado, embora mantenha esse tipo de relação também com trabalhadores da própria cidade. Excetuando-se este caso, não detectamos na amostragem pesquisada qualquer relação de inter-dependência entre as malharias de Socorro e costureiras residentes em outros municípios.

TABELA 32 - LOCALIZAÇÃO DOS DOMICÍLIOS DAS COSTUREIRAS QUE SÃO SUBCONTRATADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Não possui costureiras	Socorro	Circuito das Malhas
1.		X	
2.		X	
3.		X	
4.		X	
5.		X	
6.		X	X
7.		X	
8.		X	
9.		X	
10.		X	
11.		X	
12.		X	
13.		X	
14.	X		
15.	X		
16.		X	
17.	X		
18.		X	
19.	X		
20.		X	

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Foram detectados 12 tipos de trabalhos oferecidos pelos empresários aos trabalhadores em domicílio, seis dos quais citados por apenas uma empresa cada (Tabela 33). Dentre os tipos de mão-de-obra mais procurados, os serviços de remalhadeira foram os mais mencionados, com treze malharias, ou 65% do total, admitindo subcontratar costureiras para a realização desta etapa produtiva. As remalhadeiras fazem uma costura muito discreta, ou “invisível” segundo um dos empresários, e são utilizadas para o acabamento das blusas, com a colocação de golas, punhos e alguns tipos de barras.

Para 55% dos empresários, existe a necessidade de contratação de costureiras que trabalham com overloques. Essas máquinas de costura são utilizadas para a montagem das roupas, costurando, por exemplo, as mangas, ou juntando as partes da frente e de trás de uma blusa.

Os trabalhos de bordados manuais são requisitados por 35% das empresas e a galoneira por 20%. Assim como a remalhadeira, a galoneira é também uma máquina de

acabamento, mas com um tipo de ponto diferente, utilizada para a colocação de golas, mangas, barras e viés.

Já o traveti, citado por 3 malharias, ou 15% da amostragem, é uma máquina voltada à fazer uma espécie de reforço no final de uma linha de costura, evitando que ela se desfaça.

Os serviços de máquina reta, a qual realiza um tipo de costura em linha reta, e de passadoria, são subcontratados por 10% dos empresários, enquanto os trabalhos de estamparia, revisão, embalagem e pregação de botões foram citados por apenas um malharista.

TABELA 33 - ETAPAS DA PRODUÇÃO SUBCONTRATADAS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
1.			X		X								
2.		X	X	X	X		X				X	X	
3.		X											
4.		X	X	X		X							
5.		X	X		X			X					
6.		X	X	X	X	X	X						
7.			X										
8.		X	X	X			X						
9.		X											
10.				X									X
11.		X											
12.		X	X	X					X				
13.		X						X			X		
14.	X												
15.	X												
16.		X	X	X		X				X			
17.	X												
18.		X	X										
19.	X												
20.		X	X										
Total	15%	65%	55%	35%	20%	15%	15%	10%	5%	5%	10%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

A- Não contrata trabalho em domicílio
B- Remalhadeira
C- Overloque
D- Bordado
E- Galoneira
F- Tecelagem
G- Traveti
H- Máquina reta
I- Estamparia

J- Revisão
K- Passadoria
L- Embalagem
M- Botoneira

Dentre as 16 malharias, ou 80% do total, que mencionaram subcontratar trabalho em domicílio, apenas uma delas, a de número 20, declarou considerar viável a formalização das costureiras subcontratadas, apresentando inclusive dados de que 100% delas já trabalham com carteira assinada. O rigor da fiscalização e a preocupação com as aposentadorias dos prestadores de serviços foram as razões apresentadas pela empresa.

TABELA 34 - RAZÕES QUE INVIABILIZAM A FORMALIZAÇÃO DOS TRABALHADORES A DOMICÍLIO SEGUNDO OS MALHARISTAS DA CIDADE DE SOCORRO

Malharia	A	B	C	D	E	F	G
1.		X					
2.		X					
3.					X		
4.		X					
5.		X					
6.			X				
7.		X					
8.		X	X				
9.		X					
10.							X
11.			X				
12.				X			
13.		X					
14.	X						
15.	X						
16.		X					
17.	X						
18.		X					
19.	X						
20.						X	
Total	20%	50%	15%	5%	5%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

- A- Não contrata trabalho em domicílio
- B- Encargos trabalhistas
- C- Sazonalidade
- D- Os trabalhadores prestam serviços para outros contratantes
- E- Não há serviço suficiente para os trabalhadores em domicílio por período integral
- F- Os trabalhadores em domicílio contratados já possuem registro em carteira
- G- Não soube responder

Para 75% dos empresários, a estratégia de subcontratação de trabalho em domicílio, de modo informal, é essencial para suas empresas, sendo inviável o registro em carteira desses trabalhadores.

A principal razão que inviabiliza a formalização dos profissionais, no caso de 50% dos malharistas, são os altos encargos trabalhistas. Esses depoimentos nos remetem às declarações de Pastore (Folha de S. Paulo – 10/01/05), que alerta sobre os custos de manutenção de funcionários registrados no Brasil.

A sazonalidade foi justificativa de três empresários para a adoção de tal estratégia, argumentando ser inviável a manutenção de um grande quadro de funcionários nos períodos das baixas estações. Esses casos confirmam as observações realizadas por Abreu (1986) ao estudar um grupo de costureiras cariocas.

A impossibilidade de manter constante o fornecimento de trabalhos para uma costureira; a prestação de serviços para outras malharias; e o fato de já possuírem registro em carteira em nome de outra empresa, foram justificativas também mencionadas, mas nenhuma delas por mais de um empresário. Houve ainda um malharista que não soube responder a questão.

4.2.5.4 Trabalho especializado em domicílio

Num mercado caracterizado pela constante evolução dos vestuários e acessórios, onde a moda é a principal referência, torna-se fundamental que as malharias estejam aptas a acompanharem as mudanças impostas pelas novas tendências que surgem continuamente. Os custos relacionados à manutenção de um profissional especializado em moda, porém, são relativamente altos e inviáveis à maioria das empresas de Socorro.

Enquanto 80% dos malharistas declararam desenvolver seus próprios modelos, sem o auxílio de *designers* especializados, os outros 20% contam com a ajuda desses profissionais, contratados eventualmente para o planejamento de novas coleções. Os honorários recebidos pelos contratados são calculados pelo número de modelos desenhados.

Um dos problemas ressaltados pelos entrevistados, porém, foi a inexistência de *designers* de moda no próprio município, sendo a maioria deles provenientes da cidade de São Paulo.

As contratações de *designers* foram a única forma de ocorrência de *teletrabalho* constatada por essa pesquisa em Socorro.

4.3 Competitividade

O dinamismo das transformações econômicas na era da globalização, ao mesmo tempo em que possibilita a expansão de mercados e aumento dos lucros empresariais, demanda sucessivos investimentos em inovações produtivas e administrativas por parte das indústrias, inclusive as consideradas tradicionais, a fim de manterem a competitividade num mercado que se torna cada vez mais exigente.

4.3.1 Principais problemas enfrentados atualmente pelas malharias de Socorro na visão do empresariado local

Com o fito de identificar as principais dificuldades atravessadas pelas malharias retilíneas de Socorro, segundo as visões do empresariado local, perguntamos quais eram os principais obstáculos para o desenvolvimento do setor atualmente (Tabela35).

TABELA 35 - PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELO SETOR DE MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO SEGUNDO OS EMPRESÁRIOS LOCAIS

Malharia	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1.						X			
2.					X				
3.	X	X							
4.	X		X	X				X	
5.	X								
6.	X	X		X		X			
7.		X		X			X		
8.	X	X							
9.			X				X		
10.	X	X	X						
11.		X	X		X				
12.		X	X						
13.									
14.	X								
15.					X				
16.	X	X	X						
17.	X		X						
18.							X		X
19.	X	X							X
20.	X		X	X				X	
Total	55%	45%	40%	20%	15%	10%	15%	10%	10%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

- A- A concorrência com produtos importados da China
- B- As mudanças climáticas – aquecimento global
- C- A atuação do Sindicato dos Funcionários das malharias
- D- A falta de apoio de instituições e órgãos públicos
- E- A falta de mão-de-obra especializada
- F- A falta de cooperação entre os malharistas
- G- A falta de preparo do empresariado local
- H- Os altos tributos
- I- A não existência de um distrito industrial para as malharias

Dentre os diversos pontos de vista revelados, percebemos que para a grande maioria dos empresários os problemas externos são as causas maiores das dificuldades econômicas por eles enfrentadas (Tabela 35).

Constatamos que 55% dos empresários consideram que a entrada de produtos chineses é um entrave para os negócios. Segundo um dos depoimentos, as mercadorias provenientes do país asiático, além de possuírem uma boa qualidade, chegam ao mercado com um preço final inferior aos custos das empresas socorrenses.

A segunda causa mais citada foram as mudanças climáticas dos últimos anos. Na visão de 45% dos empresários, o processo de aquecimento global gerou impactos significativos nos negócios de suas respectivas empresas, uma vez que os produtos fabricados são, predominantemente, roupas de frio. Nas percepções dos mesmos, os invernos dos últimos anos são relativamente mais quentes se comparados, por exemplo, aos das décadas de 1970 e de 1980.

Um dado interessante é a percepção, por parte de 40% dos empresários, de que a atuação do sindicato dos funcionários é um problema para as empresas. Para eles, não é apenas a fiscalização dos registros em carteira dos funcionários ou do pagamento do piso da categoria que dificulta, mas as exigências do cumprimento de normas que muitas vezes oneram demasiadamente as empresas.

Como exemplo de reclamação, o proprietário da malharia 19 citou, sem mencionar valores, uma elevada multa paga pelo fato das caldeiras das máquinas de passar da sua empresa estarem instaladas de forma irregular, não respeitando distâncias e certas normas de segurança. Segundo sua versão, primeiramente, não houve qualquer orientação por parte do fabricante sobre tais normas e, em segundo lugar, não houve bom senso da fiscalização ao não oferecer um prazo para adequação, multando-o prontamente. Reclamações semelhantes sobre a intolerância da fiscalização, em diferentes situações, foram ouvidas de outros malharistas.

Na nossa visão, a participação mais consistente de instituições, sejam elas públicas ou privadas, para apoiar o empresariado local poderia, futuramente, amenizar ou evitar problemas dessa natureza. Um tipo de ajuda essencial, neste caso, seria a capacitação do empresariado para a normatização de suas malharias.

Neste sentido, 20% dos entrevistados alegaram que a falta de apoio institucional é uma das causas das dificuldades enfrentadas atualmente pelas malharias.

A falta de cooperação entre os próprios empresários e a dificuldade de se encontrar mão-de-obra especializada foram fatos citados por 15% dos malharistas. Nesses casos, alguns fatos são merecedores de comentários.

Quando os empresários foram questionados se havia cooperação entre as malharias, independentemente de considerarem esse fator um problema ou não para os seus respectivos negócios, 75% deles responderam não haver qualquer tipo de colaboração. Para 20% dos entrevistados, existe alguma cooperação, mas todos ressaltam que ela ocorre de maneira discreta. Apenas um entrevistado não soube responder à questão.

Dentre os 15 malharistas que acreditam não haver qualquer tipo de cooperação no aglomerado produtivo, 14 deles atribuíram este fato ao individualismo e ganância dos próprios malharistas, além da atmosfera de competição e rivalidade existente entre os mesmos. A inexistência de uma organização interna do setor, a falta de empenho da Associação Empresarial e a falta de uma liderança, foram razões também citadas, cada uma delas por um empresário.

Alguns outros fatores foram citados como causas das dificuldades enfrentadas pelos malharistas, mas esses por apenas um entrevistado cada: a mentalidade de não cooperação dos funcionários, o fato dos produtos de malharias retilíneas não estarem na moda, a baixa margem de lucros, os altos preços das máquinas computadorizadas, a sazonalidade, a baixa cotação do dólar, as dificuldades diversas para exportação, a rigidez das leis e a falta de divulgação dos produtos locais.

O ítem E da tabela 37, que corresponde à falta de mão-de-obra especializada, reflete as dificuldades encontradas pelos empresários em contratar pessoas capacitadas a executar tarefas que demandam um relativo nível de especialização, como *design* de modelos e a programação de máquinas, além de outros serviços que, apesar de não exigirem níveis mais avançados de estudos, demandam uma certa experiência prática. A proprietária da malharia de número 15 ressaltou que nos momentos em que há necessidade de novas costureiras, são necessários vários dias de treinamento, uma vez que, mesmo aquelas que possuem um curso na única escola profissional local que trabalha com técnicas de costura, são incapazes de produzirem adequadamente.

Por fim, dois fatores mencionados pelos empresários nos chamaram a atenção. Os altos tributos cobrados sobre a produção, problema levantado por 10% dos entrevistados e que está de acordo com a matéria SUPERADA A 1ª BARREIRA – 29 NOV 2006, é um entrave para o desenvolvimento de suas empresas; e a não existência de um distrito industrial no município. Segundo o proprietário da malharia 18, a existência de uma área, preferencialmente às margens da rodovia Deputado Antônio da Silva Cunha Bueno, onde houvesse a concentração de um considerável número de malharias e suas respectivas lojas de fábrica, poderia ser um atrativo turístico, atraindo um maior número tanto veranistas hospedados no Circuito das Águas Paulista, quanto comerciantes e sacoleiras que se dirigem para outros municípios so Circuito das Malhas para a realização de compras.

4.3.2 Vantagens e desvantagens locais

Cada lugar, de acordo com seus recursos, localização, disponibilidade de mão-de-obra, infra-estrutura e cultura, entre outros fatores, oferecem vantagens ou desvantagens para a instalação de determinadas empresas.

Baseando-se nesses fatos, questionamos o empresariado socorrense sobre as principais vantagens e desvantagens em possuir uma empresa do ramo de malharias retilíneas instalada na cidade de Socorro. Como resultado, obtivemos seis tipos de respostas representadas na Tabela 36.

TABELA 36 - VANTAGENS LOCAÇIONAIS

Malharia	Não há vantagens	Localização geográfica do município	Mão-de-obra	Turismo local	Fornecimento de matérias-primas	Infra-estrutura
1.		X	X			X
2.	X					
3.	X					
4.	X					
5.			X			
6.		X		X		
7.		X			X	X
8.			X			
9.				X	X	X
10.	X					
11.		X	X	X		
12.			X			
13.		X			X	
14.		X				
15.	X					
16.	X					
17.						X
18.	X					
19.		X				
20.		X	X			
Total	35%	40%	30%	15%	15%	20%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Observamos que na visão de 35% dos entrevistados, não há vantagem alguma o fato de suas empresas estarem localizadas na cidade de Socorro.

Por outro lado, 40% acreditam que a localização geográfica do município é uma vantagem comparativa. Em primeiro lugar, o fato de Socorro estar inserido no Circuito

das Malhas, região conhecida pelas suas atividades econômicas, serve como um atrativo natural ao público que procura esses tipos de mercadorias. O segundo ponto destacado é a proximidade da capital paulista, principal mercado consumidor, que dista cerca de 120 km via SP – 08, pela rodovia Fernão Dias.

Outra vantagem muito lembrada, nesse caso por 30% dos entrevistados, foi a disponibilidade de mão-de-obra no município, principalmente para os serviços de costura. O proprietário da malharia 11, apesar de ter declarado que enfrenta dificuldades para encontrar mão-de-obra especializada no município, ressaltou que, em Socorro, esses tipos de profissionais são localizados com maior facilidade que em outras cidades que não tenham tradição nesse segmento produtivo.

A infra-estrutura do segmento de malharias retilíneas em Socorro, na qual estão incluídas as facilidades de crédito, os contatos com outras empresas e a popularidade das malharias da região em diversas partes do país, foi citado por 20% dos empresários; já o fornecimento de matérias-primas foi citado por 15% dos malharistas. Os fatores observados nesses dois grupos correspondem ao ambiente produtivo existente na cidade.

Percebe-se que, na visão da maioria do empresariado, existem diversos tipos de benefícios para as malharias retilíneas sua localização no município de Socorro, característica que nos remete à definição de APL proposta por Santos, Diniz e Barbosa (2001; p.21), segundo a qual deve haver, nesse tipo de aglomerado, vantagens competitivas locais.

Por outro lado, apesar de uma significativa parcela dos empresários enxergar algum tipo de desvantagem na localização de suas empresas em Socorro, nenhum fator específico foi citado por mais de um empresário, com exceção da dificuldade de se encontrar mão-de-obra especializada, lembrada por dois entrevistados (Tabela 37).

TABELA 37 - DESVANTAGENS LOCACIONAIS

Malharia	Não há desvantagens	A falta de mão-de-obra especializada	Outras razões
1.	X		
2.		X	X
3.	X		
4.			X
5.			X
6.			X
7.	X		
8.	X		
9.	X		
10.	X		
11.			X
12.	X		
13.			X
14.	X		
15.	X		
16.	X		
17.			X
18.			X
19.		X	
20.	X		
Total	55%	10%	40%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Com base nas respostas obtidas, entendemos que a cidade de Socorro não apresenta desvantagens locacionais significativas para as malharias retilíneas, uma vez que não há evidências consensuais entre os empresários sobre possíveis barreiras presentes no município.

4.4 O papel das instituições no apoio ao desenvolvimento do aglomerado produtivo de Socorro

Ações de instituições públicas e/ou privadas são de suma importância para o desenvolvimento de um aglomerado produtivo. O que detectamos em Socorro, porém, foi uma limitada atuação desses setores em nível local.

4.4.1 Prefeitura e Câmara Municipal

A participação do poder público no auxílio ao desenvolvimento de um aglomerado produtivo é um fator de suma importância para o sucesso do mesmo.

No caso do município de Socorro, porém, notamos que, apesar do poder público municipal ter realizado importantes ações de apoio às malharias retilíneas nas últimas décadas, elas ocorreram de forma isolada, não atendendo às reais necessidades do setor.

Historicamente, as principais ações do poder público de Socorro foram:

- A organização, em parceria com uma agência de eventos privada, da Expomalhas no final da década de 1980 e início de 1990;
- A criação da Feira Permanente de Malhas¹⁹ nas margens da Rodovia Deputado Antônio da Silva Cunha Bueno, no início da década de 1990;
- A construção de um Centro de Exposições no final da década de 1990, que é utilizado atualmente, entre outros eventos, para a organização da *Expofair*²⁰ pela Associação Empresarial local;
- A inserção do setor como atrativo do município nas feiras de turismo realizadas em diversas cidades do Brasil;
- A manutenção uma escola profissionalizante no município, com cursos voltados à área de malharia retilínea, em parceria com o SENAI²¹.

O curso de “Costura Industrial²²” no CEMEP²³ – Centro Municipal de Ensino Profissionalizante – vem sendo oferecido há aproximadamente dez anos, enquanto os cursos de “Modelagem” e “Técnicas de Costura” existem há cerca de cinco anos.

¹⁹ A área onde a Feira se localiza não está totalmente regularizada pelo DER, uma vez que não obedece às distâncias em relação à rodovia previstas em lei.

²⁰ A *Expofair* é uma feira que tem como principal atrativo a exposição de produtos fabricados pelas malharias retilíneas de Socorro. Em 2008, 80% dos espaços do galpão do Centro de exposições foi ocupado por expositores do ramo de malharias. O evento é organizado pela Associação Comercial e Empresarial de Socorro e a sua segunda edição ocorreu em Maio de 2008.

²¹ Segundo os depoimentos de dois empresários, as aulas oferecidas nessa instituição não capacitam plenamente os alunos a trabalharem nas malharias, sendo necessário um tempo de aprendizagem na empresa.

²² Esse curso capacita os alunos a utilizarem o overloque, a galoneira e a máquina reta.

²³ O CEMEP não é uma instituição voltada exclusivamente à capacitação de mão-de-obra para a indústria de vestuários, oferecendo diversos outros cursos, como Iniciação à Panificação; Iniciação à Confeitaria; Auxiliar Administrativo; Artesanato; e Informática, entre outros.

Ao procurarmos o CEMEP, verificamos que os cursos são semestrais e as turmas são formadas por aproximadamente 12 alunos, cuja despesa total é o pagamento da taxa de inscrição que varia entre R\$ 30,00 e R\$ 40,00.

Quando comentamos com o funcionário da instituição que nos atendeu, Rafael, sobre as declarações de alguns empresários de que os alunos não saem devidamente preparados para trabalhar nas malharias, ele argumentou que existe um conteúdo programático pré-estabelecido pelo SENAI, cuja preparação não ocorreu na cidade de Socorro.

Perguntado sobre as possibilidades de modificações do conteúdo, a fim de adaptá-lo melhor às necessidades dos empresários locais, ele disse ser possível reestruturá-lo em partes, mas com o acompanhamento do SENAI.

Rafael ressaltou que em maio de 2008, pela primeira vez a coordenação da escola procurou os malharistas, com o intuito de descobrir as reais necessidades das empresas socorrenses quanto à mão-de-obra e, na medida do possível, adaptar a escola à realidade local.

Numa consulta ao departamento de desenvolvimento da prefeitura de Socorro em novembro de 2007, questionamos sobre possíveis projetos em andamento que visassem o desenvolvimento do setor. O funcionário responsável declarou que o auxílio na organização da *Expofair*, juntamente com a autorização para utilização do centro de exposições, havia sido a única participação do poder público naquele ano. Quando perguntado sobre a preocupação do órgão na realização de estudos que pudessem auxiliar no planejamento setorial, a resposta foi de que não havia qualquer levantamento preciso nesse sentido, sendo que o cadastro de inscrições de empresas municipais era a única fonte de dados. Sem fornecer detalhes, o secretário citou um estudo sobre as malharias que estava sendo iniciado pela Associação Empresarial em parceria com o SENAC e SENAI.

Recentemente, a reformulação da lei de parcelamento, uso e ocupação do solo do município de Socorro tornou ilegal a instalação de novas malharias na região central da cidade, área de interesse histórico e turístico. A lei data de 22 de outubro de 2007.

A ausência do poder público local, porém, é percebida por 100% empresários questionados no trabalho de campo. Segundo eles, atualmente, não há qualquer tipo de apoio por parte desse órgão ao desenvolvimento do aglomerado produtivo da cidade de Socorro.

4.4.2 Instituições de ensino privadas

Em Socorro, apenas uma instituição privada oferece, desde 2007, um curso profissionalizante relacionada ao segmento de vestuários com duração de seis meses. Atualmente, a terceira turma, composta por 20 estudantes, está prestes a receber seu certificado.

4.4.3 Associação Comercial e Empresarial - ACE

A Associação Comercial e Empresarial de Socorro possui 34 malharias retilíneas associadas, número que corresponde à metade das empresas do segmento que estão, segundo nossos levantamentos, em atividade atualmente. Com relação à amostragem, 45% dos empresários entrevistados são filiados.

Dentre os nove empresários da amostragem filiados à ACE, suas opiniões em relação à eficiência da mesma são:

TABELA 38 – OPINIÃO DOS EMPRESÁRIOS DO RAMO DE MALHARIAS RETILÍNEAS QUANTO A EFICIÊNCIA DA ACE DE SOCORRO

Avaliação do empresário	Número de opiniões
Boa	3
Regular	1
Ruim	3
Não sabe	2

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Verifica-se que há uma divisão de opiniões do empresariado quanto às ações da ACE, com três entrevistados considerando-as boas, um regular e dois achando serem ruins.

Segundo a diretora da instituição, a ACE vem procurando, nos últimos anos, realizar eventos que visem a organização e capacitação do empresariado de diversos setores de Socorro, inclusive o de malharias retilíneas.

A ação mais recente em andamento é o Projeto Empreender, que tem como principal objetivo unir os empresários de determinados segmentos para discutirem problemas e proporem soluções em conjunto.

Para a diretora, ao contrário de outros setores, como olarias, hospedagem, mecânica e institutos de beleza, que conseguiram um relativo nível de organização e já colhem resultados, os malharistas possuem uma cultura muito individualista, impossibilitando o sucesso do programa junto a esse segmento. Para a diretora, as maiores necessidades do setor atualmente são a mudança de pensamento dos empresários e um maior profissionalismo no gerenciamento das empresas.

Outro exemplo de projetos da instituição citados foram as tentativas de promover, em 2008, cursos de manuseio de caldeiras e de prevenção de acidentes de trabalho. A baixa adesão dos empresários, associada aos elevados custos, impossibilitaram as realizações de ambos os eventos.

Tendo início em Janeiro de 2008, o principal projeto em andamento da ACE se desenvolve em parceria com o SENAC de Itapira e o SEBRAE, o qual consiste em realizar um diagnóstico de toda estrutura produtiva local para que, a partir dos dados obtidos, sejam propostas ações de desenvolvimento. O estudo encontrava-se, em Julho de 2008, em fase de tabulação dos dados.

Deve ressaltar ainda que a ACE é uma instituição ligada a todos os setores empresariais do município, impossibilitando-a em dedicar-se integralmente ao ramo de malharias.

4.4.4 Sindicato Patronal

O setor de malharias retilíneas do município de Socorro não possui um sindicato patronal local e está subordinado ao SIMESP - Sindicato das Indústrias de Malharias do estado de São Paulo, sediado na capital paulista. Para o advogado Dr. Altair Oliveira Guedes²⁴, ex-representante de um grupo de malharistas locais, “infelizmente, essa instituição não oferece o respaldo que o empresariado socorrense precisa, principalmente quando há pressões pelo lado do sindicato dos trabalhadores”.

²⁴ Dr. Altair Oliveira Guedes é o advogado que representou os malharistas de Socorro em 2005, quando houve uma tentativa de criar um sindicato patronal. O Dr. Guedes é ainda vinculado a uma das maiores malharias de Socorro.

Segundo o Dr. Guedes, houve, em 2005, uma união de alguns empresários locais que tinham, como principal objetivo, a criação de um sindicato patronal local. Esse movimento surgiu após a instalação, em 2003, do sindicato dos trabalhadores, cujo rigor dos fiscais e as altas multas aplicadas às malharias, eram entendidos como abusivos.

A partir desse momento, iniciou-se um processo de desmembramento da base, ou seja, uma tentativa de desvincular o município de Socorro da jurisdição da SIMESP. Segundo o Dr. Guedes, a instituição justificou sua insatisfatória atuação no município com a alegação de que tais ações seriam economicamente inviáveis.

Em 2006, devido aos custos do processo, à burocracia, ao afrouxamento do sindicato dos trabalhadores e à promessa de determinadas ações pela SIMESP, os empresários de Socorro “engavetaram” o processo de criação do sindicato local, cuja denominação seria SIMCONFEC – Sindicato das malharias e confecções de Socorro.

Alguns malharistas declararam, informalmente, fazerem parte de sindicatos que mandam cobranças anuais e que, segundo seus contadores, o pagamento de ao menos uma delas é obrigatório. Esses empresários, porém, disseram não ter qualquer contato direto com tais instituições.

4.4.5 Sindicato dos trabalhadores

O Sindicato representante dos trabalhadores do setor de malharias retilíneas de Socorro originou-se, segundo o presidente da instituição Aloisio Barreto Reale, em 2003, graças a uma alteração estatutária que o desmembrou da federação sediada na cidade de São Paulo.

A instituição tem como principal objetivo garantir o cumprimento das leis trabalhistas no setor de malharias retilíneas, sendo sua principal incumbência a fiscalização das empresas. Neste caso, é preocupação da instituição verificar se os trabalhadores possuem registro em carteira e se recebem o piso da categoria que, no caso das costureiras especializadas era, em Julho de 2008, de R\$ 555,29. Para os ajudantes gerais, o piso durante os seis primeiros meses de trabalho é de R\$ 450,00 e, após esse período, de R\$ 500,29.

Segundo o Sr. Reale, havia na cidade de Socorro a urgência de se instalar um sindicato mais atuante na defesa dos direitos dos trabalhadores, pois, de acordo com suas palavras, “trabalhador em Socorro era como cortador de cana” (fazendo uma

alusão aos trabalhadores rurais que muitas vezes exercem suas funções de modo informal e precário).

O sindicalista revelou que antes da instalação da instituição, havia muitas irregularidades nas malharias locais, sendo comum encontrar trabalhadores sem registro, instalações de máquinas sem atender determinadas normas e a falta de equipamentos de segurança, como protetores de ouvido.

Um problema grave por ele diagnosticado, já nos primeiros meses de funcionamento da instituição, foi a falta de conhecimento, por parte de contadores, advogados e dos próprios empresários, das normas de segurança relacionadas à estrutura da empresa, conduta dos funcionários ou à obrigatoriedade da realização de diversos tipos de cursos pelos empregados.

Quando questionado sobre a falta de tolerância com relação a determinadas irregularidades e a pronta aplicação de diversas multas, a resposta foi que “ninguém pode alegar desconhecimento da lei”. Ao sindicato dos trabalhadores, compete a fiscalização da situação empregatícia dos trabalhadores, mas em caso de constatação de outras irregularidades, ocorre prontamente a denúncia pelos funcionários da instituição.

De acordo com o Sr. Reale, a informalidade dentro das malharias, que em 2003 era de aproximadamente 30% dos funcionários, hoje é zero, graças à fiscalização sindical.

Com relação aos trabalhadores em domicílio, o sindicalista enfatizou que “qualquer trabalhador sem registro é trabalhador escravo”. A instituição considera que todo trabalhador em domicílio é funcionário da empresa, tendo teoricamente os mesmos direitos dos funcionários internos.

Outra constatação que merece referência, segundo o Sr. Reale, é a lei que impede a subcontratação de etapas do processo de produção de uma determinada mercadoria, como, por exemplo, os serviços de costura, o que torna o trabalho em domicílio ilegal. O sindicato tem como plano de ação para 2008 combater o trabalho em domicílio em Socorro.

Apesar da impopularidade do sindicato dos trabalhadores junto ao empresariado socorrense, o advogado que representou o grupo de malharistas que visava criar um sindicato patronal e hoje representa uma das maiores malharias de Socorro, assim como a diretora da Associação Empresarial local, destacaram que, apesar de alguns excessos cometidos em suas ações, a instalação do Sindicato dos Trabalhadores foi, de modo geral, positiva para o município.

Além das fiscalizações da situação legal dos empregados das malharias retilíneas, a instituição não havia organizado, até o mês de Julho de 2008, qualquer outro projeto paralelo, como cursos de capacitação para funcionários ou de normas de segurança.

4.4.6 Linhas de crédito

Quanto às linhas de crédito utilizadas pelas malharias, notamos que 60% delas utilizam empréstimos bancários para obtenção de capital. O Banco do Brasil, segundo o gerente da agência de Socorro Valter Aparecido Lasca, disponibiliza o programa *FAT Giro Setorial*, que consiste numa linha de crédito específica para determinados segmentos industriais que se diferenciam em cada região, no caso de Socorro o ramo de malharias. O *FAT Giro Setorial* é uma linha especial para levantamento de capital de giro, não podendo ser utilizada para outros fins.

Esse tipo de empréstimo oferece como vantagem taxas de 0,7% ao mês, valor menor que outras ofertas de capital, além de permitir que o empresário tenha um ano de carência, período em que ele paga apenas os juros. A partir desse período, o montante deve ser quitado em doze meses. A peculiaridade desse programa é que ele é aberto por um curto período do ano, normalmente entre os meses de Setembro e Outubro, momento em que comumente as malharias atravessam o período mais difícil do ano.

O trabalho de campo demonstrou que 70% dos empresários necessitam de algum sistema de crédito, seja através de tomadas de empréstimos ou financiamentos de equipamentos (Tabela 39).

TABELA 39 - RAZÕES DAS TOMADAS DE EMPRÉSTIMOS E UTILIZAÇÃO DE CRÉDITOS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Malharia	Compras de equipamentos	Capital de giro	Compras de veículos
1.			
2.			
3.			
4.	X	X	X
5.	X	X	
6.	X	X	
7.			
8.			
9.	X	X	
10.*			
11.	X	X	X
12.		X	
13.		X	
14.	X		
15.	X		
16.		X	
17.	X	X	
18.	X	X	X
19.	X	X	X
20.	X	X	X
Total	55%	60%	25%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

* O encarregado de produção entrevistado respondeu não ter conhecimento se há ou não a utilização de sistemas de crédito pelo proprietário.

A manutenção do capital de giro é a principal razão dos pedidos de empréstimos ou utilização de crédito pelas malharias retilíneas de Socorro. Para isso, 60% dos empresários declararam necessitar de empréstimos, principalmente durante a baixa estação, período de acentuada queda nas vendas para a maioria das malharias. Esse montante é conseguido principalmente junto aos bancos.

Para a compra de equipamentos, 55% dos malharistas declararam recorrer a financiamentos. Nesse caso, a obtenção do capital pode ocorrer de duas formas: empréstimos junto a instituições como bancos, neste caso normalmente para a compra de equipamentos usados, ou financiamento direto com os fabricantes ou revendedores de máquinas, mais comum para a aquisição de máquinas novas.

Para as compras de veículos, 25% dos malharistas disseram utilizar de algum tipo de financiamento. É pertinente ressaltar que, pelo fato das malharias socorrenses serem de pequeno porte, os automóveis são normalmente utilizados para fins pessoais e empresariais.

Também é comum a utilização de crédito para a obtenção de matérias-primas nos depósitos (revendedores) de fios locais ou do Circuito das Malhas, através do pagamento com cheques pré-datados ou pelo repasse de cheques de terceiros, normalmente também pré-datados. Neste último caso, há comumente um acordo entre comprador e fornecedor que, em caso de devolução, o malharista assume as responsabilidades. O proprietário da malharia número 9 disse ser comum a retirada de matérias-primas dos depósitos sem que ocorra o pagamento imediato, ou seja, “fiado”, com a promessa, muitas vezes verbal, de paga-la após as entregas das mercadorias. Nesse sentido, notamos uma relação de confiança e solidariedade entre diferentes empresários locais, mas que não atuam como concorrentes diretos.

4.5 Conceituação do aglomerado produtivo de Socorro

A pesquisa de campo permitiu desvendar uma série de características fundamentais para a compreensão e conceituação aglomerado produtivo abordado nessa dissertação.

O aglomerado de micro e pequenas empresas local, consiste num sistema especializado na fabricação de roupas e vestuários de tricô, no qual, além da presença de 68 malharias retilíneas em atividade, estão inseridas instituições públicas e privadas, além da participação da população local no processo produtivo. Não constatamos, porém, a existência de empresas especializadas em atividades de alto valor agregado, como consultorias, desenvolvimento de materiais ou de *softwares*, entre outras.

Apesar de observarmos que os níveis de cooperação, integração, interdependência e confiança entre os atores locais não são tão elevados quanto aqueles observados nos distritos italianos por Becattini (2003) e Pietrobelli (2003), eles estão presentes em Socorro, e são fundamentais para a manutenção do aglomerado.

A posição geográfica da cidade, próxima a São Paulo (maior mercado consumidor do país), e inserida no Circuito das Malhas, região conhecida em nível nacional pelos vestuários produzidos, favorece a competitividade das empresas locais, capacitando-as a comercializar seus produtos em diversos estados brasileiros e,

eventualmente, em outros países. As estratégias de comercialização de tais produtos são diversas, predominando as relações individuais entre malharias e clientes, mas havendo também participações das empresas em exposições e feiras em diversas cidades do país, incluindo a *Expofair* Socorro.

Considerando uma análise local, a infra-estrutura especificamente relacionada à produção de tricô presente no município, na qual destacam-se os fornecedores de matérias-primas, a mão-de-obra especializada e as ações institucionais, entre outros fatores, favorece a existência de uma “atmosfera produtiva” setorial, estimulando o aprendizado e o desenvolvimento empresarial.

O aglomerado produtivo de Socorro possui, desta forma, as principais características produtivas relacionadas ao conceito de **APL** descritos por Santos, Diniz e Barbosa (2004); Cassiolato e Lastres (2003) e pelo SEBRAE (2003). Cabe destacar ainda que o conceito de *cluster*, ao abranger as concentrações geográficas de empresas que atuam num mesmo setor produtivo, independentemente de haver ou não uma sinergia interna, é também aplicável ao **APL** de Socorro.

Apesar de ainda não existirem consórcios para exportações, tampouco estratégias de compartilhamento de marcas, nota-se algum nível de cooperação entre as empresas ao participarem de eventos para a comercialização de produtos em conjunto, como feiras e exposições. Considerando que ainda não se fazem presentes em Socorro empresas especializadas em atividades de alto valor agregado, concluímos que o APL local encontra-se, segundo a classificação de Machado (2003), na terceira fase de evolução, a de **maturidade**.

CAPÍTULO 5

A ANÁLISE DO TRABALHO EM DOMICÍLIO NO AGLOMERADO DE MALHARIAS RETILÍNEAS DE SOCORRO

Neste capítulo, pretende-se analisar o sistema de relações que envolvem os trabalhadores em domicílio do município de Socorro dedicados à prestação de serviços de produção de vestuários às malharias retilíneas do aglomerado produtivo local.

Há uma preocupação em compreender o perfil sócio-econômico dos trabalhadores domésticos, seus níveis de interdependência com as empresas e, principalmente, a importância destes atores no processo de desenvolvimento e na atual manutenção do segmento de malharias.

5.1 Perfil dos trabalhadores em domicílio

Desde o ano de 1967, quando ocorreram os primeiros movimentos que deflagrariam o ciclo do tricô na cidade de Socorro, o trabalho em domicílio se fez presente na cadeia de produção local.

Durante a realização do trabalho de campo, descobrimos que, atualmente, este tipo de mão-de-obra ainda é fundamental para as estratégias produtivas de grande parte das empresas que funcionam no município.

Como será demonstrado adiante, fatores como a flexibilidade de horários e a possibilidade de conciliação entre uma atividade remunerada com as obrigações domésticas, posicionaram-se sempre como fortes atrativos para as mulheres neste tipo de ocupação em Socorro. Após quarenta e um anos de história do segmento de malharias no município, devemos considerar também a influência da tradição que se criou em torno do estereótipo feminino para os trabalhos de costura doméstica.

A majoritariedade feminina foi comprovada ao verificarmos que elas correspondiam a 95% dos trabalhadores domésticos entrevistados. O único trabalhador do sexo masculino, presente nesta amostragem, está representado pelo item número 20 nos quadros estatísticos.

Do ponto de vista econômico atual, esses dados demonstram que o trabalho em domicílio, mesmo ocorrendo na maioria das vezes de modo informal, absorve parte da mão-de-obra feminina na cidade de Socorro, mantendo-se como opção às trabalhadoras

que, por opção ou pela falta de outras oportunidades, decidem realizar uma atividade remunerada em seus próprios lares.

TABELA 40 - FAIXA ETÁRIA DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	16-20	21-25	26-30	31-35	36-40	41-45	46-50	51-55
1.			X					
2.						X		
3.					X			
4.			X					
5.			X					
6.					X			
7.							X	
8.							X	
9.						X		
10.							X	
11.					X			
12.							X	
13.					X			
14.				X				
15.			X					
16.						X		
17.								X
18.		X						
19.						X		
20. *		X						
Total	0%	10%	20%	5%	20%	20%	20%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

* Único trabalhador em domicílio do sexo masculino entrevistado na pesquisa de campo.

A Tabela 40 demonstra que a maior parte dos trabalhadores em domicílio de Socorro, 85% do total, encontra-se na faixa etária entre 26 e 50 anos. O fato de 65% das costureiras possuírem idades acima de 35 anos, pode ser um indício de que esse tipo de atividade vem se tornando menos popular nos últimos anos entre a população mais jovem. Nesse sentido, é interessante observar que nenhum trabalhador possui entre 16 e vinte anos e apenas 10% está na faixa entre 21 e 25 anos.

TABELA 41 - ESTADO CIVIL DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Solteiro	Casado*	Divorciado	Viúvo
1.		X		
2.			X	
3.			X	
4.	X			
5.		X		
6.	X			
7.		X		
8.			X	
9.		X		
10.		X		
11.		X		
12.	X			
13.		X		
14.	X			
15.		X		
16.				X
17.		X		
18.		X		
19.		X		
20.	X			
Total	25%	55%	15%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

*Incluem as pessoas que, na data da pesquisa, viviam com os respectivos companheiros, não tendo realizado, necessariamente, o casamento de modo formal.

Com relação ao estado civil dos trabalhadores em domicílio de Socorro (Tabela 41), 55% deles são atualmente casados, 25% solteiros, 15% divorciados e 5% viúvo. Esses números estão diretamente relacionados à faixa etária da população dedicada a esse tipo de produção, uma vez que o número de casados, divorciados e viúvos tende a ser maior para a população de idade mais elevada. Dentre os seis trabalhadores (30%), solteiros detectados, cinco deles (25%), estão abaixo dos 35 anos de idade.

TABELA 42- NÚMERO DE FILHOS DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Nenhum	Um	Dois	Três	Quatro
1.			X		
2.		X			
3.			X		
4.		X			
5.			X		
6.	X				
7.				X	
8.		X			
9.				X	
10.					X
11.	X				
12.	X				
13.			X		
14.		X			
15.			X		
16.		X			
17.			X		
18.	X				
19.		X			
20.	X				
Total	25%	30%	30%	10%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Os números da Tabela 42 demonstram que a maior parte dos trabalhadores em domicílio (75%), possui filhos, dos quais apenas 15%, ou três trabalhadoras, são mães de três ou mais descendentes. Seis trabalhadoras (30%), possuem filho único, número idêntico ao de costureiras com dois filhos.

Numa tentativa de integração de dados, ao relacionarmos o estado civil dos trabalhadores e o número de filhos dos mesmos, vimos que a necessidade de geração de renda extra para as famílias, além dos cuidados com a casa e com as crianças está, muitas vezes, diretamente relacionada à opção em trabalhar no próprio domicílio.

TABELA 43 - COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Uma renda complementar da família	Cerca de metade da renda da família	A principal fonte de renda da família	Única fonte de renda da família
1.	X			
2.				X
3.				X
4.	X			
5.	X			
6.				X
7.	X			
8.			X	
9.		X		
10.	X			
11.	X			
12.*	X			
13.	X			
14.				X
15.		X		
16.				X
17.	X			
18.		X		
19.	X			
20.	X			
Total	55%	15%	5%	25%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

*A costureira é solteira, mas vive com a irmã, o cunhado e os sobrinhos, contribuindo para as despesas da casa de acordo com as necessidades.

Constatamos na Tabela 43 que nenhuma das trabalhadoras em domicílio casadas de Socorro, (55% da amostragem), possui responsabilidade total na manutenção financeira de seu respectivo lar. Enquanto 40% delas apenas complementam os rendimentos dos maridos, 15% declararam contribuir com cerca de metade dos ganhos integrais da família.

Dentre os 20% de trabalhadores divorciados ou viúvos, todos eles participam com a maior parte ou a totalidade dos rendimentos familiares. No caso do grupo dos solteiros, 25% do total, a maioria deles (20%), é contribuinte minoritário da renda familiar, enquanto 5% atua como única trabalhadora da família.

TABELA 44 - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Nível escolar			Tempo cursado	
	Ensino fundamental I	Ensino fundamental II	Ensino Médio	Completo	Incompleto
1.			X	X	
2.			X		X
3.			X	X	
4.		X		X	
5.		X		X	
6.			X		X
7.		X		X	
8.			X		X
9.			X	X	
10.	X				X
11.		X			X
12.			X	X	
13.	X			X	
14.		X		X	
15.	X			X	
16.		X		X	
17.	X			X	
18.			X	X	
19.			X	X	
20.			X	X	
Total	20%	30%	50%	75%	25%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Os níveis de escolaridade dos trabalhadores em domicílio são variáveis (Tabela 44). Enquanto metade dos trabalhadores possui oito anos ou menos de estudos, os outros 50% chegaram a cursar o ensino médio, sendo que 30% concluíram o terceiro colegial. Em nenhum dos casos pesquisados encontramos trabalhadores que houvesse, em qualquer momento da vida, iniciado o ensino superior.

A realização dos trabalhos em domicílio para as indústrias de malharias do município de Socorro, caracteriza-se mais pela utilização de um conhecimento do tipo tácito, difundido informalmente, do que o conhecimento explícito, aprendido em instituições voltadas a esses fins, como escolas técnicas e universidades.

Atualmente, vivenciamos um período “pós-fordista”, caracterizado pela tendência de utilização e constante renovação tecnológica no setor produtivo das empresas, cujo manuseio de máquinas e equipamentos exige um maior nível de conhecimento

explícito. No aglomerado produtivo de Socorro, porém, nos pareceu que tais características não se aplicam à fase de acabamento de vestuários realizada pelos trabalhadores em domicílio, uma vez que as técnicas e as máquinas de costura são as mesmas utilizadas há muitos anos. Um outro indício dos limitados investimentos na modernização do setor e da não exigência de conhecimentos explícitos, é o fato de que nenhum trabalhador em domicílio frequenta, atualmente, quaisquer tipos de instituições de ensino.

TABELA 45- NATURALIDADE DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Socorro	Bueno Brandão (MG)	Grande São Paulo	Monte Sião (MG)	Munhoz (MG)	Tempo que reside em Socorro (em anos)
1.	X					
2.			X			31
3.	X					
4.			X			30
5.	X					
6.	X					
7.	X					
8.	X					
9.	X					
10.		X				42
11.	X					
12.				X		50
13.					X	20
14.	X					
15.	X					
16.		X				42
17.	X					
18.	X					
19.	X					
20.	X					
Total	70%	10%	10%	5%	5%	

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

A difusão do conhecimento tácito é também notada quando analisadas as origens dos trabalhadores em domicílio do município de Socorro.

Verificamos na Tabela 45 que 70% dessas pessoas são nascidas na própria cidade, enquanto os 30% restantes vivem há pelo menos 20 anos no município. Foi constatado, desta forma, que todos os trabalhadores entrevistados aprenderam seus respectivos ofícios na própria cidade, seja em seus lares com parentes, em seus círculos de amizade, ou ainda dentro das próprias malharias, descaracterizando o envolvimento de quaisquer participações de instituições oficiais no processo.

Há na cidade uma única instituição, vinculada ao SENAC e à Prefeitura Municipal, voltada à capacitação de profissionais da área de costura. Segundo dois depoimentos empresariais (entrevistados de números 10 e 15), porém, essa escola não capacita os alunos a realizarem plenamente as costuras conforme as exigências das empresas, resultando, muitas vezes, num período de aprendizagem dentro das próprias malharias.

Ao admitirmos que o modo com que ocorreu a difusão do conhecimento das técnicas de costura entre os trabalhadores em domicílio no aglomerado produtivo de Socorro foi espontâneo e não codificado; que a participação do poder público na capacitação desse tipo de mão-de-obra é recente e discreta; e que foi fundamental as presenças das famílias, amigos e das próprias empresas locais no processo de dispersão das técnicas de costura, temos mais um forte indício de que o tipo de desenvolvimento que estruturou o aglomerado produtivo de Socorro é do tipo *Endógeno* (Vázquez Barquero, 2001).

**TABELA 46 – RAZÕES QUE EXPLICAM O TRABALHO EM DOMICÍLIO
PELOS TRABALHADORES DE SOCORRO**

Trabalhador(a) em domicílio	Flexibilidade de horário	Cuidar dos filhos	Maiores ganhos	Cuidar da casa	Não ter patrão	Outras razões
1.		X				
2.	X		X			X
3.	X		X		X	
4.	X	X				X
5.		X		X		
6.			X		X	X
7.		X		X		
8.	X					X
9.	X					X
10.	X					
11.	X					
12.						X
13.	X	X				
14.	X	X				
15.	X	X				
16.			X			
17.					X	
18.	X		X			
19.	X			X		
20.	X					
Total	65%	35%	25%	15%	15%	30%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Diversos foram os argumentos apresentados pelos trabalhadores para justificar o tipo de trabalho que exercem (Tabela 46). Nenhum deles, porém, declarou que realiza os serviços de costura em casa por falta de oportunidades de trabalho com registro em uma malharia, ou seja, todos os entrevistados admitiram que, para eles, é mais compensatório trabalhar em suas próprias residências.

Os números da Tabela 46 demonstram que para 65% das costureiras, a flexibilidade nos horários, por diversos motivos, é um dos fatores que as estimulam a realizar os serviços em seus próprios lares. A necessidade de cuidar dos filhos foi citada por 35% das trabalhadoras, enquanto os cuidados com a própria casa é motivo de preocupação de 15% das entrevistadas.

As responsabilidades domésticas dessas pessoas ficam claras nas palavras da costureira de número 5, para a qual “não compensa trabalhar em malharias e pagar para alguém cuidar da casa e das crianças”.

Um quarto dos prestadores de serviços entrevistados afirmou que é mais rentável trabalhar em casa ao invés da malharia, pois, segundo eles, os ganhos no final do mês são maiores. Nesses casos, é provável que essas pessoas tenham pouco conhecimento sobre os benefícios garantidos pela lei aos empregados registrados.

A procura por um ambiente de trabalho onde não haja pressão de patrões ou supervisores foi o motivo ressaltado por 15% dos trabalhadores ao justificarem a preferência em trabalhar na própria casa. Nenhum outro motivo obteve mais que uma menção.

TABELA 47 - SITUAÇÃO LEGAL DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Trabalha com carteira assinada		Contribui com a previdência		
	Sim	Não	Sim previdência pública	Sim previdência privada	Não
1.		X			X
2.		X			X
3.		X			X
4.	X		X		
5.		X			X
6.		X			X
7.		X			X
8.		X			X
9.		X		X	
10.		X			X
11.		X			X
12.		X			X
13.		X			X
14.	X		X		
15.		X			X
16.		X			X
17.		X			X
18.		X			X
19.		X			X
20.		X			X
Total	10%	90%	10%	5%	85%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Os números da tabela 46 demonstram que, em Socorro, apenas 10% dos trabalhadores em domicílio estão em situação legal, ou seja, atuando com carteira assinada. É necessário salientar que uma dessas trabalhadoras presta serviços à única

empresa da nossa amostragem que declarou registrar todos os seus prestadores de serviços em domicílio. Essa empresa, nas palavras do advogado Dr. Altair Oliveira Guedes, é a única do município que regulariza os trabalhadores em domicílio e cumpre com todas suas obrigações legais.

No segundo caso da amostragem em que detectamos um trabalhador registrado, um fato peculiar nos chamou a atenção. A entrevistada de número 4 relatou que, apesar de possuir carteira assinada, não usufrui de quaisquer benefícios garantidos por lei, como férias e décimo terceiro salário e nem mesmo uma garantia de recebimento de salário mínimo, uma vez que trabalha exclusivamente por produção. Segundo seu depoimento, há meses que ela não conseguia (na época da entrevista), faturar nem mesmo um salário mínimo.

Já a entrevistada de número 9 possui uma situação que a difere da maioria das outras costureiras em domicílio da cidade de Socorro. Ela possui, em sua casa, diversas máquinas de costura de sua propriedade e contrata outras profissionais para manuseá-las. Desta forma, seus rendimentos elevam-se consideravelmente, possibilitando à mesma, entre outras ações, pagar um plano de previdência privado.

Outro fator de grande relevância constatado foi o de que nenhuma das entrevistadas declarou contribuir com qualquer sindicato, tampouco manter contato direto com algum. Isso significa que as trabalhadoras em domicílio e Socorro, incluindo as registradas, não têm conhecimento sobre qualquer instituição que atue na defesa dos seus direitos.

5.2 As relações de produção entre as malharias retilíneas e os trabalhadores em domicílio de Socorro

Como já visto anteriormente, ainda que ocorra predominantemente de modo informal, o trabalho em domicílio é uma importante fonte geradora de empregos e renda na cidade de Socorro.

As estruturas produtivas existentes nas residências para a realização desse tipo de trabalho estão organizadas, muitas vezes, de forma precária, não raro comprometendo o conforto da própria família. Os ambientes internos utilizados para a realização desses trabalhos podem variar em cada lar, mas é comum encontrar máquinas nas salas, quartos ou cozinhas, dividindo espaços com outros tipos de móveis e instalações domésticas.

Independentemente da área utilizada, os ambientes de trabalho são relativamente homogêneos entre os domicílios, com a presença de uma ou mais máquinas de costura, uma determinada quantidade de restos de linhas e outros materiais espalhados pelo chão e diversas pilhas de roupas, que se agrupam em peças já prontas ou a serem costuradas. Durante as entrevistas, eram comuns situações em que as costureiras pediam alguns segundos até desocuparem os bancos, sofás ou cadeiras, os quais normalmente estavam cobertos por tricôs e outros apetrechos.

Em algumas residências, os trabalhadores utilizam cômodos ou espaços externos, como garagens e edículas, disponíveis para serem ocupados como áreas de trabalho. Esses locais, porém, nem sempre oferecem as condições salubres ideais para a permanência de pessoas, principalmente por um grande número de horas diárias. Numa das residências, encontramos uma situação que exemplifica essas condições precárias, pois duas senhoras trabalhavam num cômodo, externo à residência, relativamente pequeno, sem acabamento e praticamente sem ventilação devido à inexistência de janelas, o que tornava o lugar exageradamente quente e abafado. Além disso, uma das trabalhadoras fumava constantemente, contribuindo para que o lugar ficasse ainda mais desconfortável e o ar mais poluído.

Por outro lado, encontramos, em alguns casos, estruturas domésticas relativamente bem organizadas, como o espaço de trabalho da costureira de número 9. Proprietária de oito máquinas de costura, ela realiza a prestação de serviços para malharias e confecções com a ajuda de outras costureiras subcontratadas por ela, as quais utilizam suas máquinas. Além de observarmos a existência de um ambiente relativamente amplo e arejado, a proprietária montou um pequeno escritório ao lado da oficina, onde ela controla seus negócios.

Detectamos ainda, em uma das entrevistas, uma costureira que alugava uma pequena garagem para utilizá-la como local de trabalho. Nesse espaço, foram alocadas três diferentes máquinas e outras facilidades, utilizadas pela própria costureira, duas irmãs e a mãe que é a responsável pelo corte. Neste caso, apesar dos trabalhos não serem feitos no domicílio da entrevistada, as relações de produção se dão do mesmo modo, razão pela qual não a descartamos da amostragem.

De uma forma geral, nas relações de produção entre malharias e trabalhadores em domicílio, não existem quaisquer garantias de trabalhos constantes, uma vez que a sazonalidade é um fator que está diretamente relacionado à dinâmica das indústrias de confecções.

A inconstância no fornecimento de trabalhos cria algumas dificuldades para as trabalhadoras no que se refere ao controle do orçamento doméstico. A sazonalidade dos serviços e as possíveis variações de ganho resultam numa certa insegurança ao realizarem os planejamentos de gastos familiares.

TABELA 48 – NÚMERO DE CONTRATANTES DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio*	Um	Dois	Três	Quatro ou mais
1.	X			
2.				X
3.		X		
4.	X			
5.		X		
6.		X		
7.				X
8.		X		
9.	X			
10.			X	
11.			X	
12.	X			
13.		X		
14.		X		
15.				X
16.				X
17.		X		
18.				X
19.		X		
20.		X		
Total	20%	45%	10%	25%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

*Obs: Há costureiras que prestam serviços também para confecções de tecidos planos.

Dentre as costureiras entrevistadas, 45% disseram trabalhar para duas malharias, 10% para três contratantes e 25% para quatro ou mais empresas (Tabela 47). Apenas 20% das entrevistadas prestam serviços para apenas um contratante.

Uma estratégia comumente adotada pelas costureiras é a de prestações de serviços para mais de um fornecedor, o que reduz as possibilidades de faltar trabalho durante determinados períodos do ano. Essa opção, contudo, não assegura plenamente uma

constância no fornecimento de serviços. A costureira 11, por exemplo, que havia declarado trabalhar para três contratantes, estava totalmente ociosa no dia da entrevista.

Uma outra forma de organização da produção que vem sendo utilizada cada vez mais pelos trabalhadores é a prestação de serviços para as malharias retilíneas no inverno e para as confecções de tecidos planos durante o verão. Um quarto da amostragem declarou trabalhar, com certa frequência, com outros tipos de tecidos.

TABELA 49 - LOCALIZAÇÃO DAS EMPRESAS CONTRATANTES DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Socorro	Monte Sião	Águas de Lindóia	Serra Negra
1.		X		
2.	X			
3.	X			
4.	X			
5.	X			
6.	X			
7.	X		X	
8.	X			
9.	X			
10.	X			
11.	X			
12.	X			
13.	X			
14.	X			
15.	X			
16.	X			
17.	X			X
18.	X	X		
19.	X			
20.	X	X		
Total	95%	15%	5%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Podemos notar nos dados da Tabela 48 que 95% dos trabalhadores em domicílio socorrenses prestam serviços para as malharias localizadas na própria cidade, sendo que 20% trabalham também para outras empresas do Circuito das Malhas, mais especificamente dos municípios de Monte Sião, Águas de Lindóia e Serra Negra, todos eles localizados até 35km de distância de Socorro. Apenas 5% da amostragem declarou

realizar costuras apenas para empresas de fora do município de Socorro, no caso da cidade de Monte Sião.

Ao contratar 25% das trabalhadoras da cidade, as empresas localizadas nos municípios vizinhos do Circuito das Malhas tornam-se importantes fornecedores de serviços para as costureiras de Socorro, reforçando a tese da existência de um sistema de inter-relações na região do Circuito das Malhas, o qual fortalece o bom funcionamento do aglomerado regional.

É notório o fato de que todos os trabalhadores de Socorro prestam serviços apenas para empresas do próprio município ou de cidades vizinhas, fato que pode indicar a disponibilidade desse mesmo tipo de mão-de-obra em outras regiões, tornando inviável a contratação de costureiras socorrenses por indústrias localizadas em cidades mais distantes.

TABELA 50 – TIPOS DE SERVIÇOS REALIZADOS PELOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1.		X							
2.	X	X		X			X		
3.	X	X		X					
4.		X							
5.		X							
6.		X				X			
7.	X								
8.					X			X	
9.		X							X
10.	X	X	X	X	X	X			X
11.	X								
12.	X								
13.		X		X		X			
14.	X	X							
15.		X							
16.		X							
17.		X							
18.	X								
19.	X								
20.			X			X			X
Total	45%	65%	10%	20%	10%	20%	5%	5%	15%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

- N- Remalhadeira
- O- Overloque
- P- Bordado
- Q- Galoneira
- R- Tecelagem
- S- Reta
- T- Embalagem
- U- Arremate
- V- Confecção da peça inteira

Obs: No caso das costureiras aptas a produzirem as peças integrais, dois fatos devem ser considerados:

a- Em certas situações, a costureira pode não possuir determinadas máquinas em sua oficina, subcontratando esta etapa produtiva, mas se responsabilizando pela produção da peça integral.

b- É comum essas costureiras pegarem, além de encomendas de peças prontas, outros serviços que demandam apenas a realização de uma ou mais etapas da produção.

Notamos que as costureiras utilizam, basicamente, sete tipos diferentes de máquinas, cujas finalidades são a costura ou a tecelagem. O número de máquinas em posse de cada trabalhador é variável, assim como suas respectivas funções. Os procedimentos de costuras a serem realizadas em cada modelo são determinados pelas malharias contratantes, que também impõem os prazos de entrega.

Com relação aos dados demonstrados na Tabela 48, nota-se que 55% dos entrevistados dedicam-se a apenas uma etapa do processo produtivo de vestuários e acessórios, característica normalmente relacionada às pessoas que trabalham sozinhas em casa e possuem uma única máquina de costura.

Com relação aos tipos de mão-de-obra realizados com maior frequência, nota-se que o maior destaque é o overloque, equipamento utilizado por 65% das entrevistadas. As remalhadeiras correspondem a 45% da amostragem, enquanto os serviços de galoneira e de máquina reta são realizados por 20% das trabalhadoras.

É interessante observar que apenas 10% das respostas incluíram o bordado como tipo de mão-de-obra disponível. Isso confirma as dificuldades declaradas pelo proprietário da malharia número 6 e citadas no capítulo anterior, de se encontrar bordadeiras no município, vindo a consegui-las apenas em outras cidades do Circuito das Malhas.

Durante as pesquisas de campo, notamos que existem diferentes tipos de relações produtivas entre os trabalhadores em domicílio, assim como diversas formas de organização da produção, das quais destacamos:

- A maior parte dos trabalhadores em domicílio trabalha sozinho, em seus respectivos lares, recebendo apenas por aquilo que produz.
- Alguns trabalhadores pegam uma determinada quantia de peças de uma ou mais malharias para serem costuradas. Parte dessas roupas é costurada com máquina de sua propriedade e o restante é repassado a outro(s) trabalhador(es) em domicílio subcontratado(s) por ele próprio. O primeiro trabalhador conseguirá uma margem de lucro ao pagar ao subcontratado uma quantia menor que a recebida pelas malharias que estão no início da cadeia. A ocorrência deste tipo de relação é mais comum com as costureiras que vivem na zona rural e não possuem automóveis. A não disposição dos malharistas em levar e buscar serviços

para essas áreas associada à impossibilidade das costureiras irem para a cidade, criam uma oportunidade de intermediação da produção.

- Para o mesmo tipo de intermediação descrito no item anterior, há pessoas (caso da entrevistada número 8), que se dedicam exclusivamente a esse tipo de negócios, não produzindo nada com máquinas próprias. Nesses casos, elas são responsáveis pela revisão, embalagem e, às vezes, passadoria das roupas.
- Há trabalhadores que pegam serviços para a realização de duas ou mais etapas do processo produtivo. Como esses trabalhadores só executam um desses processos, os vestuários são repassados a outras costureiras que realizem o outro tipo de trabalho. A existência ou não de comissões dependerá do tipo de relação existente entre os trabalhadores.
- Algumas costureiras possuem suas próprias máquinas e, no intuito de conseguir companhia para que o trabalho se torne mais agradável, se juntam num mesmo ambiente para fazerem companhia umas às outras, com cada uma recebendo por aquilo que produz.
- São comuns os trabalhadores que costuram com uma máquina e contratam outros para utilizarem outros equipamentos, também de sua propriedade, pagando a ele uma porcentagem do montante recebido das malharias. Por exemplo: um trabalhador pega serviços de uma malharia por R\$ 0,60 a peça. Ele contrata uma outra pessoa que não possua tal máquina e paga a ela R\$ 0,40 por peça, tendo um lucro de R\$ 0,20. O mais comum nesses casos, é que as máquinas fiquem na residência do proprietário, constituindo uma pequena oficina de costura informal.

Um fato importante é que 95% dos trabalhadores em domicílio realizam os serviços apenas por encomenda. A única exceção encontrada foi a do trabalhador de número 20, possuidor de uma pequena máquina de tecelagem manual, que é utilizada

para a confecção de blusas a serem comercializadas por ele próprio quando faltam outros tipos de serviços.

Em 95% dos casos estudados, os trabalhadores em domicílio possuíam suas próprias máquinas para costura ou tecelagem, sendo que a única exceção foi a entrevistada de número 8.

TABELA 51 – TEMPO, EM ANOS, HÁ QUE OS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO ATUAM NESSE SEGMENTO

Trabalhador(a) em domicílio	Menos de 1	1-5	6-10	11-15	16-20	21-25	26-30
1.			X				
2.	X						
3.		X					
4.			X				
5.				X			
6.						X	
7.						X	
8.						X	
9.					X		
10.							X
11.						X	
12.			X				
13.		X					
14.		X					
15.		X					
16.					X		
17.					X		
18.				X			
19.					X		
20.			X				
Total	5%	20%	20%	10%	20%	20%	5%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

A maioria, dos trabalhadores em domicílio de Socorro, 55%, dedicam-se a esse tipo de trabalho há mais de dez anos, enquanto 25% dos entrevistados atuam nesse ramo há menos de cinco anos (Tabela 50). Percebe-se, desta forma, que apesar de predominarem os trabalhadores mais antigos, a costura doméstica é ainda uma opção de rendimentos para parte da população mais jovem nos dias atuais, ainda que seja menos atraente que no passado

A sazonalidade é um fator de extrema relevância para as empresas do aglomerado produtivo de Socorro e, conseqüentemente, para os trabalhadores inseridos nesse segmento. Nos casos dos operários formais, ao menos teoricamente, os aumentos ou as quedas nas vendas tendem a causar impactos menos significativos para a maior parte deles, pois seus salários são comumente atrelados ao piso da categoria, independentemente da lucratividade das malharias. Apenas nos casos mais extremos, as reduções das vendas interfeririam diretamente em suas vidas profissionais, podendo ocasionar demissões.

Já os trabalhadores em domicílio tendem a sentir com maior facilidade as conseqüências financeiras geradas pelas variações do comércio de tricô, uma vez que seus pagamentos são calculados, na grande maioria das vezes, exclusivamente por produção. É importante destacar que nas relações entre os trabalhadores em domicílio e os contratantes, os acordos são realizados verbalmente e, os valores a serem pagos, assim como os prazos de entrega, são impostos pelos contratantes.

É relativamente alto o número de malharias incapacitadas de fornecer a mesma quantidade de serviços durante todos os meses do ano, sendo, evidentemente, também considerável o número de trabalhadores em domicílio que possuem variações periódicas de serviços disponíveis e conseqüentemente em suas rendas.

Uma estratégia que vem sendo comumente utilizada pelos trabalhadores em domicílio para contornar essa crise é a migração, total ou parcial, do segmento de tricô para a prestação de serviços em roupas e acessórios produzidos com outros tipos de tecidos. Desta forma, é possível dizer que, durante as pesquisas de campo, encontramos três grupos de trabalhadores, a saber:

- Aqueles que trabalham exclusivamente com tricô – nestes casos, determinados trabalhadores possuem serviços durante todo o ano, enquanto outros ficam parados em certas épocas por falta de serviços;
- Aqueles que trabalham simultaneamente com tricô e outros tipos de tecido – esses trabalhadores dedicam-se, predominantemente (não exclusivamente), à costura de tecidos planos durante a baixa estação e prioritariamente ao tricô durante a alta estação;

- Aqueles que trabalham exclusivamente com tricô durante a alta estação e apenas com tecidos planos na baixa estação.

A maior parte dos trabalhadores domésticos, 70%, declarou prestar serviços, com possíveis variações mensais de produção, às malharias retilíneas durante o ano todo. Para 30% dos entrevistados, durante determinados meses, não há serviços de tricô disponíveis, direcionando-os a prestar serviços para confecções de tecidos planos ou, em alguns casos, a ficarem parados por falta de trabalho.

Notamos que 20% das costureiras (as de números 6, 9, 10 e 15), já possuem dois segmentos distintos de atuação durante o ano, trabalhando exclusivamente com tricô no período que antecede o inverno e com outros tipos de malhas nos meses mais quentes. Para 10% dos trabalhadores (14 e 17), a melhor estratégia é trabalhar com ambos os segmentos durante todo o ano, predominando o tricô no inverno e outras malhas no verão. Outros 10% (11 e 19), costuram apenas durante os períodos em que há oferta de serviços de tricô, ficando parados por alguns meses.

Quando questionados sobre os períodos em que há maior oferta de trabalhos em tricô, 90% dos entrevistados citaram os meses de abril, maio e junho, enquanto 15% mencionaram agosto e setembro. Apenas 10% das costureiras possuem uma oferta constante de serviços durante todo o ano, independentemente da época. Isso demonstra que em 90% dos casos, o impacto da sazonalidade nas vendas é sentido pelos trabalhadores com a falta de serviços.

Para 60% dos trabalhadores pesquisados, o tricô é ainda a principal fonte de serviços e renda, mas, para algumas delas, os trabalhos realizados ocasionalmente com outros tipos de tecidos já se tornou uma forma de compensar a irregularidade no fornecimento de serviços em tricô, seja na alta ou na baixa estação.

No intuito de descobrir o tempo médio de dedicação diária dos trabalhadores domésticos às tarefas de costura, indagamos o número de horas por eles trabalhadas a cada dia e, a partir das respostas obtidas, notamos ser impossível revelar números precisos com relação a essa informação, pois diversos fatores determinam constantes variações.

- As quantidades de serviços na baixa e na alta temporada são geralmente diferentes, havendo, no verão, menor quantidade de encomendas.

- Mesmo dentro de uma só temporada, pode haver variações de encomendas, de acordo com os pedidos recebidos pelas malharias.
- O número de horas dedicadas pode variar a cada dia, de acordo com possíveis problemas pessoais, como cuidar de crianças, afazeres domésticos e outros compromissos diversos.

Mesmo impossibilitados de calcular precisamente o tempo de dedicação diária à costura por cada trabalhador, perguntamos a cada um deles o número médio de horas trabalhadas em dias “normais”, ou seja, nos dias em que há oferta de serviços e não ocorra qualquer contratempo.

TABELA 52 – NÚMERO DE HORAS TRABALHADAS DIARIAMENTE PELOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO DE SOCORRO

Trabalhador(a) em domicílio	Baixa estação	Alta estação
1.	8	8
2.	8,5	13,5
3.	10	10
4.	8	8
5.	8	11,5
6.	14	18
7.	6	20
8.	6	6
9.	8,5	8,5
10.	14,5	14,5
11.	variável	18
12.	variável	Até 18h
13.	11	11
14.	8,5	8,5
15.	variável	Até 20
16.	10	10
17.	13	13
18.	9	Mais de 14
19.	8	8
20.	8	12

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

Observa-se na Tabela 51 que, apesar da maior parte dos entrevistados (85%), ter uma estimativa do número de horas trabalhadas diariamente, três deles (15%),

responderam que não seria possível determinar quaisquer números, pois o tempo dedicado ao trabalho a cada dia era muito variável. Por outro lado, essas mesmas pessoas ressaltaram que trabalham mais intensamente entre os meses de março e julho do que em outros períodos do ano.

Para 45% dos trabalhadores há um maior número de horas dedicadas à costura durante a alta estação do que nos meses correspondentes à primavera-verão, demonstrando, mais uma vez, a forte influência da sazonalidade no cotidiano profissional dessas pessoas.

De qualquer forma, o que chama mais a atenção nesses números é a quantidade de horas diárias que um trabalhador pode chegar a costurar, principalmente durante o inverno. Nesse período, 65% dos trabalhadores disseram trabalhar 10 horas diárias ou mais nos momentos de pico de produção, sendo que duas costureiras (10%), disseram trabalhar até dezoito e outras duas até vinte horas num único dia.

A costureira número 15, por exemplo, declarou: “Às vezes acordo às quatro da manhã e vou até a meia noite”.

Mesmo durante a primavera-verão, constatamos que, não raramente, as costureiras podem realizar jornadas de trabalho muito longas, pois 30% delas afirmaram trabalhar dez horas diárias ou mais. Esses números podem sofrer um aumento se considerados os dias mais ocupados das costureiras de números 11, 12 e 15, que trabalham de acordo com a disponibilidade de serviços.

A dedicação à costura em domicílio (para malharias e, em alguns casos, confecções), é fonte exclusiva de renda das trabalhadoras em 90% dos casos, enquanto apenas 10% delas mantêm alguma outra atividade econômica paralela.

Com relação aos rendimentos médios das costureiras, as dificuldades encontradas para a realização de tais cálculos foram ainda maiores do que para verificar os números de horas trabalhadas, uma vez que um maior número de fatores pode interferir, direta ou indiretamente, em seus ganhos.

Faz-se mister, nessa análise, além dos eventos relacionados à sazonalidade e consequentemente às ofertas de trabalho, os seguintes fatores:

- Algumas costureiras somam, em seus rendimentos, os serviços por elas realizados mais as comissões ganhas com as costuras feitas em máquinas de sua propriedade por subcontratadas.

- Há trabalhadores que possuem rendimentos adquiridos graças aos serviços de costura por eles próprios realizados mais as comissões ganhas com intermediações entre as malharias e outras costureiras subcontratadas. Neste caso, os serviços podem ser ou não complementares (realização de diferentes etapas de produção, de modo a entregar a peça pronta ou semi-pronta). A não complementaridade significa que o trabalhador intermediário repassa os mesmos tipos de serviços que ele realiza em máquina própria.
- Os modelos destinados aos trabalhadores pelas malharias contratantes podem variar, assim como a complexidade de execução de cada um deles, alterando a relação “tempo de produção X rendimento”. Podemos citar como, exemplo, o depoimento de uma das costureiras, que disse trabalhar predominantemente com dois modelos. Para o primeiro modelo, ela recebe R\$ 0,40 por peça e é capaz de remalhar cerca de 10 unidades em uma hora; já para a costura do segundo modelo, ela recebe R\$ 0,70 por peça e consegue aprontar cinco peças por hora. No primeiro caso, seus rendimentos chegam a R\$ 4,00 por hora, enquanto no segundo são de R\$ 3,50 durante o mesmo período.
- Há situações em que os preços pagos pelos mesmos tipos de serviços variam durante o ano, com uma tendência de queda na baixa estação, resultado de uma dinâmica de mercado onde há a redução de ofertas de trabalho em relação à mão-de-obra disponível.

Diante da impossibilidade de se chegar a números exatos relacionados aos rendimentos das costureiras, decidimos perguntar os valores aproximados pagos por unidade produzida para os tipos de serviços mais requisitados aos trabalhadores em domicílio, ou seja, overloque e remalhadeira. Nestes casos, não consideramos as relações de intermediação de serviços de costura.

Constatamos que os valores pagos para os serviços de remalhadeira variam entre R\$ 0,20 e R\$ 0,70, dependendo da complexidade do trabalho. Para as peças mais simples, uma costureira, com prática, produz cerca de vinte unidades por hora, enquanto as mais complexas em torno de cinco por hora. Obviamente, esses números variam de acordo com a velocidade de produção de cada trabalhador.

Para as costuras em overloque, os trabalhadores recebem entre R\$ 0,20 e R\$ 0,30 por peça costurada. A única trabalhadora que afirmou receber R\$ 0,20 por unidade, declarou ser capaz de produzir entre vinte e cinco e trinta peças por hora, enquanto todas as outras, que recebem R\$ 0,30 por peça, produzem de quinze a vinte e cinco unidades durante o mesmo período.

Perguntamos aos trabalhadores quais são os membros da família²⁵ que se dedicam a costurar em domicílio. Observamos que 85% dos deles executam seus afazeres sem a ajuda de outros parentes ou de quaisquer pessoas que porventura vivam na mesma residência, enquanto 15% recebem ajuda de filhos, pais ou irmãos.

Dentre as mulheres casadas, nenhuma delas possui o marido dedicado a esse tipo de trabalho, demonstrando que, por questões culturais ou financeiras, o trabalho doméstico não é uma atividade que comumente atrai os chefes de família.

É muito interessante analisar as respostas obtidas quando os trabalhadores foram indagados sobre suas próprias condições de trabalho. A maior preocupação para 40% dos entrevistados são os preços pagos pelos seus serviços, que em suas respectivas opiniões são muito baixos. Segundo alguns depoimentos, tais valores vêm inclusive se reduzindo nos últimos anos.

Para a costureira de número 5, por exemplo, “há quatro anos ganhava-se de R\$0,20 a R\$0,25 só para costura, fora a revisão”. Ela declarou receber, atualmente, R\$0,20 para overlocar e revisar.

Já para a trabalhadora de número 14, atualmente “trabalha-se muito para ganhar pouco”.

A costureira de número 16, por sua vez, declarou que “hoje, ganha-se menos por peça produzida do que antes”.

Foi notório o relativo conformismo com a situação demonstrado em 30% das respostas. Para essas pessoas, suas condições de trabalho estão boas e não precisam ser melhoradas.

A costureira de número 8, por exemplo, disse que para ela não houve redução da oferta de trabalho ultimamente, mas chegou a trabalhar por oito anos sem qualquer aumento. Mesmo assim, ela fez a seguinte declaração: “Não posso reclamar. Ainda bem que tenho serviço”.

²⁵ Perguntamos sobre os familiares que trabalham e vivem juntos, tendo como objetivo o sustento mútuo. Não consideramos, neste caso, situações como a do trabalhador número 1, que se reúne com a mãe e as irmãs para trabalhar, mas, fora do trabalho, possuem vidas independentes, cada uma com suas respectivas famílias.

Dentre todas as costureiras entrevistadas, principalmente aquelas que trabalham informalmente, apenas uma delas (5%), a entrevistada de número 3, respondeu que a melhora que gostaria de ter em seu trabalho seria o registro em carteira.

Concluimos que os benefícios oferecidos pela formalidade do trabalho não é considerado importante pela maioria dos trabalhadores, que vêem o aumento dos preços pagos por produção como prioridade. Nesse sentido, destacamos os depoimentos de duas trabalhadoras:

Para a primeira delas, a costureira de número 1, o pagamento de um plano de saúde seria mais interessante que o registro em carteira. Para ela, a formalização encarece muito os gastos do contratante, em até duas vezes, por isso a preferência pelo plano de saúde.

No segundo caso, a costureira de número 11 credita os baixos preços pagos pelos malharistas às dificuldades que eles enfrentam para vender seus produtos. A trabalhadora indagou: “_se eles não conseguem vender, como vão melhorar para mim”?

É relevante salientar ainda que, para 75% dos trabalhadores, o setor de malharias retilíneas de Socorro tem uma importância fundamental para a economia do município, seja como geradora de empregos ou como fonte de recursos essenciais à dinâmica econômica local. Esse fato é percebido nas diversas declarações obtidas durante o trabalho de campo:

- Costureira 4 – “Sem as malharias de Socorro, não seriam nada (referindo-se às costureiras), não teriam outros empregos”.
- Costureira 5 – “Sem as malharias, não gira Socorro. No inverno, o comércio vende mais graças às malharias”.
- Costureira 6 – “As malharias são muito importantes, as pessoas vivem disso. Os prefeitos não deixam outras empresas se instalarem”.
- Costureira 7 – “Tem muita gente que depende das malharias em Socorro”.
- Costureira 8 – “Apesar de ganhar pouco, o custo de vida da cidade é baixo e os ganhos das malharias são suficientes”.
- Costureira 10 – “Se não fossem as malharias, quantas pessoas não estariam desempregadas”?

- Costureira 11 – “Sem as malharias, como é que a gente vai ter serviço”?
- Costureira 12 – “São importantes para a geração de empregos na cidade”.
- Costureira 13 – “É mais fácil nós, mulheres, arrumarmos empregos que os homens”.
- Costureira 14 – “Gera um pouco mais de empregos. Não tem outro serviço na cidade, muito pouco”.
- Costureira 15 – “É importante para a geração de empregos na cidade”.
- Costureira 16 – “As malharias são tudo para Socorro”.
- Costureira 17 – “Não há outra fonte de emprego. A malharia parou, pára a cidade”.
- Costureira 19 – “É o que gera emprego na cidade. Quando há queda nas vendas, todo o comércio da cidade sente”.
- Costureiro 20 – “É a principal fonte de empregos e renda da cidade”.

O que se percebe ao verificar essas declarações é um forte sentimento entre os trabalhadores em domicílio com o setor de malharias retilíneas, considerado por eles como fundamental gerador de recursos para eles e para o município como um todo. Esse sentimento de pertencimento e dependência a uma determinada estrutura sócio-econômica nos remete às descrições feitas por Becattini (1994), sobre os distritos industriais do tipo Marshalliano.

Quando questionados sobre os principais problemas enfrentados pelas malharias retilíneas de Socorro na atualidade, em seus respectivos pontos de vista, a maior parte dos entrevistados demonstrou muita insegurança ao responder.

TABELA 53 - PRINCIPAIS PROBLEMAS ENFRENTADOS PELAS MALHARIAS RETILÍNEAS SEGUNDO A OPINIÃO DOS TRABALHADORES EM DOMICÍLIO

Trabalhador(a) em domicílio	Não há problemas	Clima	Preço do fio	Não sabe	Concorrência	Outros
1.					X	
2.					X	
3.						X
4.		X				
5.						X
6.						X
7.		X				X
8.	X					
9.						X
10.		X				X
11.				X		
12.				X		
13.			X			
14.		X				
15.				X		
16.						X
17.			X			X
18.		X				
19.		X				
20.		X				
Total	5%	35%	10%	15%	10%	40%

Fonte: Pesquisa de campo – 2007
Organização: Valter Alexandre de Oliveira

De acordo com a tabela 53, o único fator que parece chamar mais a atenção dos trabalhadores são as mudanças climáticas, sendo citado por 35% dos entrevistados. Os preços das matérias-primas e a concorrência foram mencionados em 10% das respostas, enquanto nenhum outro item obteve mais que uma alusão.

Diante das incertezas transpassadas pela maior parte dos trabalhadores, numa tentativa de simplificação, perguntamos a alguns deles suas respectivas opiniões em relação às tendências do setor, tendo como base as variações de oportunidades de trabalho nos últimos anos. Através de alguns depoimentos, é possível notar muitas similaridades entre suas opiniões:

- Para a trabalhadora de número 3, os empresários deveriam mudar o foco produtivo através da mudança do tipo de matérias-primas utilizadas. “Não faz mais frio, deveria parar de insistir com lã”.

- “Nos últimos anos diminuiu a oferta de trabalho com tricô e ganhos” (trabalhadora de número 5).
- “O tricô diminuiu de quatro anos para cá” (trabalhadora de número 7).
- “Nos últimos anos tem diminuído o tricô” (trabalhadora de número 10).
- “Há uma diminuição de tricô de três anos para cá” (trabalhadora de número 13).
- “Há uma diminuição de anos para cá da oferta de trabalho. O tricô está diminuindo” (trabalhadora de número 14). Neste caso, a costureira já está trabalhando com tecidos para suprir a falta de tricôs.
- Para a costureira de número 15, não houve variação das oportunidades de trabalho, incluindo os tecidos planos, mas houve uma redução dos serviços de tricô.
- “As malharias vêm piorando nos últimos anos” (trabalhadora de número 16).
- Para a trabalhadora de número 19, houve uma redução de serviços nos últimos três anos.
- Para o trabalhador de número 20, a oferta de serviços de tricô diminuiu cerca de 30% nos últimos anos.

Constatamos que em todas as respostas há uma percepção negativa pelos trabalhadores quanto às tendências do setor de malharias retilíneas, pois, para eles, vem ocorrendo uma constante redução das ofertas de serviços e dos valores pagos aos trabalhos de costura.

A atuação do Sindicato dos Trabalhadores local, nos últimos quatro anos, tem sido positiva em relação à redução da informalidade dentro das malharias, garantindo o registro em carteira e o pagamento do piso para a maioria dos trabalhadores da categoria. Por outro lado, observamos a inexistência de quaisquer ações relacionadas à melhoria das condições de trabalho dos trabalhadores em domicílio, que se mantêm irregulares e inadequadas.

O maior desafio, contudo, não se restringe à atuação do Sindicato em detectar os trabalhadores domésticos e punir os contratantes irregulares, ação que poderia comprometer a própria existência de algumas empresas. A manutenção da competitividade, principalmente das malharias de menor porte, está muitas vezes relacionada aos baixos custos da mão-de-obra informal.

A solução deste problema deve partir de ações conjuntas entre instituições, empresários e o próprio Sindicato que visem traçar planos de desenvolvimento para o setor, tornando-o capaz de regularizar os trabalhadores em domicílio sem comprometer a competitividade das malharias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos analisar, nesta dissertação, os fatores históricos e geográficos que determinaram o surgimento e a evolução do APL de malharias retilíneas do município de Socorro, bem como compreender os sistemas de relações de produção, formais e informais, internos e externos, presentes no mesmo.

Foi a partir de uma combinação de acontecimentos econômicos e sociais no final dos anos de 1960, associadas à localização geográfica do município, que se iniciou a cultura do tricô em Socorro, uma cidade até então essencialmente agrícola.

Após a iniciativa de dois empresários socorrenses em tornarem-se revendedores de uma marca de máquinas de costura na cidade, num período caracterizado por diversas dificuldades econômicas, articulou-se um sistema de produção de vestuários organizado, inicialmente, por mulheres. Os consideráveis ganhos proporcionados pela atividade, praticada a princípio de modo totalmente informal, além de atrair a participação da mão-de-obra masculina, estimulou, em pouco tempo, a criação das primeiras empresas formalizadas, dando continuidade ao desenvolvimento do setor industrial que ainda se mantém como o mais dinâmico da cidade.

A multiplicação das malharias, formais e informais, decorreu, predominantemente, graças ao desenvolvimento e a disseminação de um conhecimento tácito, resultante de um sistema de inter-relações econômico-sociais que capacitou novos empreendedores e configurou um processo de *spin off*.

O APL de Socorro sempre teve, como um de seus sustentáculos, os trabalhadores informais, atuando como prestadores de serviços às empresas maiores ou produzindo mercadorias em pequenas estruturas montadas, comumente, em suas próprias residências.

As transformações econômicas ocorridas no Brasil, principalmente a partir da década de 1990 determinaram, em Socorro, a reprodução de uma tendência na era da globalização: a **concentração produtiva**.

A capacidade de adaptação às constantes mudanças de mercado por diversos empresários locais, marcadas principalmente pelas necessidades de investimentos em tecnologia, determinou a manutenção e/ou o aumento da competitividade de suas respectivas empresas, muitas das quais expandindo seus mercados e lucros. Concomitantemente, observa-se uma tendência de redução do número de empresas formais e das malharias de “fundo de quintal” que, sem a mesma habilidade ou

condições em adaptar-se às novas situações, tornaram-se menos competitivas, sendo obrigadas, muitas vezes, a encerrar suas atividades.

Além disso, diferentemente das décadas de 1970 e 1980, a relação entre os atuais níveis salariais dos trabalhadores em domicílio ou dos funcionários das malharias e os investimentos necessários para a abertura de empresas próprias (apenas uma máquina de tecelagem eletrônica pode custar cerca de R\$140.000,00), tornaram inviáveis o processo de *spin off*.

Desta forma, percebe-se uma **redução quantitativa**, mas uma **evolução qualitativa das estruturas produtivas locais**.

Deve-se ressaltar, porém, que apesar da modernização do setor produtivo ter possibilitado o aumento da produtividade e a melhora da qualidade das mercadorias, o aproveitamento dos recursos das máquinas pode ser otimizado, ou seja, o empresariado local não está, ainda, plenamente capacitado a produzir e/ou comercializar mercadorias com maior valor agregado possíveis de serem obtidos com a estrutura disponível.

Atualmente, os trabalhadores em domicílio dedicam-se, predominantemente, à prestação de serviços de costura subcontratados às empresas formais de maior porte, que ainda utilizam essa estratégia visando reduzir os custos de produção. Esse tipo de trabalho informal mantém-se apesar da instalação do Sindicato dos Trabalhadores local em 2005, uma vez que as ações da instituição ainda não abrangem os trabalhadores em domicílio, concentrando-se apenas nas fábricas.

O emprego de trabalhadores não registrados dentro das malharias (tipo de relação que vem sendo reduzida nos últimos anos), ou de mão-de-obra doméstica, tem como principais justificativas a sazonalidade do ramo de vestuários e os altos encargos trabalhistas.

A contribuição para o rombo do sistema de seguridade social brasileiro e a impossibilidade de usufruir dos benefícios garantidos por lei pelos trabalhadores, são os principais problemas gerados pela não formalização dessa mão-de-obra.

As condições de trabalho das costureiras, principalmente aquelas que prestam serviços em suas próprias residências são, na maioria das vezes, inadequadas, seja por causa da infra-estrutura improvisada ou pelo excessivo número de horas dedicadas à produção.

Observamos que durante o período da alta estação, 40% das malharias socorrenses, principalmente aquelas que possuem 6 empregados ou menos, empregam um número de subcontratados informais maior que o de funcionários formais, enquanto

outros 10% possuem, aproximadamente, uma quantidade de funcionários registrados equivalente ao de não registrados.

Desta forma concluímos que cerca de metade das empresas possui ao menos metade de sua mão-de-obra atuando ilegalmente entre os meses de fevereiro e julho. Cabe destacar, contudo, que **esses números relacionam-se à quantidade de empresas e não ao número total de funcionários atuantes no setor em Socorro.**

O principal argumento utilizado pelos empresários é o de que a formalização de todos os trabalhadores aumentaria muito os custos de produção, impossibilitando-os de concorrer com outras empresas da própria cidade ou mesmo de outras regiões que utilizam mão-de-obra informal. Num panorama onde nota-se que a utilização de trabalhadores não registrados é mais uma regra que uma exceção em diversos aglomerados de produção de vestuários brasileiros, Selingardi Pinheiro (1993); Oliveira (2004); Matushima (2005); Fuini (2007), os gastos produtivos tornam-se fatores competitivos muito relevantes, ainda mais quando o principal atrativo das mercadorias são os baixos preços.

Por outro lado, a manutenção de trabalhadores em domicílio sem registro é uma ameaça em potencial ao empresariado de Socorro. Considerando que 55% desses prestadores de serviços atuam de modo informal há mais de 10 anos, alguns deles trabalhando, eventualmente, por 20 horas diárias, uma suposta ação trabalhista poderia onerar significativamente os malharistas, principalmente aqueles proprietários das empresas de menor porte.

Durante a pesquisa de campo, constatamos que uma das estratégias utilizadas pelos empresários para evitar que esses tipos de ações legais ocorram, é um suposto sistema de inter-relacionamento entre os malharistas que “espalham” a notícia de trabalhadores que entram com um processo na justiça. Dessa forma, existe a ameaça de que tal trabalhador não conseguiria mais trabalho na cidade, mesmo junto a outras empresas.

A inserção dos produtos socorrenses num mercado de maior valor agregado, no qual os lucros gerados tendem a ser maiores, poderia, além de beneficiar o desenvolvimento das empresas, capacitar os malharistas a formalizar uma proporção maior da mão-de-obra empregada.

O sucesso do APL está, certamente, relacionado à localização geográfica do município, o qual encontra-se inserido no Circuito das Malhas e próximo à capital

paulista, tornando esse fator uma vantagem comparativa. A influência de São Paulo no arranjo de Socorro foi, e ainda é evidente em diversas formas de análise, a saber:

- As primeiras técnicas de produção, apesar de terem se desenvolvido em Socorro a partir de 1968, não são de origem local, mas provenientes da cidade de São Paulo.
- As empresas fornecedoras das primeiras máquinas de costura vendidas na cidade, assim como de diversos equipamentos utilizados atualmente, são comercializadas por empresas paulistanas.
- São Paulo é um dos principais fornecedores de alguns tipos de matérias-primas para os revendedores locais, principalmente as utilizadas na fase de acabamento dos vestuários e acessórios.
- O principal mercado consumidor dos produtos fabricados em Socorro é a cidade de São Paulo.
- Para o desenvolvimento de modelos de roupas, assim como para a manutenção de equipamentos há, muitas vezes, a contratação de profissionais residentes em São Paulo.

Consideramos igualmente importante, a inserção de Socorro no Circuito das Malhas, municípios com os quais são mantidos diversos tipos de relações de interdependência, principalmente no que se refere a mão-de-obra, compras de matérias-primas e mercado consumidor. A popularidade em nível nacional dos produtos fabricados nessa região, principalmente em Jacutinga e Monte Sião, favorece a divulgação das mercadorias produzidas e comercializadas em Socorro. A implantação de estratégias de divulgação e comercialização conjuntas entre os municípios do Circuito das Malhas poderia contribuir para o desenvolvimento dessas localidades.

Além da localização, é também notória a presença de outras vantagens comparativas locais, como a infra-estrutura, o capital humano (conhecimentos, habilidades e competências das pessoas), o capital social (ainda que o nível de cooperação e confiança

sejam relativamente baixos), a cultura empreendedora de parte dos empresários locais e a participação, ainda que deficitária, de instituições públicas e privadas no sistema produtivo. A comercialização dos produtos é ainda beneficiada pelo grande fluxo de turistas na região dos Circuitos das Malhas e das Águas Paulista, consumidores em potencial das mercadorias.

Os fatores mencionados, entre outros, determinam a manutenção de uma identidade local, resultante de uma “atmosfera produtiva” construída e desenvolvida historicamente por um sistema de inter-relações sociais, econômicas, institucionais e culturais.

O empresariado socorrense obteve um relativo grau de sucesso nas últimas quatro décadas, resistindo e crescendo frente às diversas reestruturações político/econômicas em escalas nacional e internacional, dentre elas a falência do modelo “fordista” durante as décadas de 1970 e 1980, a abertura do mercado nacional no início dos anos de 1990 e as constantes necessidades de investimentos na modernização tecnológica.

Por outro lado, notamos que, atualmente, encontra dificuldades para adequar-se às novas condições impostas por um mercado mais globalizado, no qual os produtos chineses surgem como fortes concorrentes e as mudanças climáticas tornam-se um fator com grande relevância num setor que produz, predominantemente, vestuários próprios para o frio. Neste sentido, foi detectado que algumas empresas estão descobrindo novos “nichos” de mercado, passando a produzir mercadorias de tecidos planos, principalmente durante a baixa estação.

Nesse panorama, tornam-se essenciais ações que visem a criação de um sistema de cooperação inter-empresarial, capaz de superar a cultura de individualismo predominante, a fim de buscar estratégias para enfrentar os novos desafios e, por conseguinte, reforçar a competitividade do APL como um todo.

Essas iniciativas devem partir não apenas de órgãos especializados, mas especialmente dos próprios malharistas. A necessidade da conscientização do empresariado local sobre a importância de um sistema cooperativo nos pareceu evidente em duas situações: o fracasso obtido pela Associação Empresarial após a tentativa de implantar o projeto “Empreender” entre os malharistas, uma vez que o mesmo plano vem obtendo sucesso em outros setores; e às próprias declarações dos empresários sobre a desunião entre os mesmos.

Paralelamente, diversos fatos evidenciam o baixo nível de integração entre instituições diversas e as malharias de Socorro. A escola profissionalizante do SENAI instalada no município, por exemplo, mesmo trabalhando com a formação de mão-de-

obra especializada em costura desde 1998, procurou estabelecer algum tipo de contato com as malharias locais apenas em maio de 2008, ou seja, 10 anos após o início de suas atividades. Para que os cursos oferecidos por esse órgão público capacitem adequadamente seus alunos, contribuindo de forma concreta para o desenvolvimento do APL, é fundamental que se construa e consolide um sistema de troca de informações entre a instituição e as empresas.

A Prefeitura Municipal, excetuando-se algumas ações isoladas, não possui quaisquer planos de desenvolvimento de médio e longo prazo para o setor.

A criação de um Distrito Industrial especializado para as malharias, promessa de campanha do atual prefeito segundo os empresários, contribuiria de forma significativa para o desenvolvimento do APL. Primeiramente, porque um aglomerado de malharias com lojas de fábrica, por si só, caracterizar-se-ia como um ponto turístico atraente, ainda mais numa cidade do Circuito das Malhas. Em segundo lugar, por que a concentração geográfica das empresas poderia estimular o desenvolvimento de um sistema de trocas de informações entre os empresários, além de intensificar as relações de cooperação entre os mesmos, contribuindo para a evolução de um conhecimento tácito.

Atualmente, nota-se que o principal foco da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura local é relativo ao desenvolvimento do setor de turismo. Uma das razões é a influência exercida pelo COMTUR²⁶, uma comissão representativa formada por empresários atuantes de forma direta ou indireta no segmento. Segundo Jesse Zerlim, membro do conselho, participam deste grupo representantes dos setores de gastronomia, hotelaria, artesanato, cultura e esportes de aventura, além dos poderes executivo e legislativo municipais. O Sr. Zerlim destacou que, apesar de diversos convites terem sido realizados, não há nenhum representante do setor de malharias no grupo.

Percebemos que, dentro do projeto de desenvolvimento e divulgação do turismo, as malharias são reconhecidas como “mais uma das atrações” de Socorro, e recebem o mesmo destaque de outros segmentos com menor importância econômica.

Faz-se necessário, desta forma, uma organização, entre os malharistas, para a criação de um grupo que busque representar e defender os interesses dos empresários

²⁶ Conselho Municipal de Turismo

desse ramo junto à esfera política e a outros setores econômicos locais, com o intuito de criar parcerias que se traduzam em desenvolvimento.

Um projeto específico para as malharias, ou mesmo uma parceria mais consistente com o setor de turismo poderia resultar numa simbiose benéfica para ambos os setores no que concerne à divulgação de suas respectivas atividades.

É fundamental, por fim, a intensificação das ações da Associação Empresarial local e, principalmente, da Prefeitura Municipal, no sentido de aprofundar as **relações de cooperação** no APL e estimular o crescimento do setor, refletindo no desenvolvimento sócio-econômico da população socorrense com a geração de empregos e rendas.

Bibliografia

ABREU, A.R.P. **O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção.** São Paulo: Hucitec, 1986, 302p.

_____; SORJ, B. **O trabalho invisível: estudos sobre trabalho a domicílio no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1993.

ARAÚJO, F. **Relação entre melhoria contínua e o sistema de avaliação de desempenho: estudo de caso em malharias retilíneas.** Universidade Federal de Itajubá, 2005, 99f. (Dissertação de Mestrado).

BAGNASCO, A. Desenvolvimento regional, sociedade local e economia difusa. In: COCCO, G.; URANI, A.; GALVÃO, A.P. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 269p.

BECATTINI, G. O distrito *Marshalliano*: uma noção socioeconômica. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. **As regiões ganhadoras: distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica.** Portugal, Oeiras: Celta Editora, 1994. p. 19-32.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI.** São Paulo: Hucitec, 1996.

BERNARDES, R.; PINHO, M. Inovação e aprendizagem nas micro, pequenas e médias empresas do arranjo aeronáutico de São José dos Campos. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

CAMPOS, R. et alli. Aprendizagem por interação: pequenas empresas em sistemas produtivos e inovativos locais. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

CARLOS, A.F.A. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996, 150p.

CARREIRA, S.S. **Análise dos fatores de sucesso das empresas no ramo de confecções na região noroeste do Paraná – “corredor da coda” período 1990 a 2000,** Florianópolis, 2001 UFSC 177 p.

CASSIOLATO, J.E.; LASTRES, H.M.M. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

CASSIOLATO, J.E.; SZAPIRO, M. Uma caracterização de arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CATOLINO, M.V. **Proposta de controladoria para indústrias de confecções de porte médio como suporte ao processo de gestão.** Florianópolis: UFSC, 2002, 138p.

COCCO, G.; GALVÃO, A.P. Sobre a “tropicalização” do desenvolvimento local: algumas reflexões a respeito do modelo italiano. In: SILVEIRA, C.M. & COSTA REIS, L. (Orgs). **Desenvolvimento local: dinâmicas e estratégias.** Rio de Janeiro: Rits, 2001.

COCCO, G. et alli. Desenvolvimento local e espaço público na terceira Itália: questões para a realidade brasileira. In: COCCO, G.; URANI A; GALVÃO A. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da terceira Itália.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____; GALVÃO, A.P. Sobre a tropicalização do desenvolvimento local: algumas reflexões a respeito do modelo italiano. . In: I Seminário Nacional, 2001, Rio de Janeiro **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Dlis, 2001. Disponível em: <http://www.rededlis.org.br> Acesso em 1 Jul. 2005

COELHO, F. Desenvolvimento local e construção social: o território como sujeito. In: I Seminário Nacional, 2001, Rio de Janeiro **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Dlis, 2001. Disponível em: <http://www.rededlis.org.br> Acesso em 1 Jul. 2005

COM 1/3 da renda nacional, setor informal resiste à retomada. **Folha de São Paulo:** 10.jan. 2005. Disponível em <http://www.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/primeiro/niticias/ge231204.htm#1>. Acesso em 30/03/2007.

CROCCO, M.; SANTOS, F.; LEMOS, M. B. **Arranjos produtivos locais em 'espaços industriais' periféricos:** estudo comparativos de dois casos brasileiros. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2002 (Texto para Discussão n. 182).

DATAPREV na imprensa. **Jornal O Globo.** Rio de Janeiro, 17 dez. 2007.

DE VIZIA, B. Brasil tem mais de 10 milhões de empresas na informalidade. **Ipea.** 06 out. 2006. Disponível em http://www.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD_CHAVE=1354. Acesso em 30/03/2007.

DIRETO da fonte – informalidade ou crescimento. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 07 jun. 2004. Disponível em <http://clipping.planejamento.gov.br/Noticias.asp?NOTCod=128020>. Acesso em: 30 mar. 2007.

DUTRÈNIT, G. Desafios y oportunidades de las pequeñas y medianas empresas para su integración a redes de proveedores: la maquila de autopartes em el norte de Mexico. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local.** Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

FUINI, L.L. **A dinâmica territorial do mercado de trabalho:** um estudo de arranjos produtivos locais. Rio Claro: UNESP, 2007, 124 p. (Dissertação de Mestrado).

GALVÃO, O.J.A, "Clusters" e Distritos Industriais: um estudo de caso em países selecionados e implicações de políticas. In: **Planejamento e Políticas Públicas**. n. 21 IPEA, Brasília, junho 2000.

GONÇALVES, M.A.; THOMAZ JUNIOR, A. Informalidade e precarização do trabalho: uma contribuição a geografia do trabalho. **Scripta Nova. Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales**. Universidad de Barcelona. v.6, n. 119 (31), 1 de agosto de 2002.

HOWELLS, J.R.L. **Tacit knowledge, innovation and economic geography**. Urban Studies 395, pp. 871–884, 2002.

INDÚSTRIA de tricô assegura 20% da receita de Monte Sião. **Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 20 mar. 1978.

ITANI, A. **Subterrâneos do trabalho**: imaginário tecnológico no cotidiano. São Paulo: Hucitec, 1997, 252p.

KNUTH, K.R. **Gestão ambiental**: um estudo para o setor têxtil . Florianópolis, SC: UFSC, 2001 (Dissertação de Mestrado).

LABEGALINI, José Ayrtton. Evolução do tricô no circuito das malhas. **Acims News**. Monte Sião, ano VIII, n. 113, p.6-7, out. 2004.

LAVINAS, L. et alii **Trabalho a domicílio**: novas formas de contratualidade. Rio de Janeiro, 2000 texto para discussão IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

LEMONS, M.B.; SANTOS, F.; CROCCO, M. Condicionantes territoriais das aglomerações industriais sob ambientes periféricos. In: Diniz, C.C.; Lemos, M.B. (org). **Economia e Território**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2005.

LENCIONI, S. Mudanças na Metrópole de São Paulo (Brasil) e Transformações Industriais. **Revista do Departamento de Geografia** n.12, p. 27-42, Rio Claro: UNESP, 1998.

LUJA, M. Capital Nacional das Malhas: Como tudo começou. **ACIJA News**. Jacutinga, ano I, n. 5, p.11, mai.-jun. 2006.

MACHADO, S.A. **Dinâmica dos arranjos produtivos locais**: um estudo de caso em Santa Gertrudes, a nova capital da cerâmica brasileira. São Paulo: USP, 2003, 146p. (Tese de doutorado).

MARTINS, H.S.; RAMALHO, J.R. **Terceirização**: diversidade e negociação no mundo do trabalho. São Paulo: Hucitec, 1994, 237 p.

MATUSHIMA, M.K. **Especialização produtiva e aglomeração industrial: uma análise da indústria de confecções de Ibitinga, SP**. Rio Claro, SP: UNESP, 2005, 183 p. (Dissertação de Mestrado).

MAIA, C.E.S. Informalidade e ilegalidade: faces e disfarces na economia urbana. **Boletim Goiano de Geografia**. 19(2): 99-117, jan./dez. 1999.

MENDES, A.A. **Reestruturações locais como efeitos da globalização econômica: uma análise da estrutura produtiva mutante do pólo têxtil de americana**. Rio Claro, S.P.: IGCE, UNESP, 1997 (Tese de Doutorado).

_____. Reestruturações Locais Como Efeitos da Globalização Econômica: uma análise da estrutura produtiva do pólo têxtil de americana, S.P.**Geografia**, v.. 27(3), p. 87-100, 2002.

MONTE Sião abre esta semana sua I Exposição de tricô. **Jornal o Globo**. Rio de Janeiro, p.29, 07 set.1973.

Monte Sião cresce com pequeno empresário do tricô. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro 11 nov.1984.

NERY, M.G.S. **O pólo calçadista de Itapetininga (BA): um estudo das relações produtivas e dos aspectos políticos do espaço industrial**. Rio Claro, SP : UNESP, 2003, 233p. (Dissertação de Mestrado).

OLIVEIRA, I.P. **Indústria Informal de Confecções e Mercado de Trabalho: Um estudo sobre a grande Natal (1997-2003)**. Natal, RN: UFRN, 2004, 209p. (Dissertação de Mestrado).

O presidente e a previdência . **Jornal O Estado de São Paulo**, Caderno B2. São Paulo 20 Dez. 2006.

PIETROBELLI, C. A evolução dos regimes tecnológicos dos distritos industriais: Itália e Taiwan. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

PRECURSORAS das Malharias. **A Gazeta de Jacutinga**. Jacutinga, p.13 16 set. 2001.

RAMOS, L. **A evolução da informalidade no Brasil metropolitano: 1991-2001**. Disponível em http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_019l.pdf. Acesso em 5 Mar. 2007.

RAUD, C. **Indústria e meio-ambiente no Brasil: perspectivas de industrialização descentralizada a partir da análise da experiência catarinense**. Florianópolis, Editora da UFSC, 1999. 276p.

RECH, S. R. **Qualidade na criação e desenvolvimento do produto de moda nas malharias retilíneas**. 2001. Dissertação (Doutorado em Engenharia de Produção) – Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001

RIGIDEZ de leis estimula informalidade no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 jan. 2005. Disponível em <http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/primeiro/noticias/ge231204.htm#1>. Acesso em 30 mar. 2007.

SANTOS, F.; CROCCO, M.; LEMOS, M. Arranjos e sistemas produtivos locais em “espaços industriais” periféricos: estudo comparativo de dois casos brasileiros. Texto para discussão n° 182, UFMG Belo Horizonte: 2002.

_____. As micro, pequenas e médias empresas em espaços industriais periféricos: estudo comparativo entre APLs de subsistência e centro-radial. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

SANTOS, G.A.G.; DINIZ, E.J.; BARBOSA, E.K. Aglomerações, arranjos produtivos locais e vantagens competitivas locais. In: BNDS – Banco de Desenvolvimento Econômico e Social. **Arranjos Produtivos Locais e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Área de Planejamento e Departamento de Produtos – DEPRO, 2004.

_____. Arranjos produtivos locais, política industrial e desenvolvimento. In: BNDS – Banco de Desenvolvimento Econômico e Social. **Arranjos Produtivos Locais e Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Área de Planejamento e Departamento de Produtos – DEPRO, 2004.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1979 – 345 p.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001, 174p.

SEBRAE. Termo de referência para atuação do sistema. In: SEBRAE . **Arranjos Produtivos Locais**. Brasília, DF: SEBRAE: 2003.

SILVEIRA, C. M. Desenvolvimento local: marcos conceituais e históricos. In: Rede Dlis, 2001, Recife. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Dlis, 2001 Disponível em: <http://www.rededlis.org.br> Acesso em 1 Jul. 2005.

SILVEIRA, M.S.; BOCAYUVA, C. Desenvolvimento local e sustentável: enfoque estratégico e construção de indicadores. IN REDE Dlis, 2001, Recife. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Dlis,2001 Disponível em: <http://www.rededlis.org.br> Acesso em 1 Jul. 2005.

SOUZA, M.C.A.F.; et alii Perspectivas para uma atuação competitiva das pequenas empresas no contexto econômico atual. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

SUZIGAN, W.; GARCIA, R.; FURTADO, J. Aprendizagem por interação: pequenas empresas em sistemas produtivos e inovativos locais. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

TRICÔ afasta desemprego e recessão de cidade mineira. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 08 ago.1991.

VALÈRE, O.T.H. O desenvolvimento: indicadores e tentativa de avaliação. **Revista Geografia**, São Paulo, 14: 79-114, 1997.

VÁZQUES BARQUERO, A. V. **Desenvolvimento endógeno em tempo de globalização**. Porto Alegre, RS: Fundação de Economia e Estatística, 2001. 280p.

VILLASCHI, A. Competitividade finlandesa e fomento a pequenas e médias empresas: raízes históricas para sucessos no presente. In: LASTRE, H.M.M.; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003. 556p.

Sites consultados:

www.previdenciasocial.gov.br/pgsecundarias/beneficios.asp

www.singer.com.br/institucional/historia

ANEXO I

Nome: Valter Alexandre de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes
UNESP – Departamento de Geografia

Data __/__/____
Entrevistado _____
Telefone _____
e-mail _____

Empresa

1. Nome (Razão Social): _____

2. Endereço: _____

3. Data de fundação: _____

4. A empresa é:
 matriz filial

5. Possui outros estabelecimentos industriais?
 sim não

Quantos? _____

Onde se localiza (m)? _____

6. Possui estabelecimentos comerciais?
 sim não

Quantos? _____

Onde se localizam? _____

A empresa atua:

- no domicílio do empresário
- fora do domicílio do empresário
- dentro e fora do domicílio

7. Origem dos capitais:

- () Locais.
() Nacionais. Especificar: _____
() Estrangeiros. Especificar: _____
() Mistos. Especificar: _____

Empresário

8. Local de nascimento _____

9. Atividade anterior? () sim () não.
Qual? _____

10. Além da malharia, o empresário mantém outra(s) atividade(s) econômica(s)?

() sim () não

Qual(is)? _____

11. Por que investiu no setor de confecções? _____

Tecnologia

12. A tecnologia empregada é moderna ou antiga? Especifique. _____

13. A empresa possui ISO 9000, ISO 14000? Especifique _____

14. A empresa utiliza computadores? () sim () não.

Em quais setores?

- () Produtivo
() Administrativo
() Design
() Outros setores.

Especifique _____

15. Sobre as máquinas utilizadas pela empresa:

Quantas máquinas computadorizadas? _____

Quantas máquinas mecanizadas? _____

Quantas máquinas manuais? _____

16. As máquinas são predominantemente:

- Nacionais. De que cidades? _____
 Importadas. De que países? _____

17. As máquinas foram adquiridas:

- todas novas
 todas usadas
 predominantemente novas
 predominantemente usadas

18. Quais as razões dos investimentos em novas máquinas?

- redução de custos
 melhorar a qualidade dos produtos
 aumentar a produtividade
 produzir para mercados mais específicos

Mão-de-obra

19. Número de pessoal ocupado:

Administração: _____ Homens: _____ Mulheres: _____
Produção: _____ Homens: _____ Mulheres: _____

20. Qual a média salarial para a produção?

- até 1 salário
 de 1 a 3 salários
 de 3 a 5 salários
 acima de 5 salários

21. Qual a média salarial para a administração?

- até 1 salário
 de 1 a 3 salários
 de 3 a 5 salários
 acima de 5 salários

22. Tem havido mudanças no número de funcionários da fábrica nos últimos anos?

- sim não
 Demissões
 Contratações

Quantas? _____ Por que? _____

23. Há tarefas específicas para homens e mulheres? () sim () não
Quais? _____

24. Há contratações de mão-de-obra temporária dentro da empresa?
sim() não ()

Em que período?

- () o ano todo
- () de Janeiro a Março
- () de Abril a Junho
- () de Julho a Setembro
- () de Outubro a Dezembro

25. Há necessidade de mão-de-obra especializada?
() sim () não

Quais as especialidades? _____

26. Onde a mão-de-obra especializada é encontrada?

- () no município
- () no circuito das malhas
- () em outros municípios do estado. Mencionar: _____
- () em São Paulo capital
- () fora do estado. Mencionar: _____

27. Onde são encontradas escolas e/ou instituições voltadas à especialização do trabalhador?

- () no município
- () no circuito das malhas
- () em outros municípios do estado
- () em São Paulo capital
- () fora do estado

Matérias-Primas

28. Principais matérias-primas empregadas: _____

Qual(s) a(s) origem da(s) matéria(s)-prima(s)?

- no município
- no circuito das malhas
- em outros municípios do estado
- em São Paulo capital
- fora do estado

Mercados

29. Quais são os principais produtos fabricados? _____

30. Houve mudanças dos tipos de produtos fabricados desde a fundação da empresa? sim não

Quais foram as principais causas?

- moda
- tecnologia
- concorrência
- outras. Quais? _____

31. Principais clientes:

- pessoas
- lojas
- distribuidores
- instituições públicas
- outros (especificar) _____

32. Principais mercados:

- local
- regional. especificar: _____
- nacional
- estrangeiro

33. Público alvo (assinalar mais de uma opção caso a empresa atue em mais de um segmento):

- moda infantil
- moda infanto-juvenil
- masculino
- feminino
- terceira idade

34. A empresa possui:
- um cliente único
 - um cliente principal e outros menores
 - uma clientela fixa
 - uma clientela variada
 - clientelas fixa e variada

Localização

35. Por que a indústria está instalada nesse município? _____

36. Houve mudança de endereço depois da instalação?
 sim não

37. Vantagens locacionais: _____

38. Desvantagens locacionais: _____

39. Há apoio de instituições e/ou do poder público? Quais instituições? Que tipo de apoio? _____

Relações de Produção

40. A produção é realizada em:

- série
- por encomenda
- porem série e por encomenda

41. Quais são as etapas da produção realizadas pela empresa? _____

42. A empresa **subcontrata** outras?
 sim não

Para que tipo de serviços? _____

Onde estão localizadas as empresas subcontratadas? _____

Qual o período? _____

43. Qual a porcentagem da produção realizada pela empresa na alta estação?

- nenhuma
- menos de 50%
- cerca de 50%
- mais de 50%
- 100%

44. Qual a porcentagem da produção realizada pela empresa na baixa estação?

- nenhuma
- menos de 50%
- cerca de 50%
- mais de 50%
- 100%

45. A empresa é **subcontratada** por outras?

- sim não

Se sim, a empresa realiza quais etapas da produção? _____

46. Onde se localiza(m) a(s) empresa(s) contratante(s)?

- no município
- no circuito das malhas
- em outros municípios do estado. Mencionar: _____
- em São Paulo capital
- fora do estado. Mencionar: _____

47. A empresa subcontrata trabalho a domicílio (costureiras)?

- sim não

Em que período?

- na alta estação
- na baixa estação
- durante todo ano

Quantas? _____

48. Onde se localizam?

- no município
- no circuito das malhas
- em outros municípios do estado
- em São Paulo capital
- fora do estado

49. Quais os trabalhos por elas realizados?

- confecção da peça inteira
- remalhadeira
- costura
- bordado
- acabamento
- overloque
- tecelagem
- traveti
- outros (especificar) _____

50. Qual é o rendimento médio das costureiras? _____

51. É viável para a empresa a formalização das costureiras? Sim () Não ()
Por que? _____

Outras informações

52. A empresa se utiliza de algum sistema de crédito?

- sim () não

Com que tipo(s) de instituição(es)? _____

Para que tipos de financiamentos?

- máquinas
- matérias-primas
- capital de giro
- compra de veículos
- outros. Especificar _____

53. A empresa mantém relações com:

- Associações comerciais e industriais.
- Universidades e Institutos de Pesquisa.
- Escolas técnicas.
- Prefeitura Municipal.
- Sindicatos.

Como o empresário avalia a atuação de tais instituições? _____

54. A empresa è associada a alguma delas? Sim () Não ()

Quais? _____

55. Existe cooperação entre as malharias do município? () sim () não

Especificar. Por que? _____

56. Quais as relações entre as malharias do município e as do circuito das malhas?

57. Existem legislações que auxiliem e/ou prejudiquem o setor de malharias? _____

58. Na opinião do empresário, quais são os principais problemas enfrentados?

59. Quais os principais problemas enfrentados pelas malharias em nível local e nacional? _____

60. Na opinião do empresário, o que deveria ser feito para melhorar o Arranjo Produtivo de malhas dessa cidade?

ANEXO II

Nome: Valter Alexandre de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Auro Aparecido Mendes
UNESP – Departamento de Geografia

Data __/__/____

Nome _____

Telefone _____

e-mail _____

1- Idade

- até 15 anos
- de 15 a 25 anos
- de 25 a 40 anos
- de 40 a 60 anos
- mais de 60 anos

2- Sexo:

- feminino masculino

3- Estado civil

- casado(a) solteiro(a)

4- Filhos:

- sim não

- 1 filho
- 2 filhos
- 3 filhos
- 4 filhos
- 5 ou mais filhos

5- Naturalidade

- deste município
- desse estado
- de outro estado

6- Há quanto tempo vive neste município?

- menos de 1 ano
- de 1 a 5 anos
- de 5 a 10 anos
- mais de 10 anos

7- Grau de instrução

- alfabetizado
- ensino fundamental – até 8º ano
- ensino médio – até 3º colegial
- ensino superior
- pós-graduação

- completo
- incompleto

8- Estuda atualmente?

- sim não

9- Trabalha com carteira assinada?

- sim não

10- Contribui com a previdência?

- não
- previdência pública
- previdência privada

11- Faz parte de algum sindicato?

- sim não

12- A mão-de-obra é realizada por encomenda?

- não, é para negócio próprio
- sim, totalmente por encomenda
- sim, principalmente por encomenda
- sim, parcialmente por encomenda

13- Você tem um outro trabalho?

- sim não

14- A mão-de-obra é seu trabalho principal?

- sim não

15- O Sr.(a) presta serviços a quantos contratantes?

- 1
- 2
- 3
- mais de 3

16- Onde se localiza(m) a(s) empresa(s) contratante(s)?

- no município
- no circuito das malhas
- em outros municípios do estado. Mencionar: _____
- em São Paulo capital
- fora do estado. Mencionar: _____

17- Qual o tipo de mão-de-obra realizada?

- confecção da peça inteira
- remalhadeira
- costura
- bordado
- acabamento
- overloque
- tecelagem
- traveti
- outros (especificar) _____

18- A(s) máquina(s) que você utiliza é de propriedade:

- própria
- do(s) contratante(s)
- emprestada

19- A aquisição das matérias-primas é de responsabilidade:

- do contratado
- do contratante
- parte do contratado e parte do contratante

20- Há quanto tempo dedica-se a esse tipo de trabalho?

- menos de 1 ano
- de 1 a 5 anos
- de 5 a 10 anos
- mais de 10 anos

21- Horas semanais dedicadas ao trabalho:

- até 10h
- de 10 a 20h
- de 20 a 30h
- de 30 a 40h
- mais de 40h

22- Qual o rendimento que pode ser atingido por hora de trabalho?

- até 3 reais
- de 3 a 5 reais
- de 5 a 10 reais
- acima de 10 reais

23- Qual o rendimento total no final do mês?

- até meio salário mínimo
- de meio a 1 salário mínimo
- de 1 a 3 salários mínimos
- de 3 a 5 salários mínimos
- acima de 5 salários mínimos

24- A mão-de-obra realizada pelo sr.(a) é:

- a única fonte de renda da família
- a principal fonte de renda da família
- uma renda complementar da família

25- Os membros da família dedicados à produção são:

- pai
- pai e filhos
- mãe
- mãe e filhos
- pai e mãe
- pai, mãe e filhos

26- Qual é a principal razão em trabalhar na produção de malhas a domicilio?

- maiores ganhos
- garantia de trabalho
- flexibilidade de horário
- falta de outras oportunidades
- prazer

27- Qual(is) o(s) período(s) do ano em que você trabalha?

- o ano todo
- de Janeiro a Março
- de Abril a Junho
- de Julho a Setembro
- de Outubro a Dezembro

28- Em qual período do ano há mais trabalho?

- de Janeiro a Março
- de Abril a Junho
- de Julho a Setembro
- de Outubro a Dezembro

29- Na opinião do Sr(a), quais são os principais problemas enfrentados pelas malharias da cidade atualmente?

30- O que poderia ser feito para melhorar as condições de trabalho?

31- Faça uma avaliação do APL do Circuito das malhas.
